Inédita
Implacável
Polêmica

A lista dos 20 melhores discos do pop-rock brasileiro

SHOWBIZZ

5561/1 • ANO 12/ Nº 02 • FEVEREIRO • EDIÇÃO 139 • R$ 5,00

entrevistas exclusivas

Smashing Pumpkins

David Bowie

Prince

e+

Madonna

Pet Shop Boys

U2

Courtney Love

Como a viúva de Kurt Cobain vendeu a alma para Hollywood

Esta revista também contém Carla Perez...

ALIMENTÍCIO

Elma Chips

NOVO DORITOS QUEIJO NACHO.

VOCÊ VAI FICAR DE BOCA ABERTA, FECHADA, ABERTA, FECHADA...

DORITOS.
VOCÊ VAI FICAR MALUCO POR ELE.

Na Planet Music chove muito.

Chove instrumental.

Chove dueto.

Chove trilha.

Chove jazz.

Chove gospel.

Chove banda.

Chove voz.

Chove musical.

• São Paulo • Americana • Campinas • Campos do Jordão • Indaiatuba • Jundiaí • Marília • Ribeirão Preto • Rio de Janeiro

Chove ao vivo.

Chove unplugged.

Chove coletânea.

Chove fusion.

Chove hit do momento.

Chove swing.

Chove clássica.

Chove ritmo.

Chove astral.

Chove samba.

(e não adianta se esconder).

• Niterói • Belo Horizonte • Juiz de Fora • Cachoeiro de Itapemirim • Campo Grande • Curitiba • Fortaleza • João Pessoa • Maceió

PLANET MUSIC

We speak music.

Pauta

38 OS 20 MAIORES DO POP/ROCK NACIONAL

Uma legião de respeitáveis críticos elegem os discos brasileiros mais importantes neste gênero: e deu Titãs!

22 O RAPPA
Uma bizarra sessão gastronômica com os reggaemen cariocas

32 FERNANDA ABREU
Em fase "Eu sou neguinha", ela antecipa o próximo disco

34 MADONNA
Capturamos a cantora promovendo Evita cercada de jornalistas baba-ovo

48 PRINCE
O cantor abre as portas de sua toca e fala sobre o novo disco

SMASHING PUMPKINS 26

Billy Corgan revela como o grupo sobreviveu depois da saída do baterista Jimmy Chamberlin

52 DAVID BOWIE

Ao contrário de Michael Jackson, cada vez mais normal com o passar dos anos

58 CARLA PEREZ

A loiraça do É O Tchan cria uma nova dança: na boquinha da guitarra

SEMPRE EM SHOWBIZZ

10 CANAL BIZZ
As fãs de Rodolfo (Raimundos) e Alanis

12 BIZZES
Os novos de U2 e Oasis, a última do Silverchair

42 ONZE PERGUNTAS
Neil Tennant, do Pet Shop Boys, escancara sua homossexualidade

44 PLAY
David Bowie, Paulinho da Viola, Björk, Carl Perkins, Beavis & Butt-Head

74 REPLAY
Paulinho Da Viola, pacotão de surf music, Roy Orbison e The Who

80 LETRAS TRADUZIDAS
"Sympathy For The Devil", dos Rolling Stones

82 ENJOY IT
Uma sessão de videocacetadas com as melhores fitas de rock

85 TESTE
Bote na berlinda seus conhecimentos sobre tecno

86 + BIZZES
Crise no Sepultura, Freddie Mercury, Bon Jovi

90 DISCOTECA BÁSICA
The Harder They Come, trilhão de reggae da melhor qualidade

16 COURTNEY LOVE

A viúva de Kurt Cobain larga o passado de escândalos para brilhar nas telas de Hollywood

Se você comprou a edição anterior de SHOWBIZZ, deve ter sentido algumas mudanças, sutis diferenças que a partir deste número se consolidam na revista. Uma delas está nas *Letras Traduzidas*, que agora, além de traduzidas, são comentadas e – até onde isso é possível – explicadas. Temos também uma nova seção inserida nas margens de *Bizzes* e *+ Bizzes*: *Alien – notícias de outros mundos*, com notinhas sobre comportamento, cinema, quadrinhos e outros assuntos relacionados à cultura pop.

A música não sai perdendo nem dois centímetros com isso. Esta é provavelmente a melhor SHOWBIZZ que já conseguimos fazer, juntando numa mesma edição belíssimos textos sobre grandes artistas. Nosso correspondente internacional em Los Angeles José Emilio Rondeau nos brinda com entrevistas exclusivas com Billy Corgan, do Smashing Pumpkins, e Prince, além de relatar o circo da imprensa em torno da intocável estrela Madonna. De minha parte, tive o prazer de conhecer pessoalmente um grande ídolo, David Bowie, e contar sobre seus charmes terrenos. Na matéria de capa, ainda com a ajuda de nosso incansável homem em L.A., mostramos a revolução de imagem por que passa a querida Courtney Love.

Se você acha pouco, confira a enquete inédita que fizemos entre os maiores críticos do Brasil para aprontar a lista dos melhores discos do pop/rock nacional de todos os tempos. Acompanhado por comentários de colaboradores de primeiríssimo time como Tárik De Souza, Joaquim Ferreira Dos Santos e Antonio Carlos Miguel, o resultado é um convite à discussão. Converse com os amigos e não se acanhe: mande sua lista pra cá também...

Aquele abraço,
Pedro Só

Parada da Redação
Os sons que rolaram enquanto a gente fazia esta SHOWBIZZ

Neil Young – *Harvest*
David Bowie – *Earthling*
Paulinho Da Viola – *A Dança Da Solidão*
Mutantes – Mutantes
The Beatles – *Anthology 2*
The Queers – *Love Songs For The Retarded*
Ed Motta – *Ao Vivo No Rio*
A Cor Do Som – *Frutificar/Transe Total*

Stamp Rock Wear

EXCLUSIVO NO BRASIL — PRODUTOS OFICIAIS — FABRICADO SOB LICENÇA

ESTAMPAS APROVADAS PELAS BANDAS

ALTA QUALIDADE

TAMANHOS P, M, G

RECEBA PELO CORREIO

ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL.

PAGUE AO RETIRAR

DESCONTO ESPECIAL PARA REVENDEDORES

SOLICITE INFORMAÇÕES POR CARTA OU TELEFONE

TEL.: (011) 299.7478

ATENÇÃO.: É PROIBIDO O USO DE TODA E QUALQUER IMAGEM DOS ARTISTAS AQUI VEICULADOS. OS INFRATORES ESTARÃO SUJEITOS AS PENALIDADES PREVISTAS EM LEI.

TS 200
IRON MAIDEN

TS 201
DOORS

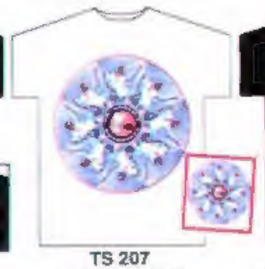
TS 202
LED ZEPPELIN

TS 203
RAMONES

TS 204
PINK FLOYD

TS 205
PANTERA

TS 206
DOORS


TS 207
JIMI HENDRIX

TS 208
IRON MAIDEN

TS 209
LED ZEPPELIN

TS 210
PANTERA

TS 211
DOORS

TS 235
MADONNA

TS 213
DOORS

TS 214
IRON MAIDEN

TS 215
RAMONES

TS 216
LED ZEPPELIN

TS 217
DOORS

TS 218
IRON MAIDEN

TS 219
BIOHAZARD

TS 220
DREAM THEATER

TS 221
PRIMUS

TS 222
HOLE

TS 236
BIOHAZARD

TS 224
MADONNA

FABRICAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO SOB LICENÇA EXCLUSIVA DE WINTERLAND PRODUCTIONS. EXCETO "SEPULTURA" SOB LICENÇA EXCLUSIVA DE BLUE GRAPE.

TS 225
DOORS

TS 226
RAMONES

TS 227
PINK FLOYD

TS 228
LED ZEPPELIN

TS 229
DOORS

TS 237
PANTERA

TS 231
LED ZEPPELIN

TS 232
DOORS

TS 233
LED ZEPPELIN

TS 234
BEASTIE BOYS

TS 238
SEPULTURA

TS 239
SEPULTURA

TS 240
SEPULTURA

TS 241
SEPULTURA

LOJAS STAMP:

AV. S. JOÃO, 439 - 2º A. - LJ. 337 - S. PAULO - SP - TEL.: (011) 222.9984 - GAL. ROCK.
RUA 24 DE MAIO, 116 - TÉRREO - LJ.32/33 - SÃO PAULO - SP - TEL.: (011) 222.7015

RIO DE JANEIRO: REPRESENTANTE / PRONTA ENTREGA
ROCK'N'ROLL AV. AYRTON SENNA, 3000 - LJ 1012 - 1º PISO - B. DA TIJUCA
VIA PARQUE SHOPPING - TEL.: (021) 385-0312

R$ 22,00
CADA CAMISETA

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE.

ENVIE O CUPOM ABAIXO OU COPIA PARA STAMP:
RUA HELIODORA, 321 - 02022.051 - SÃO PAULO/SP

- NOME: _____
- END: _____
- CEP: _____ CIDADE: _____ EST: ___
- TEL: _____ ASSINATURA: _____

REF:	TAM:	REF:	TAM:	REF:	TAM:

VALOR TOTAL: R$ _____ + FRETE

Canal Bizz

FALE COM SHOWBIZZ. É DE GRAÇA!!!
0800-139-138
De 10h às 12h e das 15h às 18h.
Este é o seu canal na SHOWBIZZ.
Sugestões, críticas, dúvidas...

AXL self-service

Axl finalmente assumiu que sempre quis ser igual à sua ex-namorada modelo e fez uma cirurgia colocando dois melões em seu corpo.
Vinicius Marcondes – São José dos Campos, SP
De onde você tirou essa história, Vinicius? Aliás, você tem tomado o que ao acordar?

ATITUDE!!!

Não reclamo contra revista que é perfeita, mas do nosso amado, bom e velho rock! Será que são necessárias as voltas de tantos Sex Pistols da vida? Até quando vamos ter de atu*rar* como idolos, punks modeminhos de cabelos vermelhos? John Lennon, Kurt Cobain e Renato Russo não voltam mais. É claro que Lou Reed exagerou naquela história de tão duradouro quanto Shakespeare, mas que escrevam letras não-descartáveis. Não quero escutar banalidades, quero atitude!!! E isso significa ter coragem de reclamar e dizer o que pensa.
Rodolfo Ambiel – Bragança Paulista, SP
Falou e disse.

Fã-clubes

The Metallica Brazilian Empire
Rua Prof. Caixito Sales, 611, CEP 86400-000 – Jacarézinho, PR

Paralunáticos (Paralamas)
Rua São Joaquim, 526, CEP 31035-470 – Belo Horizonte, MG

Pato Funzine (Pato Fu)
Rua Uruguai, 218/apt.704, CEP 20510-060 – Rio de Janeiro, RJ

Fã Clube Gling-ló (Björk)
Caixa Postal 1344, CEP 50001-970 – Recife, PE

erremos

Na edição passada, o VJ da MTV Rodrigo Durão foi creditado como Rodrigo Leão na seção *Discoteca Básica* • O nome do ex-vocalista do Iron Maiden é Bruce Dickinson, não Dickson como foi escrito em *Bizzes*

Mordendo a maçã

Gostaria de reforçar o pedido que a leitora Marciene Rocha fez na edição passada: quero uma reportagem com a banda Eva.
Vagner – São Paulo, SP

Achei que a resposta que vocês deram à leitora Marciene Rocha muito debochada. Não sou fã da banda Eva, mas por se tratar de música, deveria ter espaço numa revista tão democrática como a SHOWBIZZ.
Renato Neves – Rio de Janeiro, RJ

Marciene Rocha, caso você não tenha percebido, SHOWBIZZ só dá atenção a Raimundos e afins. Desista da Banda Eva! Eu também gostaria de ver Kid Abelha e Engenheiros na revista e... nada!
André Paschoal – Caxias do Sul, RS
Andrézinho, meu amigo, parece que você anda comprando outra revista... Dá uma olhadinha nas edições passadas, vai? Amantes da Eva, tranqüilizem-se: quem sabe também damos uma mordidinha na maçã.

Quero te provar

Leitoras enlouquecidas sonham com o gostinho da rapadura do Rodolfo Raimundo

Rodolfo é mais que um tesão!!! Ele é, sei lá, rústico, meio selvagem... Um animal!!! Ah, euzinha com um animal daqueles... Pensando bem, eu queria mesmo é fazer uma jam session com o Canisso, o Digão e o Fred também!!!
Mariana – Belo Horizonte, MG

Conheci a Ingrid, a namorada do Rodolfo. Eu não sei como ele pode gostar dela!!! Ela nem é bonita!!! Pelo menos, eu não acho!... Sabe, estive na gravação do clip de "Puteiro Em João Pessoa" e vi a Ingrid no telefone, dando risada e falando coisas do tipo "lógico que eu vou viajar...", cheia de ironia. Estou rezando para esse namoro acabar...
Tatiana Diniz (de novo!!!) – São Paulo, SP

Fiquei morrendo de raiva quando li em SHOWBIZZ uma menina (*a leitora Tatiana Diniz*) se declarando para o Rodolfinho. Ninguém o ama mais do que eu,.. Nem a namorada dele!!! Rodolfo, você é a minha razão de viver.
Jéssica Kakuiti – São Bernardo, SP

Rodolfinho, segundo Mariana

Não sou nenhuma Angeli, mas desenhei o Rodolfo porque eu amo ele (*sic!*). Um beijão para vocês da SHOWBIZZ e para o meu querido Rodolfinho, é claro.
Mariana Albuquerque – Niterói, RJ

Ficamos putas da vida com o título da matéria daquelas coisas que vocês classificaram como Raimundas. Pô, esse é o nome do nosso fã-clube e somos cinco garotas que não têm nada a ver com elas.
Adriana, Cristiane, Leila, Rafaela e Renata – Domingos Martins, ES
Pra que tanto ódio, meninas!!! As Raimundas (as nossas) são tão bonitinhas...Vocês também podiam mandar umas fotos para cá, né?

Demasiada!!!

O mundo é de Alanis... A reportagem exclusiva de Alanis Morissette no Brasil estava D+!!! Adorei mesmo!
Patrícia Weissinger – Sta. Bárbara do Oeste, SP

MA-RA-VI-LHO-SA a matéria com a Alanis. Tinham coisas sobre ela que nem eu – que sou a maior fã dela – sabia.
Thaís Tardone – São Paulo, SP

SHOWBIZZ fez a melhor reportagem sobre a Alanis que li até hoje. Vocês foram brilhantes!!!
Sáphire Neto – Santos, SP

A matéria da Alanis estava ES-PA-LHA-FA-TO-SA!!! Ela é linda!!! Também estou impressionada com as fotos do Jorge Rosenberg e com o talento do Robert Halfoun.
A Alanis e o Rô são D+!!!
Letícia Borges – Suzano, SP
Alanis realmente arrebentou quando passou por aqui e elogios sempre caem bem... Mas Rô é D+, né?

PENSADOR DO MÊS

"Eu acredito em Björks"
Rani Morissetta – Rio de Janeiro, RJ

Quer uma camiseta de SHOWBIZZ? Mande a sua foto e um pensamento bem delirante sobre música. A melhor frase leva!

MADONNA, MEU AMOR

Não sei quais são os critérios de avaliação de Pedro Alexandre Sanches. *Evita* é só uma trilha sonora, não é o disco novo da Madonna. Compará-lo com os trabalhos anteriores dela, aí sim é covardia...
Luiz Alfredo Ribeiro – Poços de Caldas, MG

Toda reportagem sobre Madonna é sempre assim, estão sempre jogando pedras... O gosto musical das pessoas não combina com o da revista.
Karla Primo – João Monlevade, MG
Engano seu, Karla. Primeiro, SHOWBIZZ não tem gosto musical. As opiniões publicadas nas críticas de disco são responsabilidade exclusiva do jornalista que escreveu o texto. Outra coisa: por favor não confunda críticas com reportagens...

RAPAZ SOLTEIRO DIVIDE

Me senti avitado ao ler a crítica em que o jornalista Zeca Camargo diz que o CD *Bilingual*, dos Pet Shop Boys, só serve para "enfeitar mesa de centro de rapaz solteiro". O deboche não combinou aqui, registro a minha indignação.
José do Carmo Toledo (Prof. Universitário de Matemática da FUNREI) – São João Del Rei, MG

Dizer que *Bilingual* é "enfeite de mesa..." é a maior prova de bom gosto que um ser humano pode ter! É um caso de *different point of view*.
Pet Shop Boli – Campo Grande, MS

CAIA NA NOSSA REDE

SHOWBIZZ está ligadaça na Internet. Faça contato: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

Ô BUNDÃO!!

Este é o meu amigo sortudo que ganhou um agarrão da boazuda Gretchen. Só que ele é tão mané que tampou o bundão dela.
Rodrigo Salomon – Ribeirão Preto, SP

Esta é sua área. Discorde, concorde, elogie, desça o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Denuncie, mande desenhos, retratos de amigos, parentes ou inimigos, montagens, colagens, fotos desinibidas. Solte a franga, manifeste-se de alguma forma. SHOWBIZZ • CAIXA POSTAL 66157, CEP 05315-970, SÃO PAULO – SP

EDITORA AZUL

Fundador Victor Civita (1907-1990) | **Diretoria** Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran

Editor-Chefe: Pedro Só
Diretor de Arte: Rodolfo Tucci
Editores: Robert Halfoun e Sérgio Martins
Editores-Assistentes de Arte: Chico Max e Marco Antonio R. B. Cançado
Repórteres: Cláudia Grechi e Letícia Caimon
Correspondente: José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboram nesta edição: (Texto) André Gordirro, Antônio Carlos Miguel, Fernando Luna, João Carlos Pedroso, Joaquim Ferreira dos Santos, Jotabê Medeiros, Luis Antônio Giron, Marcos Sinnkoff, Marcus Veras, Otávio Rodrigues, Paulo Cavalcanti, Pedro Alexandre Sanches, Pedro Falcão, René Ferri, Ricardo Franca Cruz, Rodrigo Durão Coelho, Tárik de Souza, Thales de Menezes, Tom Leão, Wagner Filho

(Fotos) Ary Diesendruck, Gustavo Caldas, Jorge Rosenberg, Monique Cabral,
(Revisão) Márcia Villaça

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Regina Gianneti
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Ênio Vergeiro
Gerente de Publicidade: Afonso Palomares
Gerente de Marketing Publicitário: Cintia Mourão
Supervisora de Contas: Maria Luiza Marot
Contatos de Agência: Marcelo Catardi e Nádia Lappas
Contato Direto: Cristina Bertonha
Coordenação: Supervisor - José Soares
Coordenadora - Mônica Nicolau

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pallis
Gerente de Pesquisas: Silvia Campos

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zaita

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (ISSN 0104-1843, edição 139, fevereiro de 1997). **São Paulo – Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, tel. (011) 847-3000, Caixa Postal 66254, CEP 05479-900, telex (011) 83178, fax: (011) 847-3300. **Rio de Janeiro:** Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2505, CEP 20030-021, Castelo , tel: (021) 532-0013, fax: (021) 532- 1583/1458, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação, você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril-Assinaturas, Rua do Curtume, 769 – Lapa – CEP 05065-900 – São Paulo. – **Serviço ao Assinante:** tel. (011) 823-9222. **Números atrasados:** as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade do estoque, ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidora Dinap de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco - SP - fax (011) 868.3018, fone (011) 868.3038 (Dinap) E-mail: dinap.ne@email.abril.com.br, pagando com os cartões: Visa Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem.

ANER **Fotolito:** Bureau Azul, Proposta Editorial, Promocional IVC

Chegou a hora!!!

Novo do U2 pipoca mundialmente no dia 3 de março

Confirmado: *Pop*, o novo álbum do U2, será lançado mundialmente no dia 3 de março. Vem cheio de referências tecno (o DJ Howie B. chegou a ser anunciado como quinto integrante do grupo). Sortudos que já ouviram músicas como "Wake Up Dead Man"; "Super City Mania"; "Miami" e "Holy Joe" garantem que o álbum é dos mais porradas do grupo. "Discotheque", primeiro single, chegou às lojas dia 11 de fevereiro – data em que o U2 prometeu anunciar, em Nova York, seus próximos passos. Até o fechamento desta edição, a megaturnê de *Pop* começaria dia 18 de abril, em Miami. A excursão deve durar 15 meses, no mínimo, e passa pelo Brasil no comecinho de 1998. Informações extra-oficiais garantem que o U2 começou os ensaios do show em janeiro, em Dublin, na Irlanda. Conforme circula na Internet, o palco da nova turnê trará novidades: será um palco circular, no centro do estádio, com conexão para outros minipalcos em volta dele. O custo da turnê está estimado em 150 milhões de dólares e a promessa é que ela seja maior e mais inovadora que a deslumbrante ZOO TV. Bono Vox já declarou que agora o U2 provavelmente só tocará em estádios.

O U2 está na MTV com o clip "Discotheque", vestidinho como os gays do Village People

tecno romântico

São Sebastião Do Rio De Janeiro – provável título do novo álbum de Paulo Ricardo que sai em abril – mistura tecno, trip hop e jungle em canções de amor. "Parece difícil de harmonizar, mas a dimensão extrapola o barato do tecno e fica como uma balada do século 21", explica (!!!) Paulo. "Amor Em Vão", parceria com Herbert Vianna, é uma delas. O disco também conta com composições inéditas de Arnaldo Antunes e José Miguel Wisnik e uma versão de "Love Of My Life", do Queen, em português. A idéia surgiu depois que Paulo cantou a música – em espanhol – num tributo-latino ao grupo inglês.

Paulo Ricardo cai no tecno

"Samba não é tipicamente brasileiro. Música brasileira é indígena"
Carlinhos Brown, dizendo que quer apito, na *Folha de SP*

Alien

notícias de outros mundos

Seqüelas

● *Guerra Nas Estrelas*, o primeiro filme da histórica trilogia de George Lucas, acaba de reestrear nos EUA – com cenas inéditas e novos efeitos especiais – . Na seqüência, Lucas promete filmar mais seis episódios da série com o prólogo e o epílogo da saga.

Caipigringa

Algum inglês provou, aprovou e engarrafou. E saiu no Reino Unido a Two Dogs: garrafinha que mistura limão com vodka ou gin. É fraquinho (5,5gl), mas deixa bostinha. Obviamente a galera local já adotou a boa idéia.

Com secreção

● Humm... que cheirinho bom... Calcinhas usadas de colegiais agora estão à venda por computador. A home page Future World (http://www.futureworldtech.com) tem esse tipo de perversão e muito mais. Corre, corre, taradão...

qualé, seu guarda?

Daniel (em pé) foi pego dirigindo sem carteira

Ao fazer um *test drive* pelas praias de Santa Mônica (EUA) ao lado de Dave Navarro, dos Red Hot Chili Peppers, o *silverchair* Daniel Johns tomou uma dura da polícia americana e ainda colocou os amiguinhos de banda Ben Gillies e Chris Joannou na roubada. Eles também estavam no carro quando os canas pegaram Daniel fazendo círculos na areia com a caranga. O australianinho de 17 anos, apesar de ter carteira de motorista em seu país, não pode dirigir em outras praias. Preso, ele só foi liberado depois de dar um CD do Silverchair, uma foto e um autógrafo para a filha do policial.

Kiss chega ao Brasil em março

ELES VÊM MESMO!!!

Como SHOWBIZZ anunciou na entrevista exclusiva com o Kiss na sua edição de aniversário, em outubro, o grupo desembarca para fazer shows no Brasil este ano. Serão três apresentações em abril (inicialmente a banda viria em março, mas problemas com datas na Argentina atrasaram a turnê brasileira). Os shows rolarão em São Paulo, no Rio e em Curitiba. Não dá pra perder. Gene Simmons vomita sangue e voa, guitarras pegam fogo e os quatro mascarados flutuam sobre a platéia. Fora do palco, o contrato do show diz que o promotor do evento tem de se maquiar como um dos integrantes da banda. Mico à vista.

TIRINHOS NO GUNS

O sex pistol Steve Jones é temporariamente o novo integrante do Guns N' Roses. A pedidos do baixista Duff McKagan, seu parceiro no projeto paralelo Neurotic Outsiders, Jones foi dar uma mãozinha na pré-produção do novo disco, no qual deve participar em uma faixa. Enquanto isso, depois de sair do Guns por causa de uma briga com Axl Rose, Slash anda envolvido com cinema. Ele participa como ator e faz a trilha sonora do filme *Private Parts*, que estréia em março nos EUA.

Steve Jones (à dir.) foi pro Guns

Daniele mostra trabalho maduro em feira no Rio

melancia no pescoço

"Tecno é pra quem é radical!!!" Quem fala é Daniele Daumerie, ex-sra. Lobão, que mostrou ter muito peito e apareceu *au naturel* numa feira livre no bairro do Leblon, no Rio, para promover a nova fase de sua carreira. Ela virou cantora de tecno e para trabalhar seu retorno e o single "Rio Cyber City" está bolando uma série de aparições inusitadas. "Vou fazer *bungee jump* na ponte Rio-Niterói", adianta Daniele, que também quer escalar um prédio à la Homem-Aranha.

(André Gordirro)

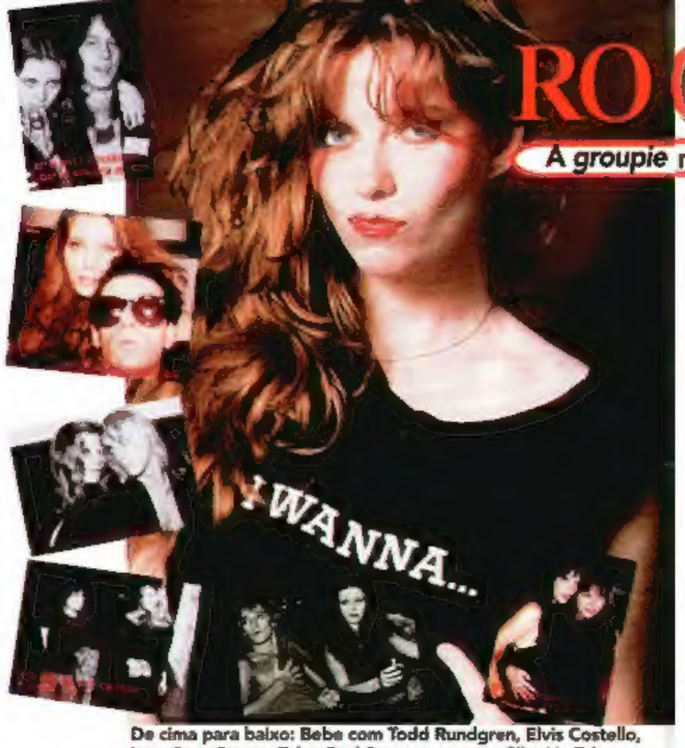
EXPERIMENTE O NOVO DORITOS

Samuel: pronto para dar canelada

SKANK F.C.

O clip de "Uma Partida De Futebol" só estréia em março, mas a SeleSkank está com a bola toda. Os mineirinhos agora têm equipamento profissa para dar suas caneladas. Criado e produzido pela Umbro, o uniforme é todo em vermelho e branco com escudo bordado no estilo dos clubes do futebol inglês. Por que vermelho e branco? "Por mim e pelo Henrique, seria azul, obviamente. Mas como o Haroldo e o Lelo são Atlético não dá, né? Resolvemos escolher cores que não têm nada a ver com nenhum dos dois clubes. A camisa reserva é verde e preta", conta Samuel. Tanto investimento agora tem de ser justificado dentro de campo. "Sempre somos os favoritos. Mas o Barão e o Cidade Negra também jogam legal", resume o centroavante. "Eu jogo avançado, quem volta para marcar é *roadie*!", dá de bico. Cruceel, muito cruel. A princípio, a roupa do Skank F.C. não será comercializada. (Rodrigo Durão Coelho)

"Não penso numa volta dos Engenheiros"
Humberto Gessinger,
jogando a toalha definitivamente,
no *Jornal do Brasil*



De cima para baixo: Bebe com Todd Rundgren, Elvis Costello, Iggy Pop, Steven Tyler, Rod Stewart e com a filha Liv Tyler

ROCK'N'RODO

A *groupie* mais rodada dos anos 70 fez uma coisa linda

O nome Bebe Buell não diz muito, certo? Errado. Hoje conhecida como mãe de Liv Tyler, Bebe é uma das *groupies* mais famosas da história do rock. Nos anos 70 ela rodou pouco. Passou só pelas camas de Mick Jagger, David Bowie, Iggy Pop, Jimmy Page, Rod Stewart, Elvis Costello, Jack Nicholson, Todd Rundgren e, é claro, Steven Tyler. "Aos 11 anos, a primeira vez que vi um show de Mick (*Jagger*), ele usava calça branca, o que deixava bem proeminente seu volume... Quando o conheci, sete anos mais tarde, ele me disse que deveria trocar Todd (*Rundgren, seu namorado na época*) por ele. Mas Mick dizia isso pra todas as mulheres!" Bebe continua a descrever seu currículo: "Bowie era um brincalhão nato e Elvis (*Costello*), meu Clark Gable. Com Iggy poderia ter tido mais do que uma aventura, se eu não vivesse com Todd e ele não tivesse tão fodido com drogas." Todd acabou sendo o pai postiço de Liv por onze anos, mas é por Steven que Bebe baba: "Ele é minha alma gêmea. Eu fiquei grávida quando ele olhou para mim."

PROCURADO. RECOMPENSA-SE BEM

Quem é você, bundão? Esta foto foi clicada durante a edição paulista do festival Close Up Planet, no final de novembro, e estamos procurando o dono da dita cuja. Vamos lá, amigo, dê as caras... Nos procure que você ganha uma camiseta de SHOWBIZZ.

OASIS NO VÁCUO

Os irmãozinhos Gallagher gravam em Abbey Road em busca de inspiração

Liam e Noel (*também no detalhe*) felizes em Abbey Road

O Oasis mais uma vez está no vácuo dos Beatles. O novo álbum do grupo começou a ser gravado no antológico Abbey Road, estúdio eternizado por uns tais Beatles. O semanário inglês *Melody Maker* invadiu o recinto e conseguiu as primeiras imagens das gravações. O ritmo, aliás, é bem lento. A cada duas semanas de trabalho, o grupo descansa uma. Agora parte para outro estúdio, dessa vez no interior da Inglaterra. "O lançamento desse disco no segundo semestre marca o início de uma nova era para o Oasis", proclama o satisfeitíssimo Noel Gallagher.

etno grunge

Mike, do Pearl Jam, experimenta

Tuatara é o projeto etno-jazzístico que reúne algumas das feras da cena de Seattle e ainda conta com a participação do guitarrista do R.E.M. Peter Buck. O primeiro álbum sai em março pela Sony. Liderado pelo guitarrista do Pearl Jam, Mike McCready, e pelo baterista do Screaming Trees, Barrett Martin, o grupo é definido pelos próprios como "jazz instrumental global". Barrett, que toca marimba no projeto, explica melhor: "A base é de jazz mas usamos elementos africanos. É tudo muito experimental..."

Porcaria na capa do CD dos Suínos Tesudos

Espírito de porco

A capa do CD de estréia da banda carioca Suínos Tesudos é uma legítima porcaria – no sentido toucinho da coisa. A imagem aí, inspirada numa cena do filme *Seven*, não é a do Gaguinho esperando a cenoura do Pernalonga. É o modelo peso-pesado Sérgio Luís, no melhor estilo "porque-nós-somos-mamíferos". Descoberto na bateria de uma banda de pagode, o sujeito trocou o "tchan" pela tarefa de posar nu e de quatro. "Foi meio esquisito, mas essa é a cara da banda", justifica Sérgio Luís, que agora quer se apresentar ao vivo com os Suínos. "Pô, eu sou um gordo tesudo, devia estar no palco com eles", choraminga o rabicó, com nítida vocação para mascote. (André Gordirro)

Alien

notícias de outros mundos

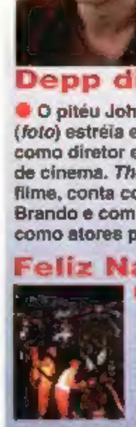
Infosex

● A revista inglesa *Sky* fez uma pesquisa para saber o que os jovens ingleses acham essencial num parceiro sexual: 14% dos entrevistados responderam que o parceiro deve ter disposição para experimentar tudo; 8,5%, que ele/ela deve ter boa técnica ao fazer sexo oral. Slurp!

Depp dirige

● O pitéu Johnny Depp (*foto*) estréia em maio como diretor e roteirista de cinema. *The Brave*, o filme, conta com Marlon Brando e com ele mesmo como atores principais.

Feliz Natal



● Dizem que, se e as bandas do pop brasileiro aderissem ao trio elétrico, mudariam completamente o conceito de show de rock mundialmente. O começo dessa brincadeira está acontecendo em Natal. Grupos como o Alphonria (*foto*), tocam reggae e rock em cima do caminhão. A galera vai à loucura. Fica ligado!

eu era assim...

Em seu novo filme, Courtney faz nu frontal. Também aparece posando de calcinhas e esfregando a genitália na câmera. Mas, na vida real, imagens como esta pertencem ao passado

Courtney Love na cama com duas mulheres? Injetando drogas? Nua e esculachada? Agora só no cinema

Nem toda atriz novata tem seu destino artístico selado por um voto do presidente da República Tcheca. Mas, também, nem toda atriz novata se chama Courtney Love. Quando o diretor Milos Forman ficou indeciso entre as três candidatas ao papel da esposa de Larry Flynt na cintilante cinebiografia do celebrado pornógrafo (criador da revista *Hustler*), decidiu embarcar para seu país natal, levando debaixo do braço uma fita-teste das moças.

Uma vez lá, reuniu-se com seu velho amigo, Václav Havel, chapinha de Lou Reed e de Frank Zappa - e presidente do país. E mostrou a Havel a tal fita-teste. "Ele entende inglês, mas não o bastante para entender toda e qualquer palavra", argumenta Milos, um senhor robusto, com pinta de fazendeiro, entre goladas de água mineral num restaurante italiano em Nova York. "Daí ele precisou julgar as três atrizes somente pelo aspecto físico e pelo que o rosto delas dizia. Quando mostrei a fita para Václav e a mulher dele, ambos enlouqueceram com essa menina."

Essa menina é Courtney Love, de experiência como atriz quase nula – foi uma punk gorducha em *Sid and Nancy* e atuou em *Straight To Hell*, neo-faroeste cult de Alex Cox –, mas dona de uma força de vontade leonina.

Saída do furacão de fofocas e baixarias resultante do trágico suicídio de seu marido, Kurt Cobain, talvez Courtney tivesse achado no cinema o caminho para um renascimento, uma reinvenção. Mudada por fora, pelo menos, ela está: **trocou a cor dos cabelos, que, antes louros, agora cortados num estilo mais conservador, passaram para um castanho sóbrio. E veste-se com terninhos escuros, enfeitados por colares de pérolas.**

Não que tenha sido uma transição especialmente fácil, como conta a própria Courtney, sentada ao lado de Forman no restaurante. "Eu preciso desabafar: no começo, foi muito atemorizante", ela anuncia, referindo-se a seu trabalho em *O Povo Vs. Larry Flynt*, ao lado de veteranos como Milos - responsável por clássicos do cinema como *Um Estranho No Ninho*, *Hair* e *Ragtime* – e o ator Woody Harrelson – que faz Larry no filme. "E foi disso que eu mais gostei. Foi de dar medo, mesmo. O tempo inteiro me sentia deslocada, mas às vezes me sentia bem e segura."

O personagem de Courtney, a ex-stripper Althea, adicionava um peso extra: na tela, aparece conquistando Larry com sua personalidade forte e seu tino empreendedor, só para, mais tarde, viciar-se em drogas injetáveis, definhar e morrer, aidética, afogada numa banheira. E Love pagou o preço por isso.

"Depois das filmagens, eu parecia uma retardada, durante os últimos quatro, seis meses. Não conseguia me relacionar com as pessoas. Dói me ver pirando no filme, me enfeiando da maneira como me enfeiei. É assustador de verdade."

Fazer cinema regularmente é algo que não está nos planos imediatos de Courtney. "Se for o filme certo e o diretor certo ... não gasto muito tempo pensando em fazer cinema. Só fiz *O Povo Vs. Larry Flynt* porque era o projeto certo."

Courtney não teme a maldição que afetou outros astros de rock que tentaram fazer sucesso também no cinema - Mick Jagger, Sting, Cindy Lauper - , argumentando que "estive em meio a coisas revolucionárias na cultura pop, portanto, se algo ainda não foi tentado, não quer dizer que não possa. O que me parece uma maneira muito boa de pensar, porque antes eu achava 'se fulano nunca conseguiu...', entendeu? Mas mudei, e não penso mais assim." Além disso, "todo ator que eu conheço quer ser astro de rock", diz ela. "E todo astro de rock que eu conheço está muito contente sendo astro de rock. Deve haver alguma boa razão para isso, portanto continuarei sendo quem sou por mais algum tempo." »

Courtney na première de *O Povo Vs. Larry Flynt*, com glamourosa produção no estilo *Vogue*

...fiquei assim...

...recaída!

Atriz respeitada em Hollywood ou não, Courtney é sempre Courtney

Depois de posar para um editorial de moda da *Vogue*, Courtney brigou com a revista. Ela diz que pretende se casar de novo (no centro, em cena do filme *O Povo Vs. Larry Flint*, ela ensaia com o ator Woody Harrelson) e fala que gostaria que o diretor Milos Forman *(com ela no alto, à direita)* fosse seu pai

"Que tipo de julgamento é esse que faz as pessoas acharem que, se alguém muda o cabelo e a cor do batom, vira imediatamente uma outra pessoa? Courtney está apenas alcançando o potencial que eu sempre soube que tinha." O palpite é de Michael Stipe, cantor do R.E.M. e amigo da viúva de Kurt Cobain. Ela também faz questão de negar firmemente: "Não estou tentando me reinventar de jeito nenhum!"

O desempenho de Courtney em *O Povo Vs. Larry Flynt* pode até lhe valer uma indicação para o Oscar (até o fechamento desta edição, a lista ainda não tinha saído). O Círculo de Críticos de Cinema de Nova York colocou Courtney entre as cinco melhores coadjuvantes do ano. Impressionado, o jornalista brasileiro Nelson Motta saiu do filme dizendo que ela está "maravilhosa". Oliver Stone, produtor do negócio, vê um bom futuro para a moça no cinema: "Ela não vai fazer papéis de mocinha, mas tem uma sexualidade crua incrível."

Existe, porém, uma sensível diferença entre a atriz que encara maratonas de 22 entrevistas seguidas no luxuoso Hotel Four Seasons, em Los Angeles, e a band-leader que fala à revista inglesa *Vox*, junto com seus colegas de Hole. Longe dos olhares da assessora de imprensa Pat Kingsley (a mesma de Demi Moore e de Tom Cruise), trocando o modelito Dolce & Gabbana por roupas de largadona, no bar do mesmo hotel, Courtney aciona o detonador.

Torpedo 1: "Estou pouco me fodendo se Krist (*Novoselic*) e Dave (*Grohl*) querem dar uma de nobres e não falar sobre Kurt. Eles não têm mesmo o que dizer, não lidavam nem um pouco com ele. Bem, Dave, ao menos, não convivia com Kurt. Acontece que meu melhor amigo, Pat Smear, toca no Foo Fighters, então para que ele não perca o emprego, prefiro não dizer nada. Aconselho David a manter Pat na banda. Do contrário, está f... na minha mão."

Torpedo 2: "Se você quiser ouvir a última palavra em homoerotismo, muito além de Capitão Kirk & Dr. Spock, procure o dueto de Kurt com Mark Lanegan (*do Screaming Trees*) no disco solo de Mark. Eles cantam 'In The Pines', do Leadbelly. São duas das vozes mais sexies do rock gritando um blues. Se eles fosse homossexuais..."

Torpedo 3: "Aquela música 'Common People', do Pulp, é forte. O resto do pop britânico é uma porcaria. Cranberries me dá nos nervos. Dolores é um *freak* cantando canções políticas *fake*."

Entre essas e outras, ela define a última gravação do Hole, uma cover de "Gold Dust Woman" (do Fletwood Mac) feita para a trilha do filme *O Corvo 2 – Cidade dos Anjos*, como "uma ótima música para fazer striptease". Como ela descobriu isso? Ensaiando um strip de verdade durante os ensaios. »

Courtney acaba de comprar um BMW usado. "Um novo seria muito pouco rock & roll." Milos Forman explica. "O mundo do rock trata seus ídolos de um modo diferente do cinema. Eles querem seus ídolos a [illegible]. Para fazer o papel de Althea, a [illegible] [illegible] [illegible] [illegible]. Mas [illegible] [illegible] pressões ao lado patricinha acabam quando o assunto é som. A única discussão entre Courtney e seu partner Woody Harrelson nas filmagens aconteceu quando ela quis ouvir uma fita da soturna alternativete PJ Harvey durante um intervalo. Woody [illegible] perguntado "que merda é essa?" e substituído por Alanis Morissette, Courtney engrossou a voz: "Tire [illegible] agora!"

Pode parecer estranho um cantora de rock virar atriz [illegible] da noite para o dia. Mas a experiência [illegible] dessa heroína como atriz começou quando ela ainda era adolescente. Fazia figurações como prostituta ou

Courtney, Woody e Edward Norton (que interpreta o advogado de Larry Flynt e com quem, segundo a imprensa marrom, ela andou tendo um caso)

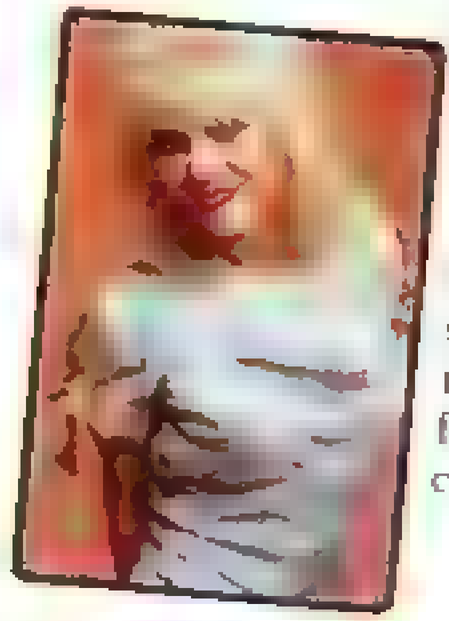
punk e saía feliz no fim do dia com 35 dólares no bolso. Quando soube que Alex Cox estava filmando *Syd & Nancy* (1987) fez de tudo para viver a namorada do [illegible] [illegible] com o papel de sua amiga [illegible]. Isso lhe rendeu um convite para o projeto seguinte de Cox. Mas *Direto Para O Inferno* era um western tão caidaço (disponível em vídeo no Brasil) que abortou a carreira de Courtney, empurrando-a para empregos como empregada doméstica (na casa do ator Dennis Quaid!) e stripper [illegible].

A volta ao cinema só foi possível depois que, já uma celebridade, a cantora ligou às 4 da manhã para a poderosa publicista Pat Kingsley e gritou: "Você aceita um desafio para sua carreira?" Pat aceitou. Agora, enquanto vê seu prestígio subir a [illegible] da crítica de *O Povo Vs. Larry Flynt*, Courtney ensaia com o Hole [illegible] de San Fernando, Califórnia, preparando um [illegible] disco [illegible] *Celebrity Skin*. "Vai ser um salto de qualidade de 180%", promete. E segue [illegible] usando convites para o cinema. O último era para viver Janis Joplin. "De jeito nenhum. Fazer uma estrela doidona e fodida como pensam [illegible]

Na pele da ex-stripper Althea Flynt (mulher de Larry, vivido por Woody Harrelson), Courtney aparece posando para ensaios glamourosos e em cenas de detonação

Não foi por acaso que, antes de dar uma chance à roqueira com longo histórico de abuso de drogas e pouca experiência como atriz, a produção de *O Povo Contra Larry Flynt* fez um baita seguro (que ressarciria até o diretor Milos Forman e o ator Woody Harrelson em caso de piti e falta de profissionalismo da colega) e obrigou Courtney a realizar testes de urina para checar a presença de drogas e álcool.

Sem beber há nove meses e até tentando largar o cigarro, ela se comportou direitinho. Nos trabalhos de divulgação do filme, porém, andou faltando a algumas sessões fotográficas. "Eu não quero ser uma diva. Mas tem dias em que você acorda se sentindo a Barbra Streisand", justifica a estrela. Milos Forman acha graça mas recomenda um tratamento para a síndrome de *Nasce Uma Estrela*: "Quando ela acordar se sentindo assim, deve assistir imediatamente um dos últimos filmes de Barbra para acabar logo com essa frescura."



Não quis viver Janis Joplin num filme: "Fazer uma estrela doidona como pensam que eu sou? Tô fora!"

Sangue latrino

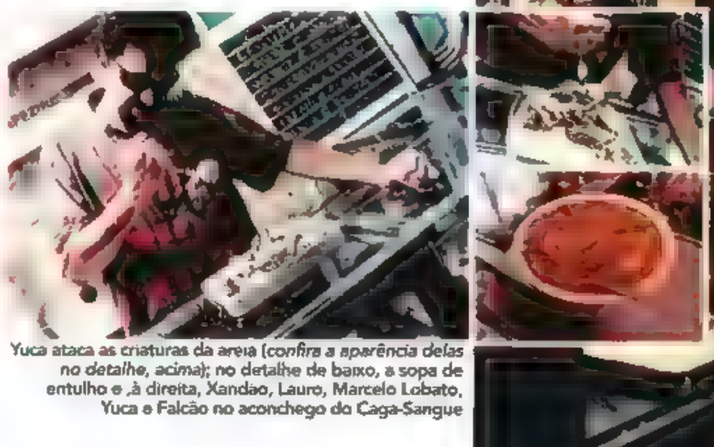
por JOÃO CARLOS PEDROSO
fotos GUSTAVO CALDAS

Conheça O Rappa em seu habitat natural, um pé-sujo carioca que é área de preservação de fauna e flora intestinais selvagens e onde reggae bom-moço não entra

Sol de rachar coco maduro na Leopoldina. Neguinho chega no infecto pé-sujo suando mais do que cego em tiroteio (todo mundo fala que o deficiente visual fica é perdido, mas ele também deve suar que é uma beleza) Como ninguém é de ferro e neguinho nao é ninguém, pede uma refrescante sopa de entulho para aliviar a barra: nacos de algum animal não-identificado bóiam num líquido avermelhado ao lado de nacos do mundo vegetal de procedência igualmente ignorada. Mas o cara deixa o botequim feliz e lampeiro e ainda volta no dia seguinte. Teimoso – o tal bar, que nosso sorvedor de sopa é maluco mesmo. Ele e a turma do Rappa, a melhor e única banda de reggae-bandido do país, que transformou o boteco merreca cercado de sujeira, putas e poluição por todos os lados numa espécie de point alternativo. Só que Falcao (voz), Yuca (bateria) Lauro (baixo), Xandão (guitarra) e Marcelo Lobato (teclados) preferem chamar a biboca por um codinome supercarinhoso: Caga-Sangue.

Caga-sangue, por sua vez, é nome de outro petisco da casa – duas fatias de pão velho que agasalham um bife à milanesa verde-musgo besuntado com polenguinho. "É da melhor qualidade", garante Falcão, que, num dia light (estava com bursite) escolheu uma Coca-Cola e generosas talagadas de pimenta como parcerias de sua sopa de entulho. O lugar foi descoberto pelo guitarrista Xandão, que ensaiava no Rio Comprido (perto dali) e um dia vagou pela madrugada até achar um fornecedor de cerveja gelada da boa. "Isso aqui não fecha. Lá pelas tantas ele jogam uma água e vão em frente", explica Xandão.

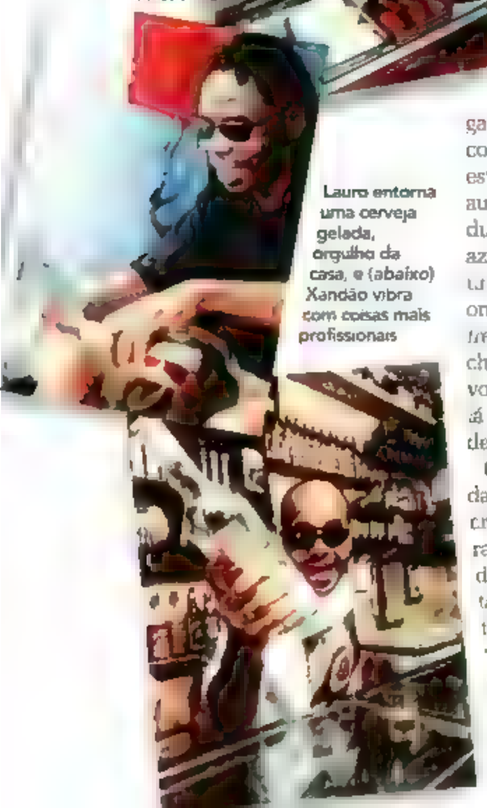
Mas que ninguém chegue nas redondezas perguntando onde fica o Caga-Sangue. Lauro, rei do suingue e da ingenuidade, fez isso da primeira vez e quase levou catinpapos de um velhinho. "Porra, você acha que o cara pode colocar uma placa na porta: Bar e »



Yuca ataca as criaturas da areia (*confira a aparência delas no detalhe, acima*); no detalhe de baixo, a sopa de entulho e ,à direita, Xandao, Lauro, Marcelo Lobato, Yuca e Falcão no aconchego do Caga-Sangue

Orelha de porco, jiló aperitivo, sopa de entulho... O cardápio indigesto traduz o som do Rappa

Marcelo Lobato irriga o bucho antes de adubar com algum dos acepipes expostos no balcão



Lauro entorna uma cerveja gelada, orgulho da casa, e (abaixo) Xandão vibra com coisas mais profissionais

Café Caga-Sangue?", cutuca Yuca. "Pô, mas vocês falaram, vale o dito." Não, Laurão, o que vale é o escrito.

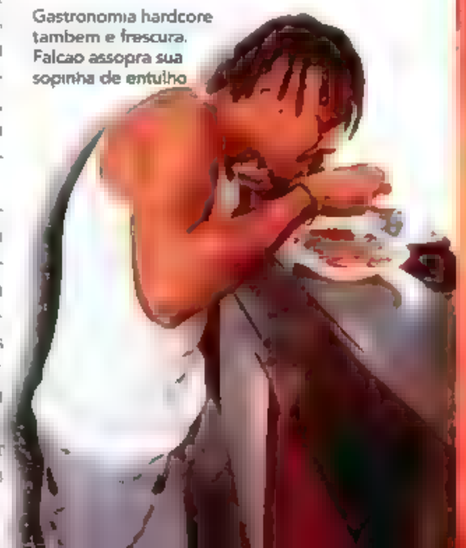
Seu Orlando, a barriga do seu Orlando (uma entidade com vida própria), o filho Júlio César e o dono Zé Candam das iguarias expostas na vitrine.

Dá uma viradinha na carne que é para o molho dar um brilho", orienta o vigilante Orlando. Não é mole dar conta daquelas delícias. Orelhinhas de porco fritas de uma crocância que deixaria o Dr. Spock com água na boca, criaturas da areia (carne seca cozida passada na farofa amarela); jiló aperitivo; frango assado degradê — tons variam do marrom ao bege; pedaços de algo que pode ser porco, mas também pode não ser porco e ai, só Deus sabe.

O cardápio indigesto é uma involuntária tradução do próprio Rappa, uma banda que nada tem da "bom-mocice do Skank nem da positividade" do Cidade Negra pós-Tom Garrido. Os caras fazem reggae e similares com peso e são bons de copo, estômago e papo. "Um dia a gente estava aqui de madrugada e chegou um australiano que resolveu arriscar um sanduíche. Eu estava meio doidão e resolvi azucrinar o cara quando ele espantou com a música do sanduíche: 'This fly lives on the river of the shit (*o Mangue, em frente ao bar*) She touch your sandwich, your food is contamined. You eat, you die'", conta Yuca. O inglês não era lá grande coisa, mas o Crocodilo Dundee deu no pira rapidinho.

O Rappa faz som com peso e criatividade, oficinas de iniciação musical para crianças em lugares como Vigário Geral e Parada de Lucas, grava Bezerra da Silva, toca para playboys e surfistas — como toda banda de reggae — mas tem uma coisa que o Rappa não faz: "oi, oi, oi, oi, oi". "A gente não vai pagar este mico, ficar fazendo musiquinha romantiquinha só para fazer sucesso. Nosso negócio é a cultura de rua, mas sem olhar de antropólogo. A gente é bem chegado em qualquer lugar, não fica que nem primo rico e abusado que trata todo mundo com falsa intimidade", filosofa Yuca, inspirado por um jiló aperitivo. "Não é amargo cara, juro." Pela pinta do bom-bocado deve ser verdade - provavelmente ele já perdeu todas as propriedades características de um jiló de verdade.

O Rappa anda demorando um pouco demais para emplacar. Parece encosto – e talvez seja mesmo. "A gente ficava viajando uma encruzilhada perto de um estúdio onde a gente ensaiava de graça. Toda semana pintava um despacho lá. Aí o Xandão disputava a garrafa de cachaça do despacho com um mendingo (*sic*), o Segue Normal ele vivia falando isso: 'Segue normal, segue normal'", lembra. Mas isso não dá azar? "Lógico, por que você acha que a gente está encruado desse jeito? Além disso, o Xandão tinha cabelo naquela época", lembra o tecladista. Zaquizuras à parte, o Rappa promete ter vida longa e próspera. E só a turma seguir o mandamento básico do rato de botequim, criado por Yuca: "Nunca come porco na rua que é furada." E jogar todas suas fichas na convicção do baterista: "A gente é muito bom."



Gastronomia hardcore também é frescura. Falcão assopra sua sopinha de entulho

O Smashing morreu. Viva o Smashing!!!

Billy Corgan conta como sua banda nasceu de novo e deu a volta por cima de uma tragédia

(Da esq. para a dir.) James Iha, Billy Corgan e D'Arcy: "Uma banda morreu, outra nasceu"

Billy Corgan está sentado numa cadeira de diretor, dentro do que era o centro de convenções do Hotel Ambassador, em Los Angeles. Fechado ao público, o Ambassador hoje funciona apenas como cenário de filmes ou de videoclips. E o trabalho de Billy hoje se encaixa na segunda categoria: estreando no ofício, ele dirige o clip de "Thirty Three", primeiro lançamento de *The Aeroplane Flies High*, caixote com cinco CD-singles – um total de 33 músicas, entre elas, raridades e cinco faixas inéditas: covers de "You're All I've Got Tonight", dos Cars; "A Night Like This", do Cure; "Dreaming", do Blondie; "Destination Unknown", dos Missing Persons; e "Clones (We're All)", de Alice Cooper.

Ao fundo, trilhas de filmes antigos criam clima, enquanto atores de preto e maquiados se movimentam lentamente, diante da câmera de uma fotógrafa russa. Assim, Billy está fazendo um clip sem *playback* e sem equipamento de vídeo ou de cinema. "A idéia era fazer um vídeo que

por José Emilio Rondeau, de Los Angeles

"Sem a nuvem negra que era o Jimmy, passamos a ver tudo de uma maneira nova"

Billy Corgan, D'Arcy e James lhe: a morte do tecladista Jonathan Melvoin fez com que rompessem com o velho amigo Jimmy Chamberlin

reproduzisse literalmente a letra da música, ao invés de uma interpretação do clima da música", explica Billy, enquanto a fotógrafa gasta um filme inteiro em questão de segundos, disparando direto, auxiliada por um motor eletrônico acoplado à câmera. "A musica tem quarenta frases", Billy prossegue. "Portanto, são quarenta cenários diferentes – e nenhum deles e repetido Amanhã vamos à praia, depois iremos ao Griffith Park."

O clip é construido exclusivamente com fotos, planos estaticos Em sequência no vídeo, elas resultam, segundo Billy, numa ' realidade nervosa

Se é que existe um momento oportuno para os Smashing Pumpkins serem ostensivamente artisticos o momento é agora diz Tivemos muito sucesso com os clips que fizemos para *Mellon Collie* e me parecia despropositado tentar fazer mais um daqueles *big* vídeos. Não há como a gente se dar mal: o disco já vendeu bem (*somente nos Estados Unidos foram vendidas mais de sete milhões de cópias*) Se o video for bem recebido, ótimo Se nao for, não terá atrapalhado nada

O momento atual na carreira dos Pumpkins é especialmente significativo pelo aspecto trágico que marcou o ano passado. **Primeiro, o tecladista Jonathan Melvoin morreu devido a uma overdose de heroína. Em questão de dias, a banda demitiu o baterista Jimmy Chamberlin, que estava com Jonathan quando ele morreu** – e que apenas por sorte sobreviveu à pureza da mesma droga que matou Melvoin

Semanas depois, numa dessas imensas ironias que a vida tem, os Pumpkins viveram sua maior glória dentro do business fonográfico, papando sete troféus dos melhores videoclips do ano na MTV

Várias vezes, ao longo dos dias que antecederam esta entrevista, a gravadora dos Pumpkins, a Virgin, deixou bem claro que Billy nao queria falar

Com ou sem overdose, o baterista Jimmy Chamberlin seria demitido

sobre a morte de Melvoin e a demissão sumária de Chamberlin, e que não responderia a nenhuma pergunta sobre o caso. Mas não passam 15 minutos antes que ele mesmo puxe o assunto

Para o artista, depois do acontecido, os Smashing Pumpkins não existem mais. "Quatro pessoas tocando juntas durante nove anos acabam virando um pequeno exército. E a saída de Jimmy realmente enfraqueceu isso, não existe mais clima de turma. Mas também fez com que James, D'Arcy e eu nos unissemos e passássemos a ver tudo sob uma perspectiva nova, sem a influencia – certamente negativa – de Jimmy. **Sem aquela nuvem negra pairando sobre nós, demos dois passos para trás, mas também demos dois passos à frente**", mede

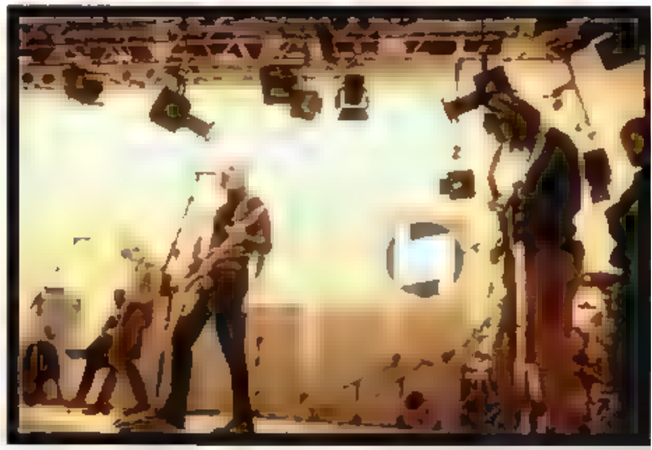
"Os Smashing Pumpkins, como existiam antes, são um assunto morto. A banda que fez vinte turnês pela Europa, tudo aquilo, é assunto morto. Não existe mais aquele grupo orgânico – e potente – de pessoas. Precisamos nos reformar sob um novo auspício e seguir em frente a partir daí. Tudo que estamos tentando fazer é concluir o ciclo *Mellon Collie*. Surpreendentemente, estamos conseguindo fazer isso bastante bem, em termos musicais – porque eu achava que fôssemos ratear. Encontramos um baterista muito bom (*Matt Walker, da banda Filter*)."

Billy ressalta que, com ou sem overdose, os dias de Jimmy na banda já estavam contados. "Fizemos *Mellon Collie* conscientes de que seria o último disco dos Pumpkins como as pessoas conhecem. Por bem ou por mal Jimmy sairia da banda de qualquer maneira. Mas a mudança talvez seja ainda mais radical. Porque tentar puxar quatro pessoas para o futuro é mais difícil que tentar o mesmo com três pessoas que já não tem mais aquela conexão, não são mais uma unidade."

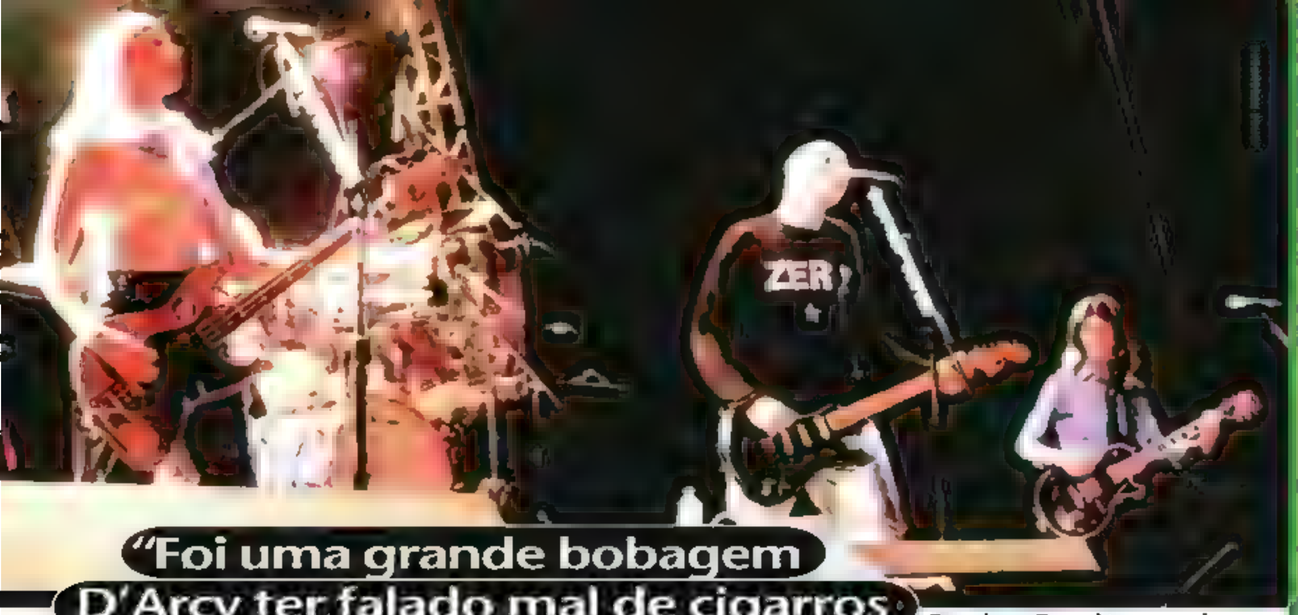
Chega a fotógrafa e começa a discutir com ele a fase seguinte do clip - a que o guitarrista chama de "sequência dos olhos". "Três abertos e três fechados", é a instrução de Billy. "Faça as fotos individuais, depois reúna todo mundo e deixe eles pirarem. Mas devagar." Ela: "É o que estou tentando fazer." Ele: "Tudo bem, deixa que eu mesmo faço, daqui a pouco."

A fotógrafa sai de cena e a conversa desvia para o grande sucesso dos Pumpkins, hoje a banda mais popular dos EUA. A escalada ocorreu "de uma maneira tão súbita que eu custei a perceber", diz Corgan "Na época de *Siamese Dream*, senti uma mudança", um aumento da popularidade que pareceu "meio estranho". E nos últimos seis meses, "parece que as coisas vêm ficando cada vez mais esquisitas a cada trinta dias"

"Eu sou reconhecido em todos os lugares onde vou. Isso, para mim, é uma aberração. Um ano atrás, acontecia só em lugares como lojas de discos. Agora vou a uma delicatessen, ou a um posto de gasolina, ou ao aeroporto, e todo tipo de gente, de toda e qualquer raça ou classe econômica, me reconhece. Avôs e avós vêm pedir autógrafos para os netos deles. É muito estranho, e isso me deixa grilado. É um bombardeio quase que constante", desabafa. "Fiquei muito pessimista – e muito cínico. Honestamente. Porque quando alguém me reconhecia na época de *Siamese Dream*, você sacava que aquela pessoa era fã de rock alternativo. Mas agora é tudo uma questão de celebridade e só. Tanto faz se sou eu ou Don Johnson (*o galã brega de* Miami Vice), não importa »



Sem Jimmy, os Pumpkins fizeram mais sucesso ainda



"Foi uma grande bobagem D'Arcy ter falado mal de cigarros no palco do Hollywood Rock."

Smashing Pumpkins no palco do Pacaembu, em 1996: Billy Corgan adorou a platéia

se as pessoas conhecem uma música que seja, não é uma relação pessoal, a questão toda é a celebridade "

Billy é lembrado do incidente envolvendo os Abóboras e a Souza Cruz no Brasil, em janeiro de 1996. No palco do Hollywood Rock, a baixista D'Arcy deslanchou um discurso anti-tabagista que desagradou Corgan de tal maneira que, mais tarde, correram rumores dizendo que o líder da banda teria chegado às vias de fato com ela. Rumores que ele desmente

"Foi uma tolice dela", lembra Billy. "Política é uma coisa, *business* é outra. Parte do problema foi que não sendo brasileiros, não sabíamos que Hollywood era uma marca de cigarro. Pensávamos que fosse apenas o nome do festival. Teria sido o equivalente a tocar aqui num festival patrocinado por Marlboro, algo que jamais faríamos. Conversamos antes do show, argumentando que talvez nunca tivéssemos conseguido tocar no Brasil, caso não existisse aquele festival. Eu disse a ela que não ficássemos grilados com aquilo "

Daí veio a bronca. **"O que me chateou é que os shows rolaram muito bem, não havia necessidade de dar baixaria. O público foi incrível, me diverti à beça. E o ato de D'Arcy estragou toda a viagem.** Isso é que me aborreceu. Foi um sucessão de erros, e acho que D'Arcy, se pudesse, provavelmente teria deixado tudo para lá." Com planos de voltar ao Brasil com os Pumpkins, Billy reflete sobre o incidente: "Olha, nos nove anos de banda, D'Arcy talvez tenha dito besteira no microfone umas duas vezes Eu fiz isso umas 150! Já mandei 70 mil pessoas se foderem na Bélgica. Quem sou eu para dizer o que é certo ou errado nessas circunstâncias? É rock n'roll, você está no palco, às vezes coisas acontecem. E ninguém se machucou: foram feridos apenas sentimentos."

O novo trabalho de Ilha e D'Arcy

- Ex-companheiros de cama e mesa, o guitarrista James Ilha e a baixista D'Arcy são parceiros nos negócios agora. Eles fundaram o selo Scratchie – arranhãozinho, em português – para lançar novos artistas.
- A dupla não fixa seu terreno de atuação apenas no rock. O Scratchie tem no cast artistas de dance music – como a Pancho Kryztal – e de dancehall.
- O guitarrista não quer saber de jogar dinheiro no lixo. "Eu não penso que minhas bandas irão vender cem milhões de discos, mas não quero que elas sejam conhecidas apenas pelos seus amigos."
- Ilha e D'Arcy apostam em grupos como Chainsaw Kittens, Frog (cujo EP, Starjob, foi produzido por Billy Corgan), Fountains Of Wayne e Fulflej.
- O Fulflej, aliás, é o grupo predileto de D'Arcy. "Eles serão GRANDES. São uns meninos legais, doces e inocentes", baba ela.
- Em tempo: os Smashing Pumpkins foram eleitos pelos leitores da *Rolling Stone* como artistas do ano de 1996. Ganharam também, como melhor banda e melhor single, com "1979".
- O grupo recebeu ainda sete indicações para o Grammy Awards (a premiação mais importante da indústria fonográfica americana), incluindo a de melhor álbum de 1996.

Pra você que tem reggae nas veias.

GRÁTIS
CD DE REGGAE

NAS BANCAS

APOIO TRANSAMÉRICA

REVISTA SHOWBIZZ ESPECIAL

"Eu sou meio neguinha"

Fernanda Abreu rebola duro com a Mangueira e cha ma novos batuques

Fernanda Abreu entra na roda da Velha Guarda da Mangueira: se derrubar é pênalti

Por João Carlos Pedreso • Fotos Monique Cabral

Ela parte numa "viajação trip hop samba funk" no ano que vem – e a expressão é da própria Fernanda Abreu, ainda encharcada de suor depois de tentar provar que é neguinha num show ao lado da Velha (e bota velha nisso) Guarda da Mangueira

"É um projeto paralelo que a princípio deveria se concretizar como disco ao vivo, gravado em três shows no Palace. Só que não gostei do material e resolvi fazer um balanço da minha carreira", explica.

O molho que vai garantir o remelexo nesse balanço fica por conta das participações especiais. "Queria ampliar meu referencial carioca, então convidei batuques interessantes de várias tendências." O som de tanto tambor junto promete: Chico Science dá um trato em "Rio 40 Graus", Carlinhos Brown timbaleia "Jorge Da Capadócia" e o samba "É Hoje" deve ficar da lata com o reforço de Ivo Meirelles e sua turma. Skank, Rappa e Planet Hemp, entre outros, também foram convidados para a ferveção.

Mas pera aí... canções de sucesso revistas por outros artistas? Isto não está com um cheirinho de tributo... ou autotributo? "Que isso, seria muita pretensão minha. Além disso, é bom deixar claro que não são eles que reinterpretam minhas músicas. São participações apenas, é um disco meu", conta ela, que cuidou pela primeira vez pessoalmente da produção

O vale a pena ver de novo de Fernanda não fica apenas no disco. A partir de junho, um espetáculo no estilo melhores momentos percorre as principais capitais. Além disso, vem aí um home video. Antes, em abril, ela vai abrir para o bombonzinho recheado Neneh Cherry num festival de primavera perto de Paris. "Vai ser o máximo, temos bastante coisa em comum." No embalo, roda por Alemanha, Suíça e Bélgica.

Tudo muito bom, mas... e o disco de carreira? "Tenho cinco músicas prontas. Vai ser mais radical do que o que tenho feito até agora." Mais radical em que direção, minha filha? "Vai ser meio acid samba, trip hop. Vai misturar tamborim com viajação trip hop, mas sem aquela coisa deprê." Entendeu? Bom para você.

Nelson Sargento gostou do suingue da Garota Sangue-Bom: "Fernandinha, Ú...ú... vem cá minha filha"

Olha, a Fernanda é uma gracinha, mostra garra e disposição e na hora de sambar, mas fica faltando algo. Sabe aquele jogador que cobre os espaços, segue as orientações do treinador mas, na hora de meter uma bola de rosca... Pois é, é assim o samba-no-pé de nossa carioca nota dez. Mas isso é opinião de carioca, que sempre acha que entende tudo de esquindô esquindô. Portanto, desconsidere. O encontro entre Fernanda e a Velha Guarda da Mangueira aconteceu no Ballroom, casa de shows em Botafogo, no Rio, que funciona onde ficava o mitológico Oba Oba de Sargentelli – templo do show de samba em estilo rodízio: carne de sobra e um bando de turistas babando em volta.

Antes de subir no palco, Fernanda pulava, escatava Arj, rei do tamborim, e convidava ao palco Nelson Sargento e seus dois únicos dentes. Viu Tia Zélia, pastora de 71 anos e olhar assanhado, requebrar as cadeiras (verdadeiras antigüidades) e descer quase até o chão no rebolado. Deve ter pensado: "Rapaz, o bicho vai pegar e não vai ser bicho pequeno não. Vai ser bicho grande, jacarézão." Mas foi só entrar em campo que a bola rolou macia. Mandou "Aquarela Brasileira", "Lendas Do Abaeté" e "É Hoje", conquistando definitivamente o Sargento Sapeca, que não queria deixar ela sair do palco. "Fernandinha...ú, ú...vem cá minha filha", gritava ele, cheio de alegria

Jogo encerrado, Fernanda era uma felicidade só. "Vi o outro lado da Mangueira. Antes só conhecia Ivo Meireles e a turma do Funk'n'lata. No começo fiquei um pouco nervosa, mas como sou meio neguinha mesmo, me adapto bem em qualquer lugar", disse ela, cheia de reverência – a tal ponto que preferiu nao posar sentada num surdo. "Que isso, esse instrumento é sagrado para eles, seria um desrespeito!" Fernanda não tem dúvidas sobre o que vai fazer quando for tão velha quanto a Velha Guarda. "Ah, vou cantar samba."

No melhor estilo Evita, Madonna encara jornalistas e só recebe elogios durante coletiva de imprensa

O cordão dos deslumbrados

O dia em que Madonna enfrentou "pessoas horríveis" e saiu toda babada

por JOSÉ EMÍLIO RONDEAU, de Los Angeles

Para badalar seu maior investimento em Hollywood, Madonna convocou a imprensa internacional ao cinema principal da sede do Directors Guild of America – associação de classe dos diretores norte-americanos – para uma tarde dedicada à divulgação de *Evita*, o musical de Andrew Lloyd Weber e Tim Rice, dirigido pelo especialista Alan Parker (veterano de filmes no estilo como *The Wall* e *The Commitments*).

Evita, o filme, é chatinho, sem graça (apesar da superprodução de 70 milhões de dólares); musicalmente, é um festival de cafonice e tudo parece saído de um disco do Meat Loaf (popstar balofo). Em compensação, a coletiva de imprensa para jornalistas do mundo inteiro (gente da Austrália, da Rússia, do Japão e, naturalmente, da Argentina) é divertidíssima.

Madonna, apesar de ainda se recuperar da gravidez de sua filha Lourdes Maria, está exuberante. Faz presença e intimida.

Os jornalistas, com raríssimas exceções, parecem todos acometidos de um caso coletivo de deslumbramento absoluto, deixando as perguntas de lado e balbuciando babadíssimas declarações de amor.

São posicionados dois microfones – um em cada lado do auditório – onde os repórteres formam filas para falar, conforme as instruções ríspidas de Liz Rosemberg, assessora da diva.

Madonna se comporta como uma rainha recebendo seus súditos para breves, mas disputadas, mini-audiências. Reage às perguntas com um misto de condescendência, ar de superioridade, simpatia protocolar (para as câmeras presentes) e enfado.

"Obrigado por terem vindo", diz, enquanto vislumbra sua platéia. "Todo mundo veio de muito longe?" Não, Madonna, alguns dos presentes são baseados em Los Angeles. "Ah, OK. Bem, então espero que vocês tenham gostado do filme e, antes de começar, gostaria de dizer que meu bebê vai bem, obrigada. Agradeço sua preocupação, mas seria ótimo se vocês restringissem suas perguntas a coisas ligadas à música e ao filme, e respeitassem minha privacidade."

Pimba! Com um só chute Madonna põe para escanteio o assunto mais quente do noticiário recente, o nascimento de Lourdes Maria Ciccone, deixando fora de alcance qualquer pergunta sobre a criatura eleita pela revista *Entertainment Weekly*, a centésima-primeira pessoa mais poderosa da indústria americana de entretenimento.

Como se os escribas presentes estivessem tão interessados assim em algo além de protagonizar um *lovefest* dos mais descarados.

"Meu nome é Joaquin Leuchi, do *Los Cuarenta Principales*, da Espanha", apresenta-se um jornalista mais velho, de cabelos brancos longos e em pé que o fazem parecer o irmão mais velho de Larry, dos Três Patetas. "Parabéns, porque, como atriz e como cantora »»

você merece o Oscar. Eu espero que você ganhe a estatueta!!!" "Obrigada", responde Madonna. "Eu também!", emenda. "E, por favor, diga algo especial para a Espanha", prossegue o pateta honorário. "Nós amamos você da Espanha", solta Madonna, muito política

O febeapá tem prosseguimento com a entrada em cena de um jornalista australiano do canal 9 de Sidney. Molly-Não-Sei-Das-Quantas, cuja característica mais marcante é sempre usar um chapéu preto de vaqueiro. Ele é "íntimo" de Madonna. Ela o reconhece imediatamente de bajulações – digo, entrevistas – anteriores.

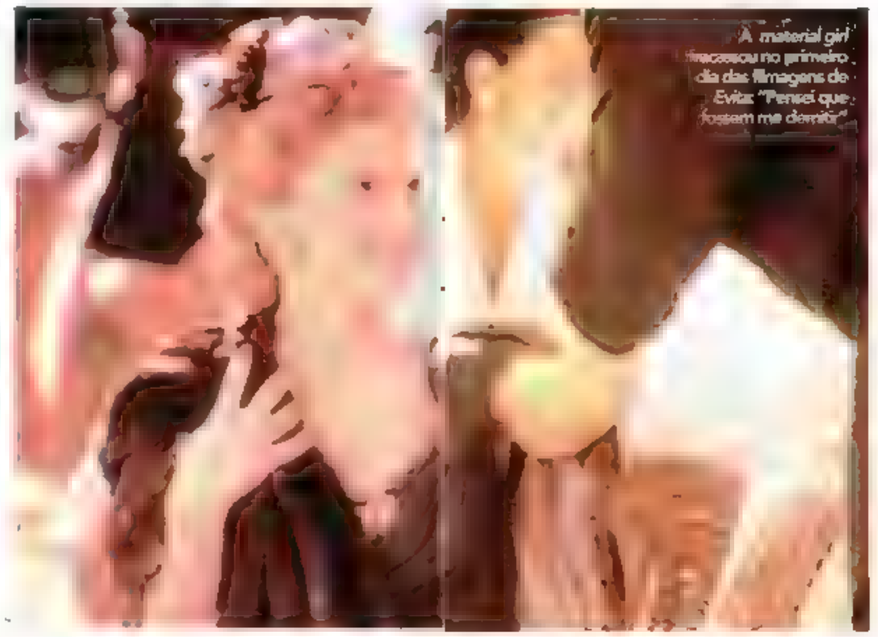
"Oi, Molly, tudo bem?", cumprimenta Madonna. "Oi, meu amorzinho, tudo bem?", arrulha o australiano, entre frêmitos subservientes. "Parabéns por um trabalho vocal impressionante", sai logo babando. E daí por diante, escorrega ladeira abaixo

Agora é a vez da representante russa mostrar a perestroika e deixar claro não ter vindo para entrevistar, mas para opinar. "Vi a montagem original do musical, com Elaine Page no papel de Evita, em Londres, muitos anos atrás, e acho o filme tão bom quando a peça, senão melhor", diz a jornalista, antes de acrescentar um toque de surrealismo a suas elucubrações. "Você se interessaria em representar alguma figura histórica da Rússia? Se interessa pela história de algum russo? Dostoiévski, talvez?"

Num precioso e bem-vindo momento de lucidez, alguém intercede e faz uma pergunta correta, pedindo a Madonna – perita em manipular os meios de comunicação, geralmente saboreando a possibilidade de estar à frente de uma controvérsia – para traçar paralelos entre sua vida e a de Evita. Madonna aceita a provocação: "Em comum com Eva? Ah, muito Christian Dior!" E, mais séria, recorda as atribulações passadas em Buenos Aires, quando a cidade recebeu a equipe do filme com cartazes de "Fora, Madonna!"

Madonna evita comparações: "O que eu tenho em comum com Eva? Ah, muito Christian Dior"

Bem mais magra, Madonna exibe boa forma após parir Lourdes Maria



'A material girl' fracassou no primeiro dia das filmagens de Evita: "Pensei que fossem me demitir"

'Fazer o filme com as pessoas protestando contra minha presença na Argentina durante as filmagens espelhava o que acontecera com Evita quando ela era viva", diz, antes de dourar a pílula consideravelmente "Foi o destino: uma situação perfeita. Mesmo exausta, nervosa, frustrada e assustada, me sentia muito sortuda." E continua a teorizar "As pessoas podem vir a traçar paralelos entre a minha vida e a de Eva Nós duas tínhamos 26 anos, ambas éramos muito corajosas, mas nossos objetivos eram bastante diferentes. No entanto, pude compreender a tristeza e a solidão de Evita. Ela cresceu sem um dos pais, mudou-se para uma cidade grande, Buenos Aires, onde não tinha parente algum, onde não havia ninguém que pudesse ajudá-la, que abrisse uma porta para ela. Quando já era adulta, todo o seu passado foi usado contra ela ou foi exagerado, distorcido ou incompreendido"

Madonna chega a insinuar que *Evita*, o filme, não faz justiça total à personagem-título. "Tenho maior simpatia e compaixão por ela do que o filme demonstra. Fui seduzida por ela"

Ela admite ter sofrido no processo de feitura do filme, não por causa da animosidade argentina – e de toda Hollywood, vale dizer –, mas por conta de suas próprias limitações. Pior que a primeira aula de canto de Madonna, em preparação para o filme –, da qual ela saiu chorando, certa de ser absolutamente incapacitada para o trabalho – só mesmo o primeiro dia de filmagem, apelidado pelo diretor Alan Parker de "A Segunda-feira Negra". "Pensei que Andrew Lloyd Weber fosse telefonar para me demitir", revela, humildemente

Lourdes Maria, enfim, é mencionada, depois de Madonna afirmar o quanto pretende reduzir sua carga de trabalho – os shows, em especial – para atender às tarefas familiares. "Minha filha será sempre minha prioridade número 1", diz. "Não sei como a maternidade afetará minhas turnês Escolherei mais criteriosamente meu trabalho, e só farei o que tiver muita vontade, muita mesmo"

O acesso momentâneo de profissionalismo dura pouco e é interrompido pelo representante da Argentina, determinado a se distanciar dos vilões – seus conterrâneos contrários a Madonna como Evita. Em especial, o jornal *La Cronica*. "Oi, Madonna, sou do canal 13, da Argentina", diz o rapaz alto e louro, curvando-se para conseguir alcançar o microfone. "Gostei muito do filme. Sua representação é ótima, meus parabéns. Não sou uma daquelas..." Ele pausa dramaticamente, antes de prosseguir: " pessoas horríveis da *Cronica*

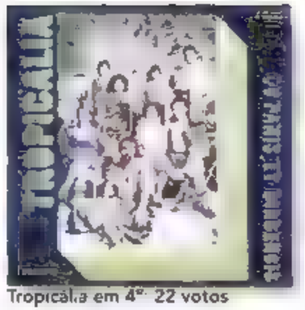
Ai, *Dios mio*...

Durante première de Evita na Europa a peruca chegou

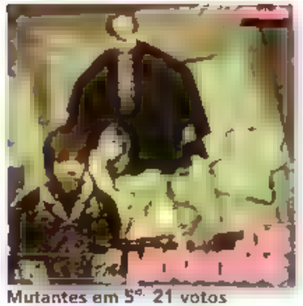
Cabeça Dinossauro, dos Titãs, foi o disco mais lembrado: 25 votos

Os Baianos em 2º lugar: 24 votos

Rita papou o 3º com 23 votos



Tropicália em 4º: 22 votos



Mutantes em 5º: 21 votos

Paralamas, 6º com 20 votos

Raul em 7º: 19 votos

os 20 maiores discos do pop/rock nacional

8º lugar, com 18 votos

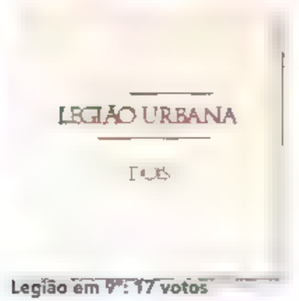
Luiz Me odia 18º com 11 votos

Jorge Ben 18º com 12 votos

A gente está cansado de conferir publicações trazendo listas de melhores discos de todos os tempos, sempre com destaque para os internacionais! E para os brasileiros, não vai nada? Por essas e outras é que SHOWBIZZ decidiu fazer a lista dos melhores discos brasileiros na categoria pop/rock.

O listão foi elaborado a partir do voto de 44 críticos/jornalistas especializados dos mais respeitados jornais e revistas do país... O critério ficou a cargo de cada jornalista. Por exemplo, se o jurado acredita que trabalhos de Novos Baianos e Jorge Ben, por exemplo, pertencem à categoria pop, tudo bem. Houve também quem preferisse considerar fora do gênero o trabalho deles, de Caetano Veloso e de Gil. De qualquer forma, artistas identificados com a MPB mais tradicional, o samba, a bossa-nova ou o forró ficaram de fora: você não encontra nada de Tom, Chico ou Gonzagão neste cânone do nosso rock.

Cada jornalista mandou sua listinha com vinte álbuns (sem ordem de preferência) e os votos – mais de 900 – foram computados pela Redação. Vários grupos dos anos 80 e muita gente boa ficou de fora – caso de Barão Vermelho, Sepultura e Skank. Outros artistas, como Lulu Santos, ganharam vários votos por discos diferentes e acabaram injustamente fora da lista final. Outros, como Alceu Valença, tido e havido como MPB, acabaram sem nenhum voto (e olha que houve até quem lembrasse de Daminhão Experiença!). Para comentar loucuras como esta, presenças e omissões, chamamos alguns craques da imprensa musical. Depois é com você...



Legião em 9º: 17 votos

10º para a Gang 90: 16 votos

Rei emplacou o 18º: 10 votos

Paralamas em 13º: 12 votos

RPM em 13º: 12 votos

Tim Maia em 13º: 12 votos

Chico Science em 13º: 12 votos

Robertão papou o 13º: 12 votos

12º para a Blitz: 14 votos

Ultraje: 11º com 15 votos

cabeça na cabeça

Obra-prima dos Titãs surgiu em tempos de vacas magras

por SÉRGIO MARTINS

Os Titãs estão reunidos na casa do baterista Charles Gavin, no bairro paulistano dos Jardins. O que era uma discussão de trabalho – a escolha do repertório do *unplugged* do grupo, cujas gravações começam em março – vira motivo de celebração. *Cabeça Dinossauro* foi o mais lembrado disco de pop/rock nacional na enquete de SHOWBIZZ. A lista inclui artistas de gerações anteriores, como Roberto Carlos (ícone máximo da Jovem Guarda), a leva tropicalista de Caetano, Gil e Mutantes e o tempero universal dos Novos Baianos; o soul carioca de Tim Maia e o pop inclassificável de Jorge Ben. Tem até companheiros de geração, como é o caso de Ultraje A Rigor, Blitz e Paralamas Do Sucesso. A década de 90 ganhou representação através dos tambores de Chico Science.

O grupo saboreia o listão por uns 15 minutos. Hora ou outra, alguém manda um comentário. "Olha só, o *Tábua De Esmeraldas*", exclama Nando Reis. "*Pérola Negra*, do Luiz Melodia. Esse disco é bom pra caramba", alegra-se Branco Mello. "Mas ninguém votou no *Jesus Não Tem Dentes?*", pergunta Marcelo Fromer. "É o meu disco favorito." OK, Marcelo, ele pode ser o número um da sua lista, mas nunca vai bater *Cabeça Dinossauro* nos quesitos crítica social, porradaria e canções.

Os próprios Titãs sabem disso. E não demoram muito para lembrar a época braba que antecedeu o lançamento de *Cabeça*. Primeiro, eles passaram de figuras simpáticas a vilões do país. Tudo por causa da prisão de Arnaldo Antunes por tráfico de heroína, em 1985. "Vários shows foram desmarcados por causa da repercussão negativa", lembra o guitarrista Toni Bellotto. Nando completa: "Tínhamos um *Bolinha* marcado e o cara do programa disse: 'Não queremos eles aqui'." O álbum anterior do grupo, *Televisão*, não rendeu o esperado. Os shows eram marcados pela falta de público. "Fizemos uma apresentação no Parque Lage (*Rio*) e não tinha ninguém", recorda Nando. "Em compensação, o Ultraje A Rigor tocou no mesmo local na semana seguinte e lotou de gente." "Estávamos no limbo", resume Bellotto.

A situação começou a mudar em 1986, durante os primeiros ensaios de *Cabeça*. Os Titãs fizeram uma demo no estúdio Vice-Versa (SP) com as músicas "Polícia", "Igreja" e "Homem Primata". "Depois ficamos sabendo que o Liminha estava interessado em produzir a gente", conta Charles. Inicialmente, os Titãs se mostravam receosos com o produtor. "Ele tinha a fama de mexer em tudo", revela Fromer. "Teve um dia que o Liminha começou a trabalhar no arranjo de 'Família' e eu saí puto do estúdio: 'Pô, ele mexe!'"

Hoje os Titãs acham que a maior contribuição de Liminha foi justamente não triscar nas músicas do grupo. "A gente chegou com o disco praticamente na mão", comenta Branco Mello. "Mas ele captou nosso som de uma maneira muito melhor do que já tínhamos feito em nossos discos ou shows." Lima deu o toque final em "Família" – que ele considerava um reggae "perneta" – e ajudou a montar os blips e tóins de "O Que".

O álbum não teve boa aceitação imediata. "Teve um locutor da Rádio Cidade que odiou 'AAUU'. Dizia que era coisa de débil mental", entrega Fromer. O bicho pegou mesmo nas apresentações de lançamento do *Cabeça Dinossauro*. Primeiro, em São Paulo, no antigo Projeto SP. Os Titãs lotaram a casa por duas semanas. No Rio, o grupo descobriu ter uma grande leva de fãs – muitos em plena sincronia com a selvageria das letras do disco. O público destruiu o Teatro Carlos Gomes durante o show de lançamento. O sucesso do disco acabou por elevar a carreira dos Titãs. "*Cabeça* é um disco cujos arranjos estão modernos até hoje. O Sepultura pode até incrementar 'Polícia' com mais guitarras e tal mas a estrutura da canção ainda é moderna", explica Britto.

É por essas e outras que os Titãs estão a fim de comemorar. Passados quase 11 anos do lançamento de *Cabeça*, eles festejam como quem acaba de ganhar seu primeiro disco de ouro. Encharcam o fotógrafo Jorge Rosenberg de champanhe. E mesmo que um ou outro levante a bola de *Jesus Não Tem Dentes*, é Branco quem dá o atestado final para o sucesso da sua obra-prima. "Eu mostrei o disco para o Lobão e ele dizia que nós estávamos loucos, que era muito hermético", manda. "Eu disse: 'Só você não vai entender isso, seu mala. Ô, Lobão, logo você vem dizer que a gente é maluco!'" »

Os Titãs comemoram com champanhe a vitória de sua obra-prima

O DISCÃO FAIXA A FAIXA

CABEÇA DINOSSAURO
"No dia seguinte de um show, estávamos com uma ressaca que não tinha nome. Quando nos encontramos no ônibus, naquele estado de putrefação, tínhamos que achar um termo para aquela sensação." (Miklos)
"O Paulo começou a fazer a música e eu falei 'Cabeça Dinossauro'. De repente o Arnaldo, que tava dormindo, mandou 'Espírito de porco!'" (Branco)

AAUU
"Eu e o Britto fizemos essa. A gente tava sentado na pia, no fim da tarde. Teve uma hora que estava esquisito e a gente achou legal gritar qualquer coisa." (Fromer)

IGREJA
"Quando saiu *Je Vous Salue Marie*, o Roberto Carlos escreveu um artigo na *Folha de S. Paulo* apoiando a censura. Paulo e o Arnaldo estavam preocupados com a repercussão dela." (Nando)

POLÍCIA
"Foi inspirada no evento da nossa prisão. Eu tava deprimido ouvindo The Clash e pensei em usar a polícia como tema de uma música. Saiu de sopetão." (Bellotto)

ESTADO VIOLÊNCIA
"Ela se chamava 'Homem Palestino' e pertencia ao repertório do Ira! Falava do massacre de Israel contra o povo palestino. Recebi até ameaças de uns judeus. Anos depois, eu fui visitar o Arnaldo na prisão e fiquei mal. O cara tava numa espécie de jaula. Fiz a letra rapidamente." (Charles)

A FACE DO DESTRUIDOR
"Era uma tentativa de bolar algo estranho. Ela tinha uma atitude punk. Chegando no estúdio, eu cantei e todos tocaram juntos. Pintou a idéia de liberar geral na harmonia da música." (Paulo Miklos)

PORRADA
"Saiu de uma farra na casa do Arnaldo. Até o Roberto de Carvalho estava nessa." (Sérgio Britto)

TÔ CANSADO
"Eu fiz com o Arnaldo no Hotel Novo Mundo, no Rio. A gente sempre acabava compondo." (Branco)

BICHOS ESCROTOS
"Ela deveria ter entrado no primeiro disco. Só não vingou por causa da Censura. Fizemos eu, Britto e Arnaldo. Quando aprontamos a demo do *Cabeça*, mudou o arranjo e ficou meio funk." (Nando Reis)
"Eu me lembro de uma serenata que armaram pra mim. Recém-casado, eu dormindo em casa e o Sérgio, o Nando e o Arnaldo cantando 'Bichos Escrotos'." (Paulo Miklos)

FAMÍLIA
"Eu fiz com o Arnaldo. Tinha uma base reggae e dei a idéia de falar sobre família." (Bellotto)

HOMEM PRIMATA
"A gente já tinha o refrão e compusemos o resto num hotel. Era pro Lulu Santos!" (Fromer)

DIVIDAS
"É minha e do Arnaldo. A gente ia na casa do Lobão, não sabia o que fazer e ficava tocando. E rolavam dívidas na época, minha empregada chegava e eu não tinha grana." (Branco)

O QUE
"O Arnaldão engoliu três blocos de concreto e folhas e fez a música." (Marcelo Frommer)

Caretas raivosas nas fotos de promoção de *Cabeça Dinossauro*

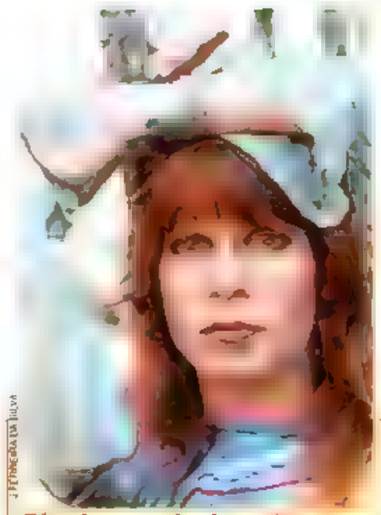
"Somos uma referência histórica dos anos 80. Tanto faz quem ganhou" (Dado Villa-Lobos)

Menos do mesmo

*Tarik de Souza**

Se o papa é pop, por que não os Novos Baianos? Mas o que não é pop? Onde termina a MPB e começa o roque a se desenrolar? E sabe quem fez a cabeça dos baianovos para gravar *Acabou Chorare*? João Gilberto. Ele mesmo, o papa (im)popular da bossa-nova – se bem que um velho habitante do planeta hemp, como informa Ruy Castro no livro *Chega De Saudade*. Os NBs vinham de um mergulho pesado no rock quando JG aterrissou na cobertura voadora da turma em Botafogo, e ensinou o caminho das pedras rolantes aos conterrâneos: uma volta as raizes, incluindo o Assis Valente de "Brasil Pandeiro". Se Assis Valente é pop, por que não Chico Buarque ou Paulinho Da Viola? Onde o rock errou?

Com algumas escolhas off-pop/rock como essa, a lista derrapou, mas não se espatifou no guard rail. E atenção: não se questiona qualidade, mas espécie. Luis Melodia sempre teve um pé na jovem Guarda, de "Negro Gato" a "O Broto De Jacaré" (e onde anda aquela canção do Roberto?), ainda que ele seja um neo-Jamelão. A versão dele de "Folha Morta", velho sucesso do puxador verde-e-rosa encartada num anúncio de »



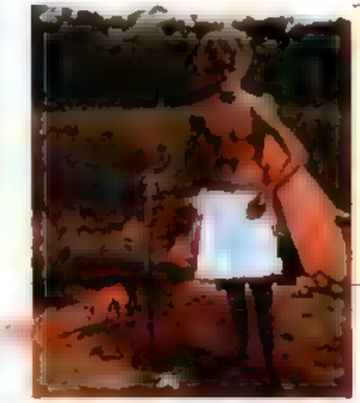
Rita Lee em look andrógino

3º FRUTO PROIBIDO
Rita Lee

É o primeiro disco de Rita Lee ao lado de sua nova banda, a Tutti Frutti. É também um dos marcos do rock nacional. Há parcerias da cantora com Paulo Coelho ("Cartão Postal", revisitada por Marisa Monte e Dora Vergueiro), além de "Ovelha Negra", hit máximo da cantora até hoje.

2º ACABOU CHORARE
Novos Baianos

"Isso prova de vez que *Acabou Chorare* é antológico na música brasileira. Considero os Novos Baianos um marco musical, comportamental e filosófico. Às vezes, ouço o disco fazendo de conta que nao sou um novo baiano. E fico impressionado! *Acabou Chorare* é muito mais emoção do que técnica e adoro saber que essa idéia ainda está viva."
(Moraes Moreira, Novos Baianos)



6º SELVAGEM?
Paralamas do Sucesso

O terceiro disco dos Paralamas é uma obra de ruptura. O grupo, que até então vinha com músicas de temática adolescente (vide "Óculos"), despirocou de vez. Abordou temas sociais (a faixa-título, "Alagados") e estreitou de vez os laços com o reggae.

8º SECOS & MOLHADOS
Secos & Molhados

O trio formado por Ney Matogrosso, Gerson Conrad e João Ricardo inaugurou a fase *glitter* do rock brasileiro e foi um dos grandes estouros dos anos 70. Ouça faixas como "O Vira", "Rosa De Hiroshima" e "Sangue Latino" e entre em delírio.

4º TROPICÁLIA
Varios

"Tinha que ter mais discos da Rita nesta lista! Impossível só ter um! Não tenho nada pra comentar sobre esta lista, nem sobre o *Tropicália*... quem tem que comentar são as pessoas que votaram..."
(Gilberto Gil)

Gil e Caetano Veloso nos anos 60

7º KRIG-HA BANDOLO!
Raul Seixas

É importante por diversos aspectos: é o primeiro disco solo de Raul – depois de cantar nos Panteras e produzir Jerry Adriani – e marca a parceria do cantor com o místico Paulo Coelho. E tem os hits: "Metamorfose Ambulante", "Ouro De Tolo", "Al Capone"...

9º LEGIÃO URBANA
Dois

"A lista tem alguns acertos, como *Acabou Chorare*, Paralamas, Ultraje, Luiz Melodia, Jorge Ben... Nós somos uma referência musical e histórica da década de 80 neste País. Tanto faz se o que ganhou foi o *Dois*, o *Legião Urbana*, *As Quatro Estações*... Não dou a menor importância a listas..."
(Dado Villa-Lobos, Legião Urbana)

5º MUTANTES
Mutantes

"Fico feliz com a escolha dos Mutantes, achei muito legal. Para mim interessa mais o que está acontecendo agora, apesar de adorar o meu passado. Fico muito honrado de termos sido lembrados. Achei o maior barato!"
(Sergio Dias, Mutantes)

Os Mutantes: Sérgio, Rita e Arnaldo

10º ESSA TAL GANG 90 & SUAS ABSURDETTES
Gang 90

Criada pelo poeta e jornalista Júlio Barroso, a Gang 90 tirava inspiração das discotecas de Nova York atualizada para o dia-a-dia paulista. O disco tinha até versão do Blondie! Destaques: "Telefone" – que Sandra de Sá regravou – e "Perdidos Na Selva".

"Fiquei surpreso em ser incluído n a lista. Já fui tão mas sacrado..." (Paulo Ricardo)

TV no Rio é só prova dos nove. O coletivo Tropicália (Cae, Gil, Mutantes, Tom Zé) foi a tomada de posição da MPB por uma postura mais pop. E rock. Vide a célebre passeata contra as guitarras.

Mas faltou mais do mesmo. Onde ficaram Cazuza, Lobão, Marina, Lulu? Eles teriam de entrar nos básicos, nos seminais, cada um na sua praia como Raulzito, Rita Lee, Mutantes, Secos & Molhados, Gang 90 e Blitz. Valeram os toques rhythm'n'blues de Tim Maia e Ben Jor e a tchurma dos 80 – Titãs, Legião, Paralamas, desembarcando no Ultraje praieiro (com um toque pré-Mamonas, reouçam) e no RePeMê. A classe dos 90 deu as caras nos caranguejos eletrônicos da manguebit de Chico Science. Mas e o rap/Brasil? E o metal/Brasil? E a dance Brasil? E os alternativos nativos? E os experimentais? E o papo (literalmente) cabeça? *(Leia mais do mesmo no texto* Faltou Aquele..., *sobre os deserdados dos após-calipso, na pág. 46.)* »

** Tarik de Souza é crítico do Jornal do Brasil e coordenador da Coleção Ouvido Musical, da Editora 34 Letras*

11º NÓS VAMOS INVADIR SUA PRAIA
Ultraje A Rigor

"Estou honrado de estar nesta lista!. O repertório do disco foi escolhido via eleição direta no Rádio Clube. Pedimos para o povo que freqüentava nossos shows votar em suas músicas preferidas. Espero que as gravadoras relancem todos estes discos." *(Roger Moreira, Ultraje A Rigor)*

12º AS AVENTURAS DE BLITZ
Blitz

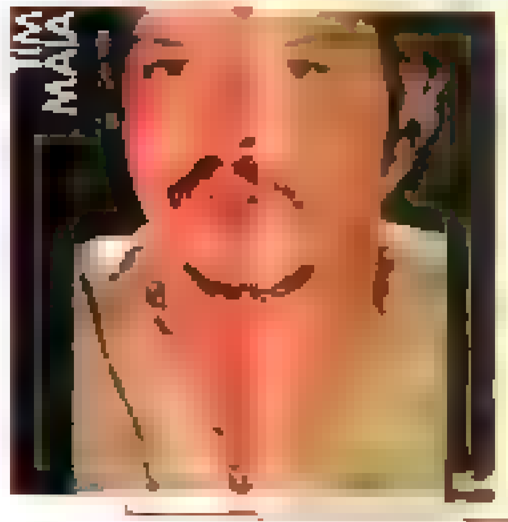
"Fico honrado por a Blitz ter entrado nesta lista. A banda contribuiu para uma grande arrombada de porta na música brasileira, abrimos as portas do pop. *As Aventuras Da Blitz* é um disco que é a nossa cara: é meio bruto, sem muito conhecimento de estúdio, mas com muita energia!" *(Evandro Mesquita, Blitz)*

13º DA LAMA AO CAOS
Chico Science

"Que legal! Fico feliz por saber disso! *Da Lama Ao Caos* foi uma experiência nova: acabou com o conservadorismo da MPB e conectou a musicalidade brasileira com o mundo. Esse disco faz parte desse caminho, desses outros discos que estão na lista. São coisas que eu absorvi ao longo da minha vida." *(Chico Science)*

13º REVOLUÇÕES POR MINUTO
RPM

"Fiquei surpreso de ter sido incluído na lista. Já fui tao massacrado... *Revoluçoes Por Minuto* trouxe uma série de inovações de sonoridade e linguagem. É uma honra saber que o disco que reuniu tudo o que sempre quis fazer na vida está sendo reconhecido." *(Paulo Ricardo, RPM)*



13º TIM MAIA
Tim Maia

Soul brasileiro a cargo do vozeirão mais tonitruante do Brasil. Tim Maia bota pra fora suas influências de Sam Cooke e lança o clássico do sacolejo. Com pepitas do quilate de "Primavera" e "Azul Da Cor Do Mar".

13º O PASSO DO LUI
Paralamas do Sucesso

O álbum que catapultou o entao trio brasiliense (hoje eles sao cariocas) para o sucesso. *O Passo Do Lui* também serviu de passaporte do grupo para o festival Rock In Rio, onde eles se consagraram de vez. Destaques: "Óculos", "Meu Erro", "Me Liga" etc.

13º JOVEM GUARDA
Roberto Carlos

Só pelo fato de conter "Quero Que Vá Tudo Pro Inferno" – renegada hoje pelo Rei –, este disquinho já valeria sua inclusao. Mas Jovem Guarda ainda tem outros petiscos, como "Lobo Mau" (versão de Erasmo para um sucesso dos anos 50), "O Feio" e "Mexerico Da Candinha", além de consagrar o Robertão. Básico é pouco para ele.

A cara do rock brasileiro

Antônio Carlos Miguel

Hoje até pode parecer fácil formar uma banda de rock, fazer al[illegible] shows, gravar uma fita demo e conseguir um contrato com uma gravadora. Mas, no início dos anos 80, rock brasileiro era algo realmente maldito, banido das rádios, execrado pela indústria do disco. Culpa da opção de muitos dos grupos dos anos 70, que enveredaram pelo som progressivo.

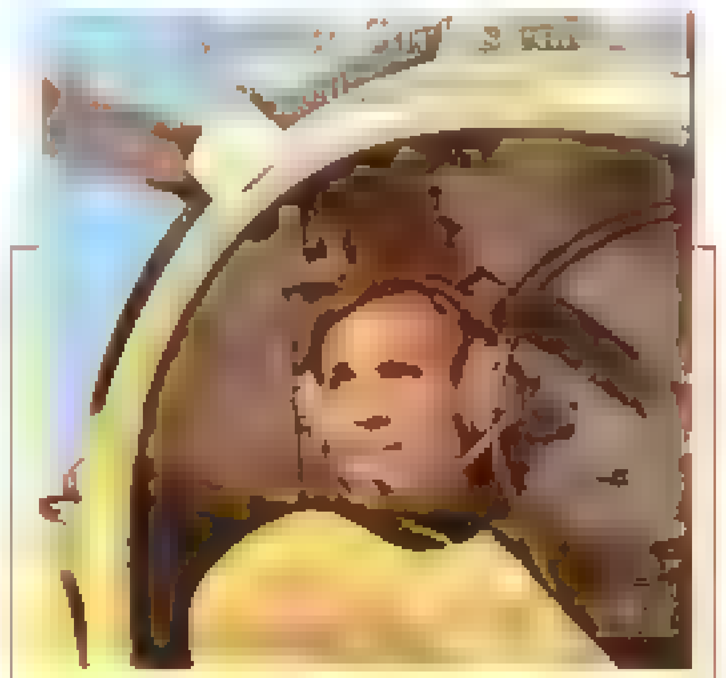
Mas, se as portas da mídia estavam fechadas, um terreno fértil rolava do lado de fora. Toda uma juv[illegible] urbanóide que j[illegible] se saciava com o [illegible] da MPB do per[illegible] pedia por algo novo [illegible] mais radical. É bom lembrar que na virada dos 70 para os 80 as rádios estavam domi-

nadas por artistas medianos da MPB, gente que se deslumbrava com a idéia de gravar nos discos [illegible] nos estúdios [illegible] Los Angeles. O q[illegible] Rio, São P[illegible] sileiras estava [illegible] adolescentes [illegible] ouvir. Na época [illegible] sical e atual produtor Ezequiel Ne[illegible]ves sintetizou [illegible] [illegible] sucessos da cantora Simone. No lugar das metáforas, ainda consequência da Censura, os novos roqueiros chegavam sem papas nas lín-

[illegible] fundente: somos [illegible] Coca-Cola [illegible] um ano [illegible] da TV quando a Gang 90 & As Absurdettes [illegible] compositor, cantor, jornalista, D[illegible] Julio Barroso [illegible] 700 mil [illegible] compacto "Você Não Soube Me Amar" [illegible] Blitz [illegible] escancararia [illegible] indústria. A partir daí, executivos, produtores e aspones [illegible] para uma es[illegible] de caça ao tesouro. Eles perceberam que com aqueles grupos, micro-produções de custo baixíssimo [illegible] mais do que [illegible] consagrados astros [illegible].

[illegible] 1982 e 1985, dezenas de bandas [illegible] do novo rock tiveram [illegible]. Sem critério algum, muito [illegible] ado e ficou pelo caminho. Mas pintou gente como Barão Vermelho, Paralamas Do Sucesso, [illegible] Urbana, Ultraje A Rigor, [illegible] Ira!, Lobão, Ritchie, Kid Abelha, João Penca & Seus Miquinhos Amestrados, Metrô, Camisa De Vênus... E arrombada a porta, teve espaço para tudo e todos, com discursos que iam da irreverência à agressividade, da crítica sócio-política ao erotismo, da anarquia ao hedonismo.

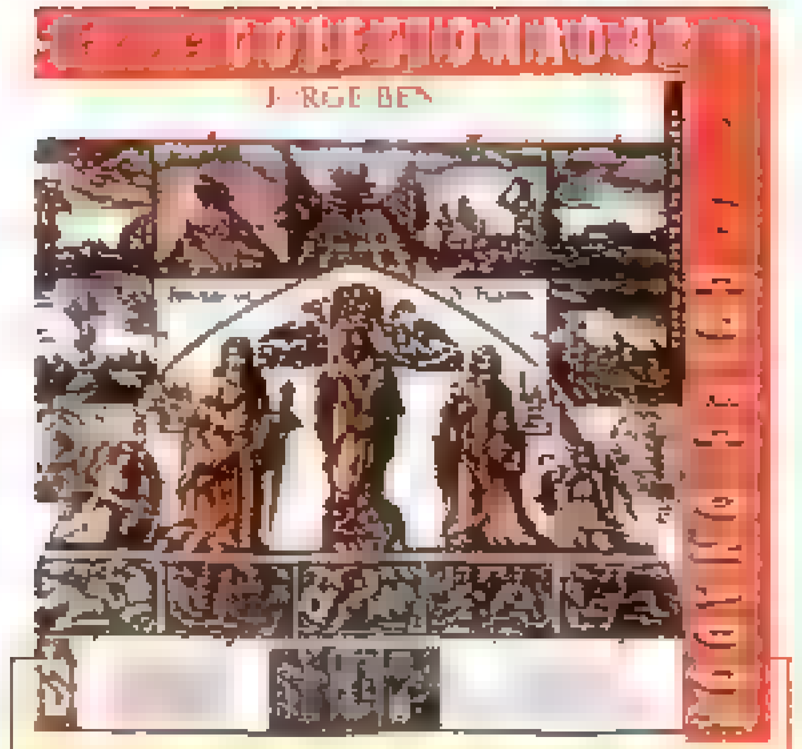
A partir do Rock In Rio, em janeiro de 1985, e com a efêmera euforia econômica proporcionada pelo Plano Cruzado, em 1986, o rock brasi- »



18º ROBERTO CARLOS EM RITMO DE AVENTURA
Roberto Carlos

De todos os álbuns do Rei, este é o que mais foi coverizado pela nova geração. Barão Vermelho ("Quando"), Ira! ("Não Serve Pra Mim"), Marina Lima ("Por Isso Corro Demais") e até Léo Jaime ("Eu Sou Terrível") já prestaram sua reverência a esse trabalho. Também, com esse repertório de clássicos...

Desde os Dez Mandamentos, lista foi feita para ser contestada



18º TÁBUA DE ESMERALDAS
Jorge Ben

Este disquinho faz a cabeça de gente supimpa como Fred 04 (mundo livre s/a). É também um dos clássicos de Jorge Ben, em que ele compunha músicas de temas místicos ("Os Alquimistas Estão Chegando", "O Homem Da Gravata Florida" – dedicada a Paracelsus) com o balanço que marcou de vez a sua carreira.

18º PÉROLA NEGRA
Luiz Melodia

O filho mais ilustre de Estácio de Sá debuta num álbum antológico. Pseudoblues (a faixa-título), sambas tortos ("Estácio Holly Estácio") e letras primorosas convivem lado a lado com músicos da categoria de Rubão Sabino (baixo), Dominguinhos (acordeão) e Piau (guitarra). É o ponto alto da carreira de Luiz Melodia.

loiro atravessou seu período de boom. O RPM, com Paulo Ricardo à frente, foi símbolo máximo dessa fase – e também da ressaca e do baixo astral que se seguiram. O grupo, que vendeu dois milhões de cópias de seus dois primeiros álbuns (*Revoluções Por Minuto* e *Rádio Pirata Ao Vivo*), tentou dar [illegible] es que suas pernas. Criou um selo, produziu seu home vídeo, cheirou tudo que tinha pela frente e acabou [illegible]ndo com os burros n'água. Mas a [illegible]usão do RPM não significo[illegible] de nada. Na mesma época, os Paralamas Do Sucesso apontavam par[illegible] de seu ska e reggae de branco [illegible] o batucum brasileiro no [illegible] massivo *Selv[illegible]* [illegible] vam o também definitivo [illegible] *nossauro* e a Legião Urbana chegava à perfeição com *Dois*.

Mera tradução do rock anglo-americano do final dos anos 50, com Celly Campelo, ingênuo na Jovem Guarda de Roberto & Erasmo Carlos e cl[illegible] anos 60, maldito e subterrâneo [illegible] 70, o rock brasileiro ganhou cara própria nos anos 80.

Faltou aquele do...

Tárik de Souza

Desde quando Moisés sacou a tábua dos Dez Mandamentos que lista foi feita para ser contestada. Por absoluta falta de espaço, deixei de fora na minha do Barão ao Ratos De Porão, dos Picassos Falsos ao vero De Falla, do tempo do pré-drag Edu K. Mas votei em Cazuza (*Ideologia*) e Lobão (*O Rock Errou*), omissões graves de eleição final. Também sufraguei o Sepultura (*Roots*), nossa contribuição thrash à liga de metal internacional. E em Fernandinha Abreu (*SLA Radical Dance*), a primeira a sacar que as pistas iam pras cabeças. Sei que vou levar pedradas dos paulistas (que preferem Racionais MC's ou Thaíde e DJ Hum), mas botei minhas fichas no primeiro disco do Gabriel O Pensador. E não deixei de fora outros destaques cariocas de responsa no pop rock nacional como Marina Lima e Lulu (*Normal*) Santos. Sem eles, nem Paulinho Moska nem Nando Reis.

A ausência de Lobão foi grave

Barão nos tempos de Cazuza

Assim não dá para pensar em Cássia Eller antes de Angela Rô Rô. Num Arnaldo Antunes pré-Jards "Gotham City" Macalé, etc, ou ect como diria outro apocalíptico deserdado, Carlinhos Brown. Os experimentais, que abrem os caminhos, acabam esquecidos no fim da picada. Ninguém arriscou mais a cabeça do que Walter Franco nos festivais. Nem mesmo Arrigo "Diversões Eletrônicas" Barnabé. Esqueceram do Itamar, do Premê, do Língua De Trapo. E do pioneiro punk Joelho De Porco? Que dizer da linha evolutiva dos subsequentes Inocentes, Camisa De Vênus e Raimundos? E o rock rural de Sá, Rodrix e Guarabira, os nossos Crosby, Stills & Nash? E o pop montanhês/bicho-grilo dos mineiros Lô Borges, Beto Guedes e cia.?

Jorge Mautner encarnou uma espécie de William Burroughs/Allen Ginsberg caboclo cantando sobre vampiros, bombas atômicas e caos. E foi Fausto Fawcett quem mostrou a(s) calcinha(s) de "Kátia Flávia" acionando a metralhadora giratória do rap. Mas a galera de MCs da nação funk hoje usa outro tipo de AR-15.

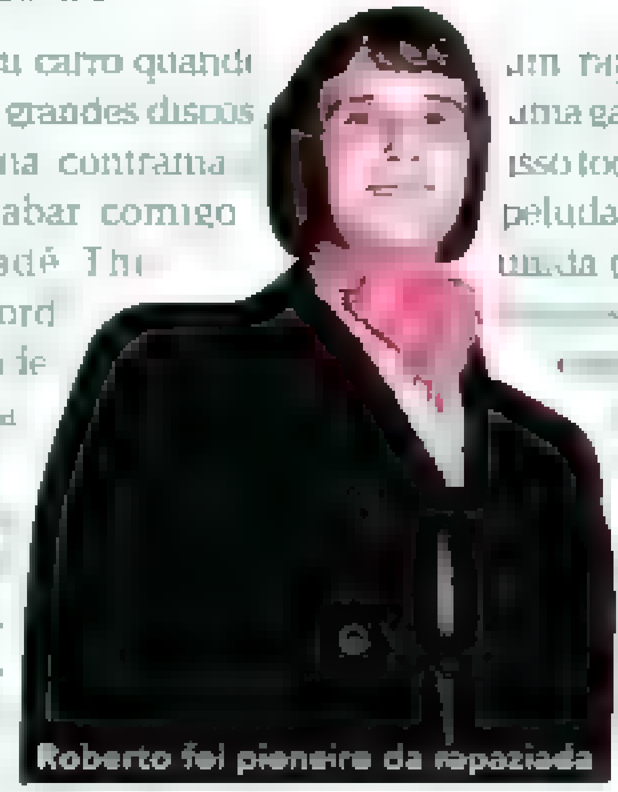
Jovem Guarda era a Brasa do rock

*Joaquim Ferreira dos Santos**

Vinha voando no meu carro quando vi pela frente a lista dos grandes discos do pop no Brasil. Parei na contramão e pensei. Querem acabar comigo. Cadê Demetrius? Cadê The Pop's? Cadê Ronnie Cord? Cadê o Tremendão? Ca[illegible] [illegible]de os partam da memória.

Mas uma [illegible] fica co[illegible] patinho feio da história.

É bacana gostar dos cabeludos universitários do tropicalismo, mas pega mal curtir a garotada suburbana e ginasial que começou a derrubar as estátuas, as estantes, as vidraças, louças, livros e, sim, deixou o circo pronto para a baderna.



Roberto foi pioneiro da rapaziada

A JG inventou o rock no país, fez gravações que ainda hoje soam atualíssimas. Tinha muito humor, ava[illegible] os sinais [illegible] sexualidade e, antes de João Gordo meter o dedo na cara do Conde, já mandava tudo para o inferno. Vamos parar de co[illegible] Ivan Lessa e deix[illegible] esquecer de [illegible] 15 anos, o que fizemos nos ú[illegible]mos 15 anos. Sinto-me um dinossauro da imprensa, um ex-estagiário de Herbert Moses.

Feche os olhos e sinta: foi um belo trabalho. E Lulu Santos, Marisa Monte, Kid Abelha, os Paralamas, o Barão e todos mais que acham pop humor e alto [illegible] uma uma quente, assinaram esse manifesto. A JG traduziu o pop internacional com competência – ouça Renato e Seus Blue Caps – e, quando perdeu o fôlego, mais ou menos na época em que os Beatles lançaram o psicodelismo do Sargento Pimenta, passou o bastão para Caetano e seus Mutantes. Sentaram à beira do caminho com a consciência tranquila. Tinham inventad[o] [a] guitarra, o cabelo comprido, a liberação [f]eminina, os carrões, as gangues e todo esse [cli]ma de rebeldia que, hoje em dia, só o [Planet] Hemp e a Forum ainda acreditam.

Era um tempo, meus netos da SHOWBIZZ, em que dar um amasso era tudo que um rapaz poderia conseguir de uma garota na noite de sábado (por isso todos esses quarentões de [illegible] peluda por aí). A família marchava unida pela Candelária. Nada a ver [illegible] [illegible] [illegible] da própria [illegible] e seus [illegible] ram o que [illegible] avançar no [illegible]portam[illegible] e ideias [illegible] música. Me acende com seu beijo [illegible]zava Erasmo [illegible] [illegible]ditar, mas Elis Regina puxou uma passeata, na rua, ali por volta de 1967, contra a guitarra elétrica na música brasileira. Tempos difíceis, repressão braba. O tal bom gosto da bossa-nova tinha a[rruma]do demais as coisas e os cabeludos da JG vieram avacalhar com tudo. Fizeram "O Tijolinho", "O Escândalo", "O Calhambeque" e outras delícias que, se você ouvir numa dessas coletâneas que são lançadas a todo mês, conservam [illegible] um frescor e alegria difíceis de se encontrar [illegible] tempo depois.

Eu sei que não sou jovem o suficiente para saber tudo, mas queria encerrar com uns toques. Não foi Paula Toller que inventou o pop feminino por aqui. Wanderléa já tinha [illegible]to os quadris na cara da câmera em 196[illegible]. [M]ais, não foi o Planet Hemp que acendeu o primeiro. Os Golden Boys já tinham apertado um em "Erva Venenosa" e "Fumaça". Se os Raimundos querem ser o selim da bicicleta, Erasmo queria ser o caderninho. Todo mundo queria a mesma coisa [illegible] você quer agora. Só mudou a maneira de pedir. Esta é [n]ossa canção e se você quer saber mais, leia na minha camisa: a Jovem Guarda é uma brasa, mora.

** Joaquim Ferreira dos Santos é editor executivo do jornal* O DIA, [illegible] *da Jovem Guarda e autor do perfil biográfico* Antonio Maria – Noites de Co[illegible]

QUEM FICOU DE FORA

Samba Esquema Noise – mundo livre s/a (9)
Calango – Skank (9)
Legião Urbana – Legião Urbana (9)
Expresso 2222 – Gilberto Gil (8)
Fa-Tal – Gal Costa (8)
A Divina Comédia – Mutantes (8)
Gita - Raul Seixas (8)
As Quatro Estações – Legião Urbana (7)
Jack, O Estripador – Made In Brazil (6)
Mudança De Comportamento – Ira! (6)
Realce – Gilberto Gil (6)
O Rock Errou – Lobão (6)
Vida Bandida - Lobão (6)
Maria Fumaça - Banda Black Rio (6)
Roots – Sepultura (6)
Beleléu – Itamar Assumpção (6)
Loki? – Arnaldo Baptista (5)
Cantando No Banheiro – Eduardo Dusek (5)
Grito Suburbano – Vários (5)
Cena De Cinema – Lobão (5)
Supercarioca – Picassos Falsos (5)
Camisa De Vênus - Camisa de Vênus (5)
Marina Lima – Marina Lima (5)
De Falla – De Falla (5)
Da Lata – Fernanda Abreu (5)
Jesus Não Tem Dentes... – Titãs (5)

VOTANTES

Antonina Lemos – *Jornal Da Tarde*
Antonio Carlos Miguel – *O Globo*
Apoenan Rodrigues – *Isto É*
Arthur Dapieve – *O Globo*
Bráulio Neto – *Jornal Do Brasil*
Carlos Albuquerque – *O Globo*
Carlos Calado – *Folha De S. Paulo*
Celso Fonseca – *Isto É*
Celso Masson – *Veja*
Edmundo Barreiros – *Jornal Do Brasil*
Enor Paiano – Universo Online
Fábio Massari – MTV
Fernando Souza Filho – *Rock Brigade*
Gastão Moreira – MTV
Hélio Gomes – *Trip*
Israel do Vale – *O Tempo*
Jaime Biaggio – *O Dia*
Joaquim Ferreira dos Santos – *O Dia*
José Emílio Rondeau – SHOWBIZZ
Jotabê Medeiros – *O Estado De S. Paulo*
Lauro Lisboa Garcia – *Jornal Da Tarde*
Luiz Antônio Giron – *Gazeta Mercantil*
Luiz Antônio Ryff – *Folha De S. Paulo*
Luis Branco – *Jornal Do Brasil*
Marcel Plasse – *Vírus*
Marcelo Ferla – *Zero Hora*
Marcelo Fróes – *Internacional Magazine*
Márcio Pinheiro – RBS TV
Marcus Veras – *Ele & Ela*
Maurício Kubrusly – Rede Globo
Mauro Dias – *O Estado De S. Paulo*
Mauro Ferreira – *O Globo*
Okky de Souza – *Veja*
Paulo Cavalcanti – *Shopping Music*
Pedro Alexandre Sanches – *Folha De S. Paulo*
Pedro Só – SHOWBIZZ
Ricardo Alexandre – *O Estado De S. Paulo*
Robert Halfoun – SHOWBIZZ
Roberto Muggiati – revista *Manchete*
Sérgio Martins – SHOWBIZZ
Sílvio Essinger – revista *Manchete*
Tárik de Souza – *Jornal Do Brasil*
Thales de Menezes – *Folha De S.P.*
Tom Leão – *O Globo*

Os números entre parênteses indicam o voto para cada disco

REPÓRTER BIZZ

PRINCE

por JOSÉ EMÍLIO RONDEAU, de Los Angeles

essa tal liberdade

Só para contrariar sua antiga gravadora, o ex-Prince volta a fazer pop de primeira e, todo simpático, abre seu casulo para o mundo

As palavras de Martin Luther King ecoam pelas caixas de som espalhadas no galpão dos estúdios Paisley Park, o megacomplexo de gravação de Prince, em Minneapolis: "Livre, enfim! Livre, enfim!" Enquanto isso, três músicos rufam em seus tambores uma marcha militar, desfilando pela passarela que leva a um palco montado ali mesmo no gigantesco castelo eletrônico de Prince.

Pode ser onze da noite aqui, no estado de Minnesota, mas em Nova York já é meia-noite: a hora exata em que o contrato de Prince com a gravadora Warner Bros finalmente se encerra. Após anos escrevendo "escravo" na bochecha direita para enfatizar seu desagrado com a Warner, o Artista (como quer ser chamado agora) está livre para lançar o que bem entender, na quantidade e com a periodicidade que desejar.

O show de incendiários quarenta minutos que se segue – transmitido ao vivo pela MTV – apresenta uma nova banda e as músicas de *Emancipation*, o primeiro disco do novo contrato da Paisley Park Records (selo do baixinho) com a EMI – que passa a ser a distribuidora.

É uma celebração de alforria das mais incomuns, sob diversos aspectos. O famoso ermitão, que tradicionalmente não dá entrevistas, não se relaciona com as pessoas, passeia com a ma-ra-vi-lho-sa esposa Mayte pelos 300 convidados para a festa, e mais tarde abrirá seu coração para os representantes da imprensa de todo o mundo, convocados para uma audiência/entrevista com Sua Majestade Púrpura.

Por que tanta acessibilidade? "Preciso vender o disco" admite ele, sem rodeios.

As coisas não andam exatamente tranquilas para o »

Livre, leve e solto, Prince tem planos de vir ao Brasil ainda em 1997

lado do Hieróglifo. Após ter reinado sobre o universo pop durante a maior parte da década de 80 – período em que ergueu um império no qual se destaca o tal Paisley Park, o complexo de estúdios enfeitado com imagens do zodíaco, cacatuas e pombas brancas enjauladas e o inevitável símbolo andrógino que ele usa como nome –, o Artista derrapou assustadoramente. Se o álbum *Purple Rain* foi comprado por mais de 15 milhões de americanos, as vendas de *Chaos And Disorder*, do ano passado, não chegaram a cem mil cópias. Três dias depois do show-libertação, o estado de Minnesota está coberto pela neve e o ex-Prince está em seu castelo, vestindo um conjunto verde-limão combinando com a bota de salto alto. Sentado numa cadeira giratória, ao falar ele tem uma entonação e um jeito surpreendentemente másculos. Mas um estranho toque de esquisitice: ele proíbe que a entrevista seja gravada em fita. Quando não convoca um estenógrafo, ele permite apenas que os repórteres façam anotações em seus bloquinhos.

"Ao contrário do que diz a imprensa, sou capaz de encher estádios com a maior rapidez", faz questão de declarar, referindo-se às reportagens que dizem que ele não dá mais no couro e que estaria na pindaíba. Pindaíba? Não é o que mostra a sala de troféus em que está instalado. Prince emenda: "Dinheiro nunca me preocupou. Venho fazendo grana esse tempo todo", declara, arremessando uma farpa pontiaguda na direção da antiga gravadora. "Minha música é boa, mas divulgação não é serviço meu", dispara. E alivia em seguida "Tenho muito que agradecer à Warner. Ela me ajudou a construir tudo isso aqui. Eu gostava de discutir negó[illegible] mas o problema é que eu não tinha o controle das co[illegible] sei tocar 'When Doves Cry' mas aquela mú[illegible] [illegible] pertence, você entende? Chuck Berry e Little Richard também não são donos de suas fitas. É como Leonardo Da Vinci não ser dono da Mona Lisa", tenta explicar.

Mas o maior problema entre Prince e a Warner era artístico mesmo. "Eu ficava preocupado com as audições de meus discos para a gravadora. Era sempre a mesma coisa: eu tocava o disco e os executivos não tinham reação, ficavam parados, com cara de jogadores de pôquer, me perguntando onde estavam os hits. Eles não entendiam meus discos, nem queriam deixar que os fãs decidissem."

Agora, pelo visto, as coisas parecem estar melhores para o lado do popstar. Para o futuro imediato, entretanto, ele prevê uma virada no jogo. "Não quero tentar dar uma de profeta, mas digo que 1997 será muito diferente."

Nos planos para a reconquista do planeta, Prince só não contava que seu primeiro filho, fruto de seu casamento com Mayte, morresse logo após nascer – por problemas de má-formação (*veja quadro acima*). No entanto, a programação para este ano inclui shows-surpresa em cidades-chave do mercado americano, antes de uma megaturnê ao redor do mundo. Nessa excursão, Prince garante que o Brasil está incluído. "Dessa vez, vou fazer um show direitinho lá", diz, arrotando que não gostou das apresentações que fez por aqui durante o Rock In Rio 2, em janeiro de 91.

Gênio diluído

Prince é gênio. Um dos artistas mais criativos dos anos 80, ele funde com precisão, rock, funk, soul, gospel, hip hop e tudo o que lhe der na veneta.

Prince também dilui mal sua genialidade. Geralmente ela está dispersa em roteiros fracos de cinema – como as bombas *Under A Cherry Moon* (1986) e *Graffiti Bridge* (1990), que nem chegaram a ser exibidas aqui – e álbuns de qualidade duvidosa. Nos anos 90, ele só emplacou *Diamonds And Pearls* (1991). O resto é besteira.

O grande lance do recém-lançado *Emancipation* é que ele recupera o prestígio do Símbolo. Mas apenas em parte. O talento de Prince está todo ali, indefectível, o problema é que se trata de um álbum triplo, cuja audição requer fôlego dobrado – algumas músicas poderiam cair fora numa boa. Fosse um disco simples, ele figuraria ao lado de obras-primas como *1999* (de 1983) e *Sign O' The Times* (de 1987).

Desilusão recente

Desde que Prince assumiu as pick ups e deu uma de DJ na extinta boate carioca Trap, quando esteve no Rio em 1991, não se via o baixinho temperamental tão contente. Motivo? O popstar estava recém-casado e apaixonado pela sua dançarina Mayte, uma morena com traços orientais, daquelas de fazer neguinho perder o rebolado. Mais: ela estava grávida e o feliz casal esperava o primeiro rebento. Infelizmente, o herdeiro nasceu prematuramente dia 16 de outubro do ano passado e morreu uma semana depois devido a problemas de má-formação. "Nós nunca divulgaremos detalhes sobre a criança", disse o choroso Prince ao jornal *New York Times*. Mayte falou com mais calma ao tablóide americano *National Enquirer*. "Nunca esqueceremos o nosso garotinho. Mas vamos tentar ter outro bebê."

muito Terra

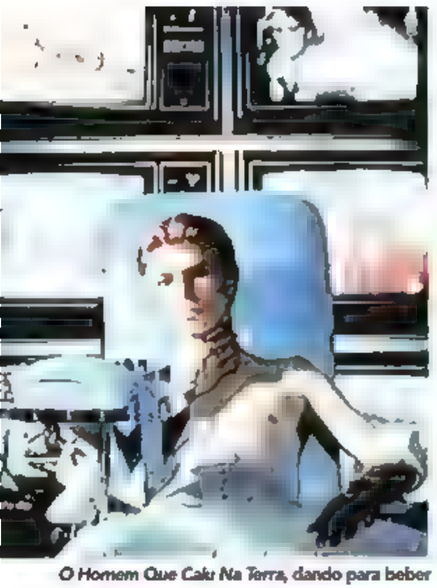
David Bowie faz 50 anos neste planeta

por PEDRO SÓ, de Nova York

Ele acorda cotidianamente as 6h da manhã, ao lado da patroa. Veste roupas normais, não bebe, não toma drogas, não frequenta a *night*... Provavelmente também não fala só a verdade nas entrevistas. Breves trinta minutos conversando com o inglês David Jones, porém, deram-me a impressão (superficial, é claro) de ter encontrado um sujeito bastante comum. David Bowie, como ficou conhecido neste planeta o homem que caiu na Terra – ou melhor, na Inglaterra (Bromley, bairro de Londres) – há 50 anos, fala desarticuladamente, soltando frases incompletas e pontuadas de ähns. Às vezes até gagueja! Fuma feito um desesperado e ri das próprias piadas antes de seu interlocutor, chegando a brindá-lo com aquele tradicional tapinha nas costas que acompanha um rá-rá-rá. Mas isso de maneira alguma significa que ele não seja fluente, simpaticíssimo e inteligente em rigorosamente todas as intervenções.

Gênio que soube liquidificar cultas referências (Artaud, Buñuel, Nietszche, Kurt Weill) e bem sacadas influências (Andy Warhol, a discoteca, quando ainda era coisa de bichas, crioulos e cucarachas; Iggy Pop, Scott Walker, Jacques Brel) no milk shake da música pop, David Bowie falou comigo numa sala empesteada de nicotina e alcatrão, nos Looking Glass »

"Os artistas da minha ida[illegible]e se apóiam demais nos ve[illegible]os sucessos. Eu prefiro arris[illegible]ar"



O Homem Que Caiu Na Terra, dando para beber

Studios, em Nova York. A desculpa? Promover seu novo álbum *Earthling* – em português, *Terráqueo*. (Para quem não percebeu a ironia, aí vai: o primeiro sucesso do cantor, "Space Oddity", foi inspirado pelo filme *2001, Uma Odisseia No Espaço*, de Stanley Kubrick, e usado pela BBC para sonorizar os primeiros pulinhos do homem na Lua em 1969. Três anos depois, Bowie decolou como astro ao incorporar a persona de um popstar alienígena no clássico disco *The Rise And Fall Of Ziggy Stardust And The Spiders From Mars*. Foi também na pele de um outro ET – sem bráulio e que vira alcóolatra – que, em 1976, ele fez sua estréia no cinema, estrelando *O Homem Que Caiu Na Terra*, subestimado filme de Nicholas Roeg . Isto sem falar no clássico "Life On Mars?", do álbum *Hunky Dory*.)

Iman e David Bowie: casal careta que acorda cedo e não sai à noite

Internet – foi "um acidente na adolescência"). Nem sempre dá para ter certeza se ele está olho no olho com você. Mas isso é bobagem. Quando a assessora de imprensa – que tinha se despedido antes da entrevista com uma advertência. "Você vai me odiar quando me enxergar de novo" – abre a porta e avisa que o tempo acabou, Bowie me consola com um sorriso cheio de dentes, embaraçado. Mais uns cinco minutinhos de prorrogação e ele se despede depois de um tocante "*sorry*!" No meu ombro esquerdo, um diabinho me espeta. "Grande ator Sente só a naturalidade

Você é fã da Internet?

Vou às páginas em que os fãs registram o que acharam do meu show na noite passada. Assim consigo um *feedback* quase imediato sobre o repertório. Eles escrevem "não gostei daquela música", "a nova era cool". É muito útil. Eu trabalho muito no computador, mas só uso programas que me ajudam como artista visual... Painter, Photoshop... A Net tem tanta porcaria, você tem que passar por tanto lixo até achar algo interessante. É preciso ter paciência. Confesso que fico entediado – rá-rá –, não tenho a vida inteira. Ao mesmo tempo... ãhn... é uma grande forma de... É provavelmente a mais real forma de democracia que temos, é um nivelador. todo mundo fica reduzido à mesma coisa. Imagino que governos e o *establishment* estejam preocupados. Você vai poder pegar pela Net um consenso da opinião pública é provavelmente por aí que está o seu futuro. Como uma forma de governo Governo através da Internet. Rá-rá-rá!

É surpreendente um artista na sua posição ter tanta preocupação com a reação do público às músicas novas

(*Interrompendo*) Preocupação não interesse. Acho que outros artistas Muitos de meus contemporâneos se apóiam em velhos... velhos sucessos, velhas glórias, e.... eu.. eu não faço assim eu ...eu prefiro.. trabalhar com música atual, com o que me interessa agora, não as coisas que me interessavam há vinte anos, entende

Você vai fazer um especial acústico para a BBC com o repertório novo?

Quase todo o repertório... é de canções obscuras e velhas. Algumas eu não canto ao vivo há quase 30 anos. Faço "Supermen", de *The Man Who Sold The World*, "Quicksand" de *Hunky Dory*, ...ãhn. todas assim, escolhas meio estranhas, sabe? Do *Ziggy Star dust* estou fazendo "Lady Stardust acho...ah... acho que a única vez que cantei essa ao vivo foi em 1973. Muitas »

Disco voa à frente do rock

O título *Earthling* também é uma brincadeira com os pluncts-placts-zuns eletrônicos que tomaram conta das canções de Bowie. A produção do álbum é assinada por ele e por seu fiel escudeiro Reeves Gabrels (guitarrista desde os tempos de Tin Machine) em parceria com um relativamente obscuro jovem chamado Mark Plati (mixou Big Audio Dynamite, New Order e Babylon Zoo, veja só!). O som é um híbrido que deve fazer escola: o piano romântico de Mike Garson, que acompanhava Bowie nos anos 70, e a baixista Gail Ann Dorsey evoluem entre loops malucos de jungle, recortinhos de drum'n' bass e ruídos pré-gravados. Brian Eno está na faixa "I'm Afraid Of Americans" (*crítica na seção Play*).

Bem antes de *Earthling*, Bowie lançou em agosto uma música, "Telling Lies", pela Internet – idéia da gravadora, bastante em sintonia com a imagem *antenada* que o cantor persegue. O *cybercirco* promocional incluiu uma conferência *on line* com três Bowies diferentes respondendo perguntas (os dois impostores eram Reeves Gabrels e Patrick Briggs, cantor do emergente grupo Psychotica). Dia 9 de janeiro, um dia após seu aniversário (que coincide com o de Elvis Presley, 12 anos mais velho), o terráqueo festejou 50 anos num show histórico no Madison Square Garden, acompanhado por quase todo mundo que interessa no rock atual. Lou Reed, Billy Corgan, Frank Black (ex-Pixies), Sonic Youth, Robert Smith e Foo Fighters. A Terra inteira vai poder ver isso dia 1 de março – se tiver acesso à bendita Internet e puder pagar, é claro.

Earthling não era o trabalho que Bowie havia prometido. Felizmente, pois o combinado era uma continuação de *Outside*, chato disco-com-historinha feito sob os desígnios de Brian Eno no ano passado. A *seqüela*, no entanto, está programada para sair no fim de 1997 e já tem nome. *Contamination*.

A última atuação de Bowie no cinema, vivendo Andy Warhol, em *Basquiat*, de Julian Schnabel, foi mais elogiada do que o filme. A exposição que fez em Londres ano passado lotou todos os dias e recebeu críticas positivas. Magnificamente casado com a modelo Iman – uma estátua de ébano com textura de picanha ao ponto –, Bowie não quer saber de passado. Basta ver os modernos pelinhos faciais que cultiva no queixo – solitária concessão à esquisitice no visual que ostenta.

O famoso olhar enviesado é marca registrada mesmo. Funciona feito uma direção mal-alinhada: a íris verde-escura e a cinza movem-se com ligeira assimetria (o motivo – é a primeira resposta num site de dúvidas de fãs na

"Eu sou maluco mesmo, tento entrar em todas as culturas"

das músicas, a não ser que você seja um verdadeiro fã, não são conhecidas... Vão parecer, para o púbaco em geral, novas músicas (*rindo*)'

O Scott Walker vai te entrevistar nesse especial, né?

(*Surpreso*) Oh, eu não sabia disso! *Oh really*! Que excitante! Encontrei Scott ah, ele era um ídolo pra mim, uma de minhas maiores influências. (*Indocil*) Ele veio ao show, ele veio ao show de *Outside*... Ele nunca vai a lugar nenhum, ele é verdadeiramente um recluso, sabe? Ele veio ver o show, foi tão lisonjeiro ele ter ido! Apareceu no backstage depois... Eu fiquei tão nervoso (*risos*) 'Puxa, esse é Scott Walker!' Foi engraçado, estávamos na sala de recepção do teatro, e Coco, minha assistente, eu e outras pessoas da banda estávamos meio que procurando o Scott. É um cara de chapéu, não, de capa, uma capa! Um casaco todo fechado. Ficava falando atrás da Coco, e ela: 'Vai embora!' Ele ah... 'Acho que David está me esperando, sou o Scott Walker.' Ela: 'Oh, meu Deus!' Scott parecia tão anônimo, foi como... Uau! Ele é provavelmente a maior voz da música popular, simplesmente sensacional! E uma cabeça muito boa...

Gostou do disco dele de 1995, *Tilt*?

Ah, amei, amei! Eu acho que é... oh!

Parece sintonizado com você, não?

Sim. Acho que nós dois... somos atraídos para coisas mais incomuns do pop. Ähn... adoro como ele lida... Ele pegou o existencialismo francês e colocou na música popular. É muito bom o que ele faz. É como *Jean Paul Sartre Sings*... (risos) É... como *Albert Camus*' (*pronuncia Camus com um uzao nada francês*) *Big Hits* (risos)

Fisicamente, como você se sente aos 30 anos?

(*Interrompendo, puxa pigarro horrível*) Wrrrraaawqrrrlll.....qqqqq..... (*risos*)

Você malha?

Não. Antes de sair em turnê, eu malho seis semanas antes. Mas, ähn sou realmente ruim nisso, sabe? Minha mulher não, ela é disciplinada. A gente acorda muuuito cedo, às vezes 5h30, 6h da manhã. E... ela desce para a ginástica das 7h às 9h, fica duas horas. Eu não tenho esta força. Ela faz isso e eu faço ligações para a Europa (*risos*) Um monte de ligações caras enquanto ela se cuida, tra-trabalha para ganhar o dinheiro (*risos*)... Mas eu fico naturalmente em forma. Quer dizer, nunca tive problemas de peso... Eu provavelmente ainda fumo demais. Ähn... mas nada mais. Eu não bebo, não tomo drogas então eu sou... Uma máquina limpa

Você sai à noite, vai a boates?

Não mais. Não, desde que me casei (muitos risos) É engraçado, você sabe.

Como você virou fã de jungle?

Bem, por causa dos amigos. Eles chegam pra mim e dizem: 'Você vai gostar disso.' Aí eu vou e compro. Eu estava comprando os vinis, aqueles grandões, fiquei bem imerso nisso em 1993, 94. Quer dizer, já escuto há dois anos, fui bem informado desde o começo. O que comecei a curtir foi o jungle autêntico de Kingston (*Jamaica*) que quando começou a chegar em Londres era muito agressivo, nada sofisticado, bem *low tech*. Eu aprecio Goldie, esses caras todos, mas prefiro a pura agressão do jungle inicial.

Você deve ser um fã hardcore mesmo. Começou a gostar ouvindo de dia.

(*risos*) Sei que é uma música de noite. estive em clubes umas duas vezes. Tem um aqui em Nova York que toca jungle Mas é devagar. Na América é difícil. Ah, você sabe, os americanos não abraçam coisas novas rápido, especialmente se as coisas não são americanas (*risos*). Veja só o que houve com o ska!

Suggs (ex-vocalista do Madness) disse que o ska demorou 15 anos para bater nos EUA.

Isso mesmo. É insanamente atrasado eles são puristas. Seja afro-americana, seja de Seattle, mas tem que ser americana para eles gostarem. Acho que vai ser *muuuito* devagar com o jungle. Realmente... Mas eu adoro. O rock, por causa do rhythm & blues, soul, blues ähn... virou a mais valiosa arte do século 20. Ele... deu um novo vocabulário para expressar os problemas deste século. Nenhuma arte faz isso tão bem A pintura nos deixou na mão, a escultura não serve mais, elas não são mais pertinentes ao que vivemos hoje. As artes ficaram tão elitistas! O que é uma pena, eu adoro artes visuais.

Você acha que *Earthling* pode ser um sucesso?

Rá-rá-rá! Não sei se é radiofônico. Na verdade não é. E isso provavelmente é um problema. Quer dizer, as rádios terão problemas com este disco. Que seja assim. Nós vamos sair, tocar muito ao vivo, tocar em festivais. E realmente este ano quero ir à América do Sul.

Pelo que você diz sobre seu pouco entusiasmo em tocar sucessos antigos, os shows no Brasil em 1990 não devem ter sido feitos com tesão.

Eles não foram legais mesmo. Isto é absolutamente verdadeiro. Naquele estágio... Fim de turnê, eu estava deprimido pelo fato de... Eu não sei estava achando difícil me excitar com coisas que escrevi vinte anos atrás. O jeito como tocamos agora é tão entusiasmado! Estamos estourando no palco, sabemos que somos uma grande banda. Este show eu quero levar para aí.

Soube que você adorou uma fruta brasileira chamada cupuaçu.

Sim (*risos*). Eu como tudo. Em todo lugar que eu vou. (*risos*) Na China eu comi insetos mortos, ovos cozidos no xixi de cavalo (*gargalhadas*). Eu como tudo.... No Japão como caranguejos vivos! Eu não me importo, sou maluco assim mesmo. Quer dizer, tento entrar numa cultura o máximo, ver no que dá.

O texto de divulgação do disco menciona que, "à beira de descobrirmos a vida no espaço (*interrompendo*) Eu não avisei? (*risos*)

Que tipo de vida extraterrestre você espera conhecer ainda?

Germes, imagino. Sério. Acho que a vida que está perto de nós, aquela que provavelmente ainda iremos trazer de volta para analisar... É a do lado escuro da Lua. Sabe, eles acharam gelo lá, vão levar e vai ter germes pra c... (risos)

Bom, o texto diz: "A beira da descoberta da vida no espaço, o homem se volta para a fé". Qual seria a sua?

Eu me obriguei a ter fé na espécie humana tendo fé em mim. Quanto mais fé você tem em si mesmo, mais fé no resto da sociedade terá. Sinto simpatia pelas ideias budistas, mas não tenho dogma, não me sinto confortável com a ideia de religião organizada.

Com a ex-mulher Angie e o filho Zowie (hoje Joe, formado em Filosofia) na fase siderado de Ziggy

Scott Walker, a Greta Garbo do pop: sumiu de 1978 a 1995

Príncipe do pop

Scott Walker é um barítono inesquecível que gravou baladões pop orquestrados nos anos 60, à frente dos Walker Brothers. Depois de 1967 a 1970, fez discos solos com versões de Jacques Brel e canções densas inspiradas em literatura e cinema (o de Bergman). Voltou em 1995 com um estranho álbum industrial, *Tilt*. Bowie chupa direto suas interpretações.

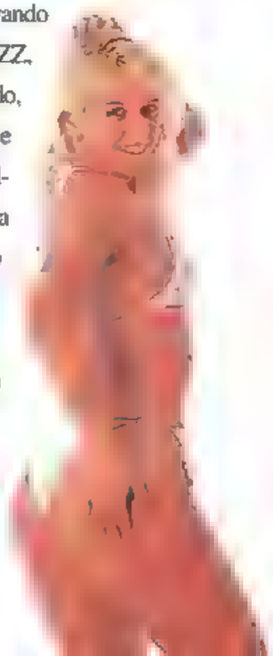
na boquinha da guitarra

por ROBERT HALFOUN e fotos ARY DIESENDRUCK

Sem cantar nada – ainda! –, Carla Perez e seu famoso bumbum venderam mais de 2 milhões de discos

Acordar Carla Perez e pegar a loura do Tchan na cama, com voz de sono, é uma beleza... São onze da matina e Carla desperta ao som da campainha do telefone. É o mala aqui que, inevitavelmente, solta a perguntinha imbecil: "Te acordei?" Ela, meio sussurando, mal conseguindo articular: "Tudo bem, tudo bem, já é meio tarde, né? Tenho uma foto para fazer daqui a pouco." Então, bom dia, Carla.

O soninho tem explicação. A soteropolitana hoje é celebridade nacional. Ela está em comercial de cerveja, revista masculina, programa infantil... Na noite passada, ficou até as quatro da madrugada gravando um comercial. Mais tarde, além de encarar SHOWBIZZ, posa para a capa da fita de vídeo que está lançando, conversa sobre a futura boneca Carla Perez e começa a acertar sua participação num filme estilo salsa-&-merengue. Queira você ou não, Carla é um furacão pop (pop, sim senhor), um remelexo que, – ainda – sem cantar, vendeu 2 milhões de CDs. Teoria para o sucesso: "Foi um choque para o público e para a mídia me ver mexendo toda sensual na dança da garrafa. Ainda mais com esse meu bundão", diz, sem cerimonia. »



Guitarra: P.A. Instrumentos Musicais - Rua Teodoro Sampaio, 770, São Paulo, SP - Fone (011) 3061-0404

Carla ganhou um concurso imitando Madonna quando tinha 15 anos e sai do sério com Carlinhos Brown

O dito cujo já é veterano em coreografias provocantes. "Quando tinha 14 anos, fiz a brincadeira de botar a bunda pra trás e tremer. Na época não se botava garotas dançando em cima de trio no carnaval da Bahia. Foi uma loucura."

Ainda assim, Carla Perez é surpreendentemente tímida. "Ao vivo é que ela se transforma", diz Juliana, amiga que a acompanha na sessão de fotos (uma morena tão empolgante quanto a lourinha), justificando um certo acanhamento de Carla. No estúdio, a loura diz que morreu de vergonha quando ficou nua para a *Playboy* e fica rubra quando perguntada se a lourice dos seus pêlos pubianos – mostrados na revista – é mesmo natural. "Ai... Sempre fui lourinha. Faço bronzeamento artificial sem biquíni, né? Então clareia tudo!!!"

Com a guitarra no chão, ela põe a mão no joelho, dá uma abaixadinha e faz neguinho suar frio no estúdio. De onde vem tanta sensualidade? "Sempre adorei dançar. Quando era adolescente, ganhei um concurso em que imitava a Madonna... Ela não é demais?" Além da dança, Carla Perez e a *material girl* têm outra coisa em comum: a garrafa. Enquanto a loura nacional dança na boquinha de uma, a gringa simula um trabalho de sopro em um gargalo no filme *Na Cama Com Madonna*. Lembra?

"Mas comigo não tem essa malícia toda, não. Eu danço com sensualidade, mas sem maldade", diferencia. A ambição da loura agora é se lançar como cantora. "Fiz um teste com a PolyGram e estamos fechando contrato para eu lançar um disco em 1998. Antes entra uma música minha na coletânea *Axé Bahia 97*, que sai no fim do ano. Antes disso, devo cantar uma faixa no próximo disco do É o Tchan", diz, satisfeita. Influências musicais? "Amo o Michael Jackson, mas gostava mais quando ele era negão. Ouço também a Mariah Carey... Dos nacionais, fico louca com o Carlinhos Brown, o Skank é dez, e o Lulu Santos, demais... Mas não gosto muito de ficar citando nomes... Vai que alguém fica com ciúme..."

ONZE PERGUNTAS

Neil Tennant

Aos 42 anos, o Pet Shop Boy fala sobre sua homossexualidade e lembra que ele e Chris Lowe anteciparam a atitude dos grupos eletrônicos atuais

O que te levou a largar tudo, aos 31 anos de idade, para formar os Pet Shop Boys?
Sempre quis ser um popstar, era fascinado pela idéia de ser uma celebridade! Quando tinha essa idade larguei meu trabalho de editor na revista *Smash Hits (para adolescentes ingleses)* e por acaso, na mesma época, conheci o Chris Lowe (*o pet shop boy número dois*). Disse a mim mesmo: se Brahms compôs sua primeira sinfonia com cinqüenta anos...

O que mudou na sua vida depois que você conheceu Chris?
Conheci o Chris numa loja e amei seu senso de humor totalmente imoral, muito esnobe. Ele me mostrou o que é o ritmo. Ele é cinco anos mais jovem que eu e um verdadeiro hedonista, coisa que não sou de modo nenhum. Para o Chris, se tornar um popstar era uma necessidade econômica!

E para você?
A música sempre foi um modo de fugir da realidade. Compreendi muito rápido que uma vida normal não era para mim: a música era a saída de segurança. Desde os onze anos eu escrevo letras. Queria ser famoso...

E era essa a vida que seus pais imaginaram para você?
Minha mãe tinha uma missão para mim: que eu fosse para Cambridge estudar jornalismo e trabalhasse na BBC. Quando entrei na *Smash Hits*, já com 27 anos, ela pensou que finalmente eu teria um trabalho sério. Ledo engano... foi quando entrei de vez na frivolidade!

Você nunca se imaginou casado, pai de família?
O verdadeiro problema de casar e ter filhos é que eu odeio crianças! Sempre quis que minha vida fosse fascinante e não essa coisinha normal...

A vida em Newcastle, na Inglaterra, a cidade onde você nasceu, te entediava?
Lá as pessoas têm uma única obsessão: o futebol. Eu me recusava a ter esse tipo de vida! Sempre quis ter uma atividade intelectualmente mais rica. Na minha casa mesmo, cultura nunca foi importante. Me mandei de lá o mais rápido possível.

Seus pais sempre souberam da sua homossexualidade?
Nunca tive vontade de conversar com eles sobre sexo... Quando recentemente (*há dois anos*) disse a uma revista que eu era gay, meus pais me ligaram para me reconfortar sem a menor reprovação.

Por que você demorou tanto a assumir?
Os Pet Shop Boys sempre tocaram para um público muito jovem, então preferi manter a aura da ambigüidade. Isto mantinha o caráter enigmático que sempre admirei no Bowie e no Morrissey. Não queria ser como o Jimmy Somerville (*ex-Bronski Beat e Communards*), que é apenas um militante gay que se tornou músico.

Então, quando chegou aos quarenta anos...
É, resolvi celebrar meu aniversário anunciando que sou homossexual. Minha vaidade foi muito afetada com a chegada dos quarenta. Não queria olhar uma foto minha e me sentir um decrépito. Vários amigos meus morreram e quando olho para meus últimos vinte anos me sinto um sobrevivente. Tenho a honra de estar vivo!

Vocês praticamente não fizeram barulho para o lançamento de *Bilingual*. Existe algum motivo especial?
Costumávamos nos expor demais. Mas aos poucos fomos ficando mais discretos. Me tornei mais tímido com a idade, mais consciente de mim mesmo. Ser *low profile* é uma necessidade. *Bilingual* é muito pessoal para se fazer palhaçadas.

Mas a música dos Pet Shop Boys não representa o irreal, o sonho?
Sempre tive a necessidade de fugir da realidade. Fomos o último grupo dos anos 80 e o primeiro dos anos 90 a influenciar o estilo de milhares de pessoas. Somos os responsáveis pelo encontro do pop com a dance music. Chris foi o precursor da atitude de todos os músicos tecno de hoje. Mas nós amadurecemos, envelhecemos e mudamos.. Só tenho um grande medo: perder a frivolidade, o humor e a leveza.

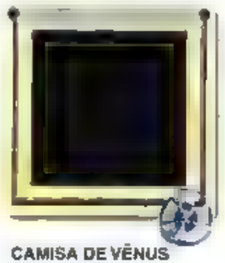
No meu nariz mando eu.

Agoniza mas não morre

Ótimo
Bom
Regular
Ruim
Importado

DAVID BOWIE
Earthling
Virgin/BMG Brasil

[illegible] patético de cachorro [illegible] atrás dos carros. Na [illegible] m Afraid Of Americans [illegible]



CAMISA DE VÊNUS
Quem É Você?
PolyGram

Passadismo persistente

Lê, o Camisa De Vênus ainda existe? Pois é: entre idas e voltas, eis *Quem É Você*, CD de matéria inédito da mortaviva banda baiana, ainda liderada pelo roqueiro-messias Marcelo Nova. E a pergunta-título (ilustrada por uma capa-espelho na qual o ouvinte se admira) dirige-se ao dito cujo quem é você, que repete tal e qual o rock brega inventado há vinte anos pelo ultrakitsch Raul Seixas, enriquecendo-o de reverências aos também defuntos Elvis e Animals.

Decididamente, o Camisa já não tem muito a dizer. Divide-se entre a regravação do hino brega "Rainha De Minha" de Gerivaldo Lacerda (bem mais chata que a original) e a versão de "Don't Let Me Be Misunderstood" dos Animals, conhecida pela cover da era disco do Santa Esmeralda. A canção, dividida com Eric Burdon, ficou mais blueseira (no sentido cabeça do termo). Entre doutrinação ("Essa Linda Canção") e discurso desordenado na confusa faixa título), entre rock'n'roll de letra mais cosa mais pra Jovem Guarda do que pra Chuck Berry ("O Ponteiro Tá Subindo") e a insistência em não admitir que Raul Seixas morreu, sobra passadismo puro. Até quando o C.D.Rom está na lista de temas ("Eu Vi O Futuro"). Assim, nem o virtuosismo que vem de bandas com o disco resiste.

Pedro Alexandre Sanches

MELVINS
Stag
Atlantic/Continental

Três é demais!

O Melvins é um trio de Seattle que há um bom tempo faz um som pesadíssimo, lento e trônico. Junta experimentalismo e paulera num bom equilíbrio. Neste *Stag*, o Melvins manda hoje o som que o Metallica deveria estar tocando e não a chatice do último disco. Tá certo que o CD tem umas vinhetas meio malas. Da a impressão de que o disco tem 16 músicas. Só que algumas faixas são, na verdade, barulhos esquisitos e cansativos. Filtrando isso, ouça "The Bit", "Bar-X-The Rocking M" e "Black Rock" (cantar desafinado é cool).

Uma teoria: trio é mais legal do que quarteto. Além do mais, o baterista do Melvins tocou com o Nirvana – também um trio – nos primórdios da banda. Quer mais credencial do que essa?

Paulo César Martins

VARIOS
Mix Music 97
MMM

Básico mundinho

O Mercado Mundo Mix investe na música independente lançando seu primeiro disco. Investimento louvável, diga-se de passagem. O CD traz gente com anos e anos de bagagem nas costas, como a cultuada Laura Finocchiaro e os ex-Lulu Natasha Barros e Fernando Figueiredo. As faixas contam com produção impecável de bambas como Scowa (Los Sea Dux), Mutar Subotic e André Abujamra (Natália Barros). Eduardo Bid (Rex) e Mad Zoo (Laura Finocchiaro). Resumindo: não é porque é independente que não tem qualidade.

O que vale são as ótimas "Varush", faixa chuqueéeerma dos curitibanos do Rex. "Funk U.F.O.", de Los Sea Dux, e "Up" do Habitants, o ótimo projeto de Renato Martins. Básico como frequentar o Mercado Mix dois anos atrás.... *Claudia Greeth*

ZECA PAGODINHO
Deixa Clarear
PolyGram

Um salto no passado

Zeca Pagodinho detonou mais uma bombaça sob a batuta do maestro Rildo Hora. Nas rádios, só toca a bela "Verdade", mas o ouvinte atento encontra mais. Pérolas como "Vivo Isolado No Mundo", de Alcides Dias Lopes, malandro histórico da Portela. Zeca, que sabe buscar no passado as linhas mestras do presente, fez um disco que enche o peito de alegria e os olhos d'água. Na linha do humor, "Dona Encrenca" (de Barbeirinho da Jacarezinho e Marcos Diniz) previne ao mané que o bicho vai pegar já já... Curiosidade em "Não Sou Mais Disso", Zeca garante que "eu deixei de ser pé-de-cana". Isto é que é licença poética.

Marcus Veras

SHERYL CROW
Sheryl Crow
A&M Records/Polygram

Dá água na boca

A deliciosa fez um disco delicioso. O segundo álbum da cantora e sucessor do arrebatador *Tuesday Night Music Club* – que ocupou durante meses os primeiros lugares da parada puxado pelo hit "All I Wanna Do" – traz músicas fáceis, bem produzidas e com ótimos refrões.

Sim, tem baladas, igualmente boas também. Enquanto Sheryl trocou o jeitinho apetitosamente caipira por um visual fashion fatal, o som continua caindo para o folk rock com um pé gentil solto que country bem-envolvido numa bela produção roqueira, feita pela própria Sheryl. Falo de timbres de guitarra caprichados, fazz bass e até algumas mágicas inserções de piano e órgão (Wurlitzer e Hammond), que dão aquele gostinho de anos 70. Compositora de TODAS as canções do disco, Sheryl Crow mostra que aperfeiçoou o que já havia revelado no primeiro álbum: que sabe fazer música boa sem complicar. O hit "If It Makes You Happy", cujo clip passa direto na MTV, e as músicas "Maybe Angels", "Love Is A Good Thing" (tem que Sheryl era polêmica dizendo que crianças compram armas na rede de lojas Walmart) e "Hard To Make A Stand" são de dar água na boca. Aliás, como a foto de Sheryl no encarte do CD. *Robert Halfon*

RICK WRIGHT
Broken China
EMI Music

So para floydmaníacos

Tecladista e fundador do Pink Floyd, Rick Wright não se aventurava muito fora do grupo. Chegando aos vinte anos de carreira com o Pink Floyd, ele faça seu terceiro disco solo. E Rick não produz nada muito diferente do que costuma fazer em companhia de David Gilmour e Nick Mason. Em parceria com o arranjador/engenheiro de som Anthony Moore – que ajudou a escrever *A Momentary Lapse Of Reason* ao lado de Gilmour – Wright gravou um disco apenas um pouco mais sombrio, influenciado pela depressão de uma amiga, Millie, que depois viria a se casar com o tecladista.

A banda inclui os músicos Pino Palladino e Manu Katché – presente em vários discos de Peter Gabriel. A cantora irlandesa Sinead O'Connor aparece em duas músicas (uma delas interessante, "Breakthrough") e, às vezes, Wright presta um tributo aos seus afilhados dançantes – resumindo, nada da ousadia que o companheiro Nick Mason demonstrou certa vez em seu álbum *Fictitious Sports*. Wright só para fãs e só.

Marcos Sabbatini

Penúltimo retorno

PAULINHO DA VIOLA
Bebadosamba
BMG Brasil

Há 80 anos, o sambista Donga registrava na Biblioteca Nacional o samba "Pelo Telefone", gravado naquele 1917 pelo Bahiano e corpo de coros da Casa Edison. Foi o marco inicial do gênero. Dificilmente nesta temporada haverá outro CD que não o de Paulinho da Viola a fazer jus à comemoração. *Bebadosamba* é uma verdadeira síntese da arte dessa música urbana que permanece nas paradas de sucesso há oito décadas. O músico se mantém econômico nos gestos e na produtividade aos 54 anos de idade e 33 de carreira. Assim como Silvio Caldas vive de se despedir, Paulinho vive de retornar. Não gravava havia quatro anos. O disco anterior, ele demorou outros cinco para se decidir a fazer. É assim escreve uma história pessoal do samba, feita de sutilezas e melodias choradas.

Como diz na faixa-título, sua inspiração é "um rio de murmúrios na memória" que serve para "aliviar o peso das palavras". O CD apresenta muita parceira. "Ame" foi cinzelado com Elton Medeiros. Sergio Natureza divide com ele o candidato a clássico "Mar Grande". E Ferreira Gullar leva o pós-concretismo pro balacobaco em "Solução De Vida". A melhor faixa é "Memórias Conjugais", um maxixe da cora, daqueles que só se faziam em 1928 para a voz de Mario Reis. Com grande carga de humor, Paulinho incorpora ao vocabulário maxixeiro expressões novas, como "antidepressivo" e "esta mala que não larga do meu pé". Não é seu último retorno, mas tem ares de definitivo.

Luis Antônio Giron

Play NOVOS CDS

Pregação agradável

O [illegible] Midnight [illegible] canções [illegible] do que seus inte[illegible] Enbaiado [illegible] pregação [illegible]

[illegible] "In The Rain" (com um agradável piano de Ethan Allan [illegible] modernos de [illegible] Midnight [illegible] Jorge Marcao

O Midnight Oil chega para salvar o planeta com muito rock n roll

FUN LOVIN' CRIMINALS
Come Find Yourself
Chrysalis/EMI Music
hip hop vencedor

[illegible] Beck com Beastie Boys? Esta maravilha atende pelo nome de Fun Lo[illegible]

[illegible] se encontra no trabalho dos [illegible] as candidatas a hit são "Smoke Em" e "We Have All Time In The World". Uma curiosidade: a faixa "King Of New York" tem samples de "Insensatez", de Tom Jobim. Fábio de Meneses

VARIOS
The Concert For The Rock And Roll Hall Of Fame
Columbia/Sony Music
Festa de arromba

[illegible] Booker T. & The MG's [illegible] zendo a cama para uma porção de convidados de primeiro time, não fal[illegible] tempos de Creedence [illegible] banda para Lou Reed cantar "Sweet Jane", com o brilho habitual. E ainda apoia Iggy Pop numa sensacional recriação de "Backdoor Man", blues clássico de Willie Dixon [illegible] "I Wanna Be Your Dog" [illegible] Jerry Lee Lewis e Bruce [illegible] Pedro Só

WEEZER
Pinkerton
Geffen/Universal Music
Sexo nas guitarras

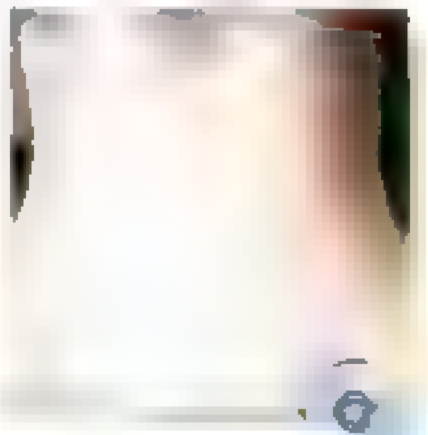
[illegible] Weezer [illegible] Lord [illegible]

THAIDE & DJ HUM
Preste Atenção
Eldorado
Ladainha de respeito

[illegible] da periferia paulistana dos anos 1980. As letras, mandadas muito bem por Thaide, falam de [illegible] DJ Hum [illegible] Para bom entendedor [illegible] "Desabafo de Um Homem Pobre" e "Preste Atenção" explicam por que Thaide e DJ Hum [illegible] respeitar. Ricardo Franca Cruz

CURTIS MAYFIELD
New World Order
WEA
Uma ode à tranqüilidade

[illegible] Pedro Alexandre Sanches



ZELIA DUNCAN
Intimidade
WEA Music
Coerencia madura

[illegible]

Golden boys do reggae

DENNIS BROWN
Milk And Honey
RAS/Top Tape

GREGORY ISAACS
Looking Back
RAS/Top Tape

Dennis Brown segue a bula de um bom disco de reggae

Desde a época do ska, nos anos 60, centenas de impúberes se aventuraram nos estúdios jamaicanos tentando cair no gosto das ruas. Muitos dançaram, outros ficaram só na ralação pra estourar bem depois. Pouquíssimos chegaram à primeira divisão antes de engrossar a voz. O quarentão Dennis Brown, superstar desde os 16, é exemplo glorioso entre os golden boys da ilha. *Milk And Honey* segue a bula de um bom disco de reggae: novidades ("Need A Little Loving"), releituras de *standards* ("Your Love", "Milk And Honey" ou "Never Can Say Goodbye"), baixo e bateria repetindo grooves familiares ("Love Love, Love" ou "Caress My Girl"). Dividindo a produção com Errol "Flabba" Holt, Brown consegue limpeza, precisão e profundidade raras de se ouvir.

Gregory Isaacs, outro Matusalém do reggae, aparece agora com *Looking Back*, que traz clássicos de seu incalculável repertório revistos sob as bênçãos da remasterização. Em outras palavras: o que já era muito bom, ficou muito melhor. "Coming Home", "Conversation", "Loneliness" e onze outras maravilhas do canto gregoriano confirmam a fama do chamado *Cool Ruler* de o mais emocionante compositor e intérprete do reggae, contando apenas de Adão e Eva pra cá. Otávio Rodrigues

A nova velha história

VÁRIOS
A Fashion Statement – The Fashion Records Story
RAS/Top Tape

VÁRIOS
Roots Of Reggae
RAS/Top Tape

Termômetros do sucesso

A exemplo da Jamaica, os sound systems de Londres são termômetros de sucesso. Emplacar uma soozeira nesse mundinho fechado é senha para tentar coisas ainda mais impossíveis. Poucos selos se deram tão bem nessa missão quanto o Fashion, que agora lança duas coletâneas de hits, *A Fashion Statement – The Fashion Records Story*. O destaque vai para as canções "Rocking To A Class Champion" com Johnny Clarke, "Rock With Me Baby" com Nerious Joseph & Winsome, e "Gateman", com Horace Andy. Legal também a atuação dos *toasters* Professor Nuts, Smiley Culture, Joseph Cotton e Daddy Freddy – ponto para quem capta um pouco de jamaiquês.

Outra boa sacada é *Roots Of Reggae*, que destoa positivamente do compilatismo gratuito agora comum nessa paróquia. Foi tudo pinçado num mesmo catálogo (de novo a RAS Records) mas ainda assim entra no céu. É clássico atrás de clássico.

A seleção inclui trios vocais, como Israel Vibration ("The Same Song"), Black Uhuru ("Brutal", faixa-título de seu disco de estréia pela RAS) e Culture ("Psalm Of Bob Marley", recentemente vertida para o português pelos Pericos"), Augustus Pablo põe o dub para funcionar em "555 Crown Street" e o pai da matéria, Lee Perry, dá as caras em "When Jah Come".

O rei do reggae Bob Marley é lembrado em duas regravações. O veterano Gregory Isaacs verte "Slave Driver" para seu estilo cool e Mikey Spice faz bonito em "So Much Things To Say". O outro destaque do álbum fica por conta do genial Hugh Mundell em "Africa Must Be Free". *Otavio Rodrigues*

Björk em pose de Lolita no encarte de *Telegram*

CYPRESS HILL
Unreleased & Revamped
Columbia/Sony Music

Chegados dão aquele brilho

O Cypress Hill volta à cena do crime entre remixes e músicas inéditas. Mais que novas levadas para velhas rimas, o grande lance de *Unreleased & Revamped* são as participações especiais.

Tem produção e vocais de Wyclef e presença de Lauryn Hill (Fugees) em "Boom Bidaly Bye Bye", de Temples Of Boom (95), tem Redman, o top produtor Erick Sermon (o "E" do finado EPMD) e MC Eight na inédita "Hands In The Air" e Q-Tip, do A Tribe Called Quest, na produção e voz do remix de "Illusions", também de *Temples*. "Latin Lango" (do álbum *Cypress Hill*) ganha tratamento mais pesado sob o comando do produtor Prince Paul, do De La Soul.

No mais, o Cypress Hill continua atuando com uma ideologia fuinela de dois gumes. Ao mesmo tempo que canta as boas vibrações e efeitos positivos da maconha, transforma-a num ícone da violência de rua em refrões como o de "Hand On The Pump" – "Com a mão pronta para bombar minha espingarda de cano serrado/ A mão esquerda com uma cerveja, puxando um baseado..." *Ricardo França Cruz*

MANIC STREET PREACHERS
Everything Must Go
Epic

Terapia eficiente

O recado da faixa-título é esclarecedor: "Só espero que você possa nos desculpar/ Mas tudo tem de continuar"

NOCA DA PORTELA E ROBERTO SERRÃO
Manda Me Chamar
Leblon Records

Dupla de bambas

O consagrado Noca tem em Roberto Serrão um parceiro à altura: escute "Seca Pimenteira" e comprove. Martinho da Vila, que sabe das coisas, já gravou bem a dupla de bambas que, aliás, não é boa só de samba. Repare no Noca mineirão da bonita "Moça De Estrada". Neste disco – lançado originalmente em 1990, só em LP e agora vitaminado por quatro faixas inéditas no formato CD –, Noca e Roberto ainda contam com participações especiais do saudoso Mussum (na gaiatíssima faixa "Cabeça de Porco") e em "Brota Belo, Bloco Bicha", exótico frevo sobre um bloco de piranhas de Jacarepaguá) e de Mestre Marçal, em "Dupla Genial", homenagem a Bide e ao Marçal pai que iniciou a dinastia. *Pedro Só*

BLUE NILE
Peace At Last
Warner/WEA

Sofisticada dor de amor

O trio escocês Blue Nile pode ser acusado de tudo, menos de apressado. Capitaneado pelo vocalista e compositor Paul Buchanan, o grupo lançou apenas três álbuns em doze anos de existência. São discões repletos de faixas longas e atmosféricas, tingidas de melancolia e saudade. E esses álbuns ainda trazem canções de um apelo pop sofisticado que costumam ser regravados por artistas tão variados quanto Isaac Hayes, Rickie Lee Jones e Rod Stewart. Mal comparando, são músicas aparentadas com o lado mais dor-de-cotovelo de Bryan Ferry, mas com uma vestimenta mais moderna e urbana.

O último lançamento dentro desta econômica discografia, *Peace At Last*, pode não ter a mesma qualidade dos clássicos *A Walk Across The Rooftops* e o melhor – *Hats*. Mas prossegue uma tradição de músicas dolentes e lânguidas, como "Tomorrow" e "Family Life". *José Emilio Rondeau*

JOHN MELLENCAMP
Mr. Happy Go Lucky
Mercury/PolyGram

Rock macho se encontra

Até que enfim John Cougar Mellencamp reencontrou seu caminho. O cantor de 45 anos (completados em outubro do ano passado) voltou a ser o garotão caipira de Indiana e gravou um álbum de bom e velho rock'n'roll.

Depois de começar como uma pálida cópia de Bruce Springsteen, o cantor capturou seu estilo e fez álbuns brilhantes. Mas seus últimos trabalhos tentavam ser sofisticados, cheios de climas "modernos", e soavam falsos.

Este *Mr. Happy Go Lucky* faz uma ponta direta com *Scarecrow* (1985), que tinha como destaque os hits "Small Town" e "Rock In The U.S.A." – e *Big Daddy* (1989), os melhores discos de Mellencamp nos anos 80. Está repleto de rock de beira de estrada, música de macho. Parece até que dá para ouvir os caras da banda cuspindo no chão e abrindo latas de cerveja. Mellencamp continua com o vozerão impecável e está em plena forma como compositor. É só ouvir porradas como "Jerry" e "The Full Catastrophe". Na banda, ótima, destaque para o baterra Kenny Aronoff. *Thales de Menezes*

Amado mestre!

contrano do Reino Rock

com

na Sun Records, tem

CARL PERKINS
Go Cat Go
Dinossaur Entertainment

Eu sou você amanhã: Carl Perkins envelhece mas não perde a realeza

trilha cool

VARIOS
Beavis & Butt-Head Do America
Universal Music

A duplinha da MTV finalmente chega ao cinema com um filme que arrebentou na bilheteria por lá (em sua semana de estréia fez 40 milhões de dólares!). Trata-se de uma espécie de *road movie* na linha [illegible]

[illegible] para sonorizar as trapalhadas dos dois videotas foi selecionada uma trilha totalmente cool – só com bandas aprova- [illegible] versões diferentes das originais. Entre os destaques está uma faixa nova dos Red Hot Chili Peppers, "Love Rollercoaster", que bate um bolão em qualquer festa, principal- [illegible] feitão "Shaft", bem 70's.

Contudo, o clima mais escrotinho do disco está em seu final, quando entra a [illegible] anos 60 por ter desbancado os Beatles no topo da parada de singles na Inglaterra. *Sucks*, mas tá no clima. *Tom Leão*

PACO DE LUCIA, AL DI MEOLA E JOHN MC LAUGHLIN
The Guitar Trio
Verve/PolyGram

Virtuosismo requintado

[illegible] do ombro lotado na saída de final no Maracanã, o público [illegible] novo só escutando o disco. [illegible] *Robert Halfoun*

JOHN PIZZARELLI
After Hours
RCA/BMG Brasil

Exercício chetbakeriano

[illegible] Gershwins, um Rogers & Hammerstein III e outros standards [illegible] da avidez do consumismo [illegible] *Pedro Só*

VARIOS
The Tarantino Connection
Universal Music

Caça-níqueis bem feito

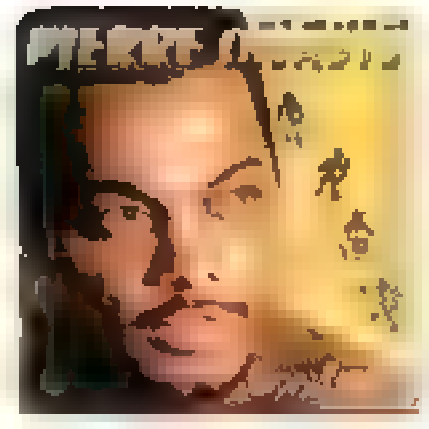
[illegible] bastava escrever [illegible] esperto tem de saber embalar seu produto. Quentin Tarantino [illegible] pacto de um filme [illegible] bustible Edison – responsável pela [illegible] *Rooms* em que Tarantino [illegible] *Marcus Sarmento*

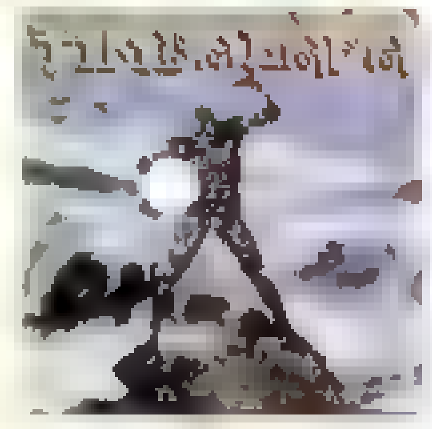
RÁPIDO & RASTEIRO

A Bahia é de todos os santos mas não há divindade que faça axé-music descer pela goela. Tudo bem que o clima baiano é contagiante, mas por que será que o Olodum, Daude e Carlinhos Brown sobressaem tanto? Simples: a maioria das bandas investe na mesmice de gosto duvidoso em busca do apelo popular.

A **BAMDAMEL** vem com **Alegria** (Continental), em que se destacam os bons vocais de Alobened. Coisas boas como "Junto Com Você" e "A Vida Do Viajante", de Luís Gonzaga, ficam esquecidas depois da audição do pagodão empolgativo "Ainda Posso Ser Feliz" e da salsa "Salsa De Mel", cuja letra diz: *"Ma petit poisl* [illegible]

[illegible] não são privilégio da Mel. O **ASA DE ÁGUIA** [illegible] **Kriptonita** (Sony Music) [illegible] Pelo menos o Asa permanece fiel a seus princípios. As letras absurdas nunca ficarão de fora de seu repertório.





Já **PIERRE ONASIS**, ex-Olodum, cai de cabeça pra baixo na salsa em **Gostoso Como Quê** (Continental). Obviamente sem esquecer as letras de duplo sentido. Entre coisas legais que devem pegar no Carnaval como "Menina Louca (Melô Da Cozinha)" e "Cinderela", Pierre manda "N... Balanço Das Ondas" e "Guantanamera II".

A **BANDA PAPOULA** não investe na salsa (ufa!), mas sim no reggae. Nada de reggae de raiz, o som da Papoula é mais pop baiano que reggae. Gueto, negros, Jah, liberdade, astral, alto astral e altamente astral são as palavras preferidas desse pessoal. Se "Periferia" é a me- [illegible] "Dance Outra Vez", versão de "Do You Wanna Dance", de Bobby Freeman [illegible]

Agora, **TIMBALADA**, **Mineral** (PolyGram), produzido por Carlinhos Brown, é um belo disco. Impossível ficar imune ao poder dos timbaus, surdos e bacurinhas [illegible] "Água Mineral" deve fazer o Carnaval baiano ferver e "O Sol Vem Saindo" [illegible] vocais de Patrícia Gomes também vai pegar forte na terra do sr. Antônio Carlos. *Mineral* só vem provar o que todo mundo já sabe: Brown é um MESTRE. *Carlos Gorem*

Bolsa de discos

Média	Disco	Braulio Neto	Claudia Grechi	Jotabê Medeiros	Marcelo Fella	Marcelo Frota	Marcio Pinheiro	Paulo C. Martins	Robert Halfoun	Sergio Martins	Tarola
7.2	PRINCE *Emancipation* EMI	8	8	7	•	9	4	6	8	8	7
6.7	CARDIGANS *First Band On The Moon* PolyGram	•	7	7	8	8	•	7	•	6	4
6.2	MARINA LIMA *Registros À Meia-Voz* EMI	6	7	9	6	7	6	4	•	5	•
6.1	CHRIS ISAAK *Baja Sessions* WEA	7	8	8	•	7	5	1	•	8	5
5.5	CLARA MORENO *Clara Moreno* Leblon	5	5	4	•	6	6	•	7	6	•
5.2	NEUROTIC OUTSIDERS *Neurotic Outsiders* WEA	7	6	5	3	7	•	•	4	3	7
5.0	TANTRA *Eles Não Eram Nada* Continental/Warner	6	•	2	3	8	•	•	6	2	8
4.7	COUNTING CROWS *Recovering The Satellites* Universal Music	5	5	5	3	9	•	0	7	2	7
4.7	DORA VERGUEIRO *Love* Universal Music	7	4	2	5	8	8	2	4	5	2
4.2	PHIL COLLINS *Dance Into The Light* WEA	4	•	2	5	9	5	0	6	2	5

A realeza do surf

Confirmando a explosão da surf music Estados Unidos, a gravadora One Way dá tratamento de luxo a dois dos maiores nomes do gênero: a dupla JAN AND DEAN e o grupo THE VENTURES. A discografia inteira deles está sendo relançada, sendo que cada CD contém dois LPs na íntegra.

Jan Berry e Dean Torrance foram anteriores aos Beach Boys e só perdiam para eles em termos de vendagem e popularidade. Com o estouro da surf music, em 1963, Jan e Brian Wilson juntaram forças para criar clássicos como "Surf City", "Ride The Wild Surf" e muitos outros. Nesta série de relançamentos da One Way, os colecionadores poderão adquirir em som digital álbuns clássicos como Surf City, Drag City, e Take Linda Surfing (que tem apoio vocal e instrumental dos Beach Boys). Para quem quiser os maiores êxitos da dupla, a indicação é o CD duplo Golden Hits Vols. 1, 2 & 3, que têm até hits do começo da carreira deles, quando cantavam *doo wop*.

Os Ventures vieram da fria Seattle mas ficaram marcados como uma banda de surf por conta de suas precisas versões instrumentais de hits do gênero. O pacote da One Way abrange ao todo 13 CDs, trazendo albuns clássicos como Walk Don't Run, Surfing, Hawaii 5-0 e muitos outros. Além disso, a EMI americana tambem colocou no mercado o CD Televentures, em que o grupo toca os principais temas de seriados.

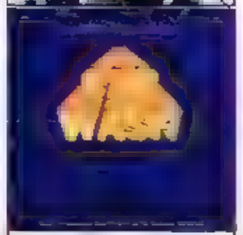
Paulo Cavalcanti

A surf music instrumental dos Ventures (ao alto) e as canções com influências de doo wop da dupla Jan And Dean (acima) : destaques do pacotão da One Way

NEGRAS MELODIAS

Quatro relançamentos fazem a alegria dos fas de musica negra no inicio deste ano. O melhor deles e a trilha sonora de **Car Wash** (MCA, importado). O filme uniu os talentos do roteirista Joel Schumacher – ho e diretor dos sucessos *Batman Eternamente* e *Tempo De Matar* – e do produtor Norman Whitfield. Cerebrozinho da Motown, tendo escrito "I Heard It Through The Grapevine" (sucesso na voz de Marvin Gaye) e adicionado psicodelismo ao soul romantico dos Temptations, Whitfield compos a maioria das musicas e montou uma banda especialmente para o evento - a **ROSE ROYCE**.

Car Wash empacou o primeiro lugar na parada de sucessos na semana de seu lançamento. Já em disco o single "I Want To Get Next To You" ficou entre os dez singles pop mais vendidos da temporada.



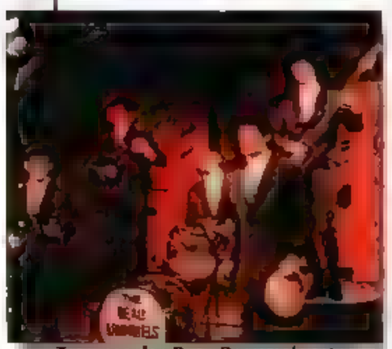
A gravadora americana Rhino coloca na praça mais dois volumes da serie **Smooth Grooves**, com as melhores baladas do inicio dos anos 80. Ha biscoitos finos do grupo **EMOTIONS** – produzido por Maurice White do Earth Wind & Fire – **ZAPP**, **HERBIE HANCOCK**, **LARRY GRAHAM** e **SKKY**. A curiosidade e "Slow Dancin'" uma lenta cantada por **CHAKA KHAN** e **RICK JAMES**.

Por fim, temos **In Concert** (Cedro Music), de **MARVIN GAYE**. O cantor surge em interpretaçoes ao vivo de seus maiores sucessos, como "Let's Get It On" e "Sexual Healing". O disco tem apenas valor historico, ja que uma das ultimas apresentaçoes de Gaye, assassinado pelo proprio pai, em abril de 1984.

Sergio Martins

Santo Graal do rock americano

Surgidos com a primeira geração do rock de São Francisco, os **BEAU BRUMMELS** foram um dos melhores grupos de rock já revelados em qualquer tempo ou época. Eles já estavam prontos, preparados, integros, quando, em 1963, captaram os primeiros ecos da Inglaterra, sofrendo influência dos Beatles. Mas não se limitaram a ser uma reles imitação: valorizaram os talentos extraordinarios de Ron Elliot e Sal Valentino, que escreviam o material original da banda. Os Brummels pertenciam ao selo Autumn, que deu todas as condições para eles gravarem suas maravilhas. A produção era de Sly Stewart – mais tarde, Sly Stone – e todas suas gravações foram feitas e editadas em estéreo, um luxo na época somente reservado para as estrelas das grandes gravadoras.



Tesouros dos Beau Brummels estao em *San Fran Sessions*

A Sundazed editou o Santo Graal dos fãs dos Brummels: **San Fran Sessions**, uma caixa com três CDs, 60 faixas no total, quase todas inéditas, incluindo demos de Elliot, demos de Valentino e gravaçoes de toda a banda de uma qualidade desconcertante, mais detalhes das gravações e entrevistas reveladoras. Ficamos sabendo, por exemplo, que Valentino – talvez o melhor cantor revelado nos anos 60 – se diz influenciado por Ernest Tubbs, Lefty Frizzel e Merle Travis, o fino do country & western. E que John Petersen foi um batensta moldado no estilo dos músicos de jazz Gene Krupa e Joe Morello. Os Beau Brummels eram fantasticamente bons. Basta ver que em 60 faixas de "sobras" não ha uma sequer que seja dispensável.

Rene Ferri

O canário do reino

Reverenciado por gente como Bono Vox e Bruce Springsteen, ***ROY ORBISON*** *(1936-1988) continua influenciando gerações, que se identificam com suas baladas paranóicas e sua voz privilegiada. Depois de um longo esquecimento, o veterano cantor voltou com tudo nos anos 80, regravando com classe velhos sucessos e lançando o magnífico álbum* Mystery Girl. *O mais importante desta fase está incluído na coletânea* ***The Very Best Of Roy Orbison*** *(Virgin). Com voz em cima, ele deu nova alma para músicas como "Only The Lonely", "Blue Angel" e "In Dreams" – responsável pelo* comeback *de Orbison ao ser incluída no filme* Veludo Azul. *Outros destaques são os hits "You Got It" e "She's A Mystery To Me", música que Bono fez para Orbison.*

Paulo Cavalcanti

A voz de Orbison mexeu com meio mundo

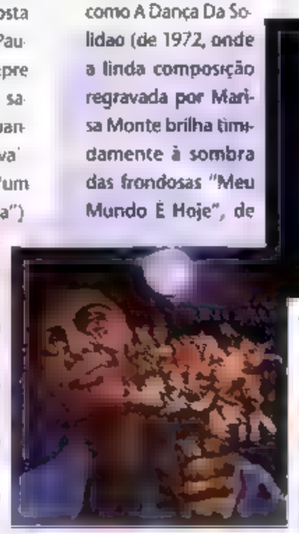
Replay

Paulinho Da Viola

Faltam adjetivos para o mestre

Unanimidade genial, PAULINHO DA VIOLA é herdeiro da estirpe fidalga de Paulo Da Portela, carregando na obra a sombra iluminada de monstros maiores como Nelson Cavaquinho, Cartola e Sinhô. Seus 11 primeiros discos reeditados agora em CD pela EMI são um time de sonhos para todo ouvinte que se preze. Afinal, já dizia Dorival Caymmi com mais elegância, quem não gosta de samba tende ao mau-caratismo. É o samba que Paulinho Da Viola apresenta neste pacotaço e quase sempre irretocável: muitíssimo canção, valsinha e modinha, sabendo sacudir tudo como partido alto de vez em quando (*ouvide* o incendiário e seminal "No Pagode Da Vava" de 1972, época em que bata perdida no fio vinha de "um nego que fez 13 pontos e ficou maluco de tanta alegria").

No primeiro disco, de 1968, o samba aparece enfeitado com algumas orquestrações do maestro Gaya que lhe prejudicam a desenvoltura. Mas Paulinho já exibe a soberba categoria como interprete de Cartola, Candeia e Nelson Cavaquinho – e de si mesmo, claro, nas antológicas "Sem Ela Eu Não Vou" e "Coisas Do Mundo, Minha Nega". Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida, de 1970, traz, além do sucesso-título, a clássica "O Meu Pecado", de Zé Keti, e, como bonus, a obra-prima "Sinal Fechado". A partir dos dois discos que lançou em 1971 – ambos sem título, Paulinho alcança sua dimensão de gigante. Músico na poesia (os erres do verso "a razão por que mando um sorriso e não corro", de "Para Um Amor No Recife", deslizam contra sua própria natureza) e ourives de harmonias mais do que líricas ("Choro Negro"), ele ainda esbanja bom gosto na escolha de acompanhantes: a flauta de Copinha é magistral e o trio de ritmistas Marçal, Oscar Bigode – seu primo, homem que o introduziu na Portela – e Elton Medeiros também destroi. Menino de Botafogo e adolescente em Vila Valqueire, Paulinho tem verve de sobra na crônica do subúrbio e profundidade nas reflexões docemente melancólicas. "Ninguém pode explicar a vida num samba curto", esquiva-se ele no metalinguístico "Num Samba Curto". Pura chave de ouro para a ocasião, desmentida varias vezes em LPs monumentais como A Dança Da Solidão (de 1972, onde a linda composição regravada por Marisa Monte brilha timidamente à sombra das frondosas "Meu Mundo É Hoje", de

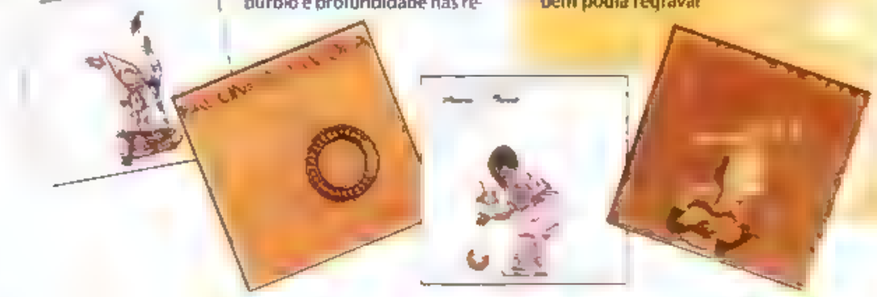


Wilson Batista, "Acontece", de Cartola e "Duas Horas Da Manhã", de Nelson Cavaquinho) e Nervos De Aço (de 1973, que rendeu um show histórico e concilia a modernissima "Compromisso" com a força tradicional de "Não Quero Mais Amar A Ninguém", de Cartola, Carlos Cachaça e Zé Da Zilda).

Paulinho Da Viola, de 1975, segue no nível com as pérolas "E A Vida Continua" (de um certo Zorba Devagar) e "Cavaco Emprestado", do injustamente pouco lembrado Padeirinho, além do protesto estético "Argumento" ("Não me altere o samba tanto assim"). Memórias – Cantando e Memórias – Chorando (dedicado à segunda paixão de Paulinho, o chorinho), de 1976, são celestiais.

O disco de 1978 vale por "Coração Leviano" e "Pelos Vinte", toda construída em metáforas sinuquísticas. Zumbido, de 1980, traz o clássico moderno "Recomeçar" (feito com Elton Medeiros) e "Chico Brito" – tipo a quem mestre Wilson Batista atribui "dizem que fuma uma erva do Norte" –, pioneira do repertório *hemp* que o Planet bem podia regravar.

PEDRO S.



Agora é mod!

Estão saindo mais duas belas aquisições para os fãs do THE WHO: o CD duplo Live At Isle Of Wight (Castle) e a versão remasterizada de Who By Numbers (MCA, importado). O Who sempre foi contra o lançamento do show da Ilha de Wight, alegando problemas com a mixagem e com o som. A despeito da opinião de Pete Townshend, o grupo arrasou. Nesta época a banda ainda estava funcionando em plena capacidade e atacava com entusiasmo velhos clássicos, como "My Generation", e novas músicas, como "Water". Além disso, é uma das poucas chances que os fãs da banda têm para conferir a performance quase inteira da ópera rock *Tommy*, com a banda detonando músicas que eles raramente tocaram depois, como "Fiddle About" e "Tommy's Holiday Camp".

Continuando com o projeto de lançar os álbuns da banda de uma forma melhorada, agora é a vez do *Who By Numbers* (1975). Considerado por muitos como um trabalho menor, é um disco que melhorou com o tempo, principalmente por sua produção crua e pela honestidade de Townshend ao se confessar "um rock star fracassado" em "However Much I Booze". Um belo livreto e três faixas bonus gravadas ao vivo são outros petiscos do lançamento. *PAULO CAVALCANTI*

Sua CARÍCIA de fevereiro entra em campo no maior pique!

• LOOK - Uma nova seção que vai mexer com seu visual

• Orgasmo - Tire suas dúvidas

E mais... muito mais!

Nas bancas

REVISTA carícia

Branquelas & blueseiros

Pode ser sacrilégio, mas tem gente que afirma que o blues branco é superior ao negro. E se for feito por ingles, melhor ainda. Discussões à parte, dois dos mais importantes representantes do chamado "white boy blues" dos anos 60 chegam as lojas via Paradoxx. Charly: THE ANIMALS WITH SONNY BOY WILLIAMSON e For Your Love coletânea dos YARDBIRDS (*foto*). O disco dos Animals é curioso. Sonny Boy Williamson era um bluesman picareta que afanou o nome e a imagem de um cantor morto alguns anos antes. Em 1963, excursionou pela Inglaterra e pegava bandas locais para acompanhá-lo. Este show foi gravado em Newcastle e os Animals fazem um adequado acompanhamento para o bluesman em faixas como "Take It Easy Baby". A história dos Yardbirds é bastante conhecida: evoluíram de puristas do blues a precursores do heavy metal. *For Your Love* centra fogo na fase Eric Clapton; Jeff Beck é quebra o galho de quem não tem nada do grupo em sua discoteca. *Paulo Cavalcanti*

O selvagem

Desde que inventou o punk rock no auge da era hippie, há quase 30 anos, IGGY POP brigou com Deus e o mundo para lançar seus discos sombrios, viscerais e debochados. Mas sempre foi no palco que o bicho pegou. Com os Stooges (1968-1973), ele já fazia de tudo: cantava pelado, atacava tietes, quebrava braços e pernas, cortava-se com cacos de vidro e chamava jogadores de rugby e gangues de motoqueiros pra porrada, sem a menor chance de escapar ileso. No entanto, não é só a selvageria que torna seus shows arrasadores. Best Of... Live (Universal Music) mostra isso com uma seleção perfeita, cobrindo todas as fases de Iggy. Ao vivo, com vocais e instrumental furiosos, canções subestimadas como "Blah Blah Blah" e "Easy Ruder" crescem. Outras – "1969", "Search And Destroy" e "The Passenger" – ganham mudanças nas letras. Sobra até um discurso sobre drogas para "High On You".

O disco é essencial. Não só para quem gosta de rock simples e autêntico, como também para aqueles que vêem nele apenas um velho porra-louca que aparece de vez em quando em filmes legais. *Wagner Fuho*

ecos pulsantes

Eles representavam o verdadeiro cenário "alternativo" do rock nacional. Não ganharam espaço em livros sob o cenário pop brasileiro, mas têm fãs do quilate de Chico Science e mundo livre s/a. Algumas músicas soavam como rock inglês reciclado, porém são melhores do que 80% do que é produzido hoje em dia. Resumindo: os dois volumes da coletânea Nao São Paulo (Baratos Afins) sao Biblia para quem quiser entender as mumunhas do tal "rock paulista"

O primeiro disco tem AKIRA S. & AS GAROTAS QUE ERRAM, atual até hoje, com seu híbrido de funk, rock inglês e King Crimson. Akira estraçalha no stick (uma espécie de baixo-guitarra, tocado com maestria por Tony Levin, do já citado Crimson) e as letras de Pedreira Antunes estão entre as mais bem-humoradas da coletanea. "O inferno tem mil entradas/ O inferno é no Mappin", diz "Sobre As Pernas". Mas ha outros atrativos, como o trio NESS, trabalhando com diversos elementos do pop (a faixa "Adeus Buck Rogers" chegou a ser bem executada nas rádios rock da época); o som esquisitão do CHANCE e o MUZAK, que vale mais pela presença do grande baterista Victor Leite, já falecido.

A escalação de Não São Paulo 2 é o pior problema do álbum. NAU – que tinha os bons vocais de Vange Leonel – e GUETO soam datados e o VULTOS nunca chegou a impressionar. Salva-se o punk rock do 365. Mesmo assim, é um bom panorama dos sons que faziam a cabeça do pessoal pré-rock engraçadinho.

Sergio Martins

FUGEES
Bootleg Versions
Sony Music
Rap na intimidade

Responsável por *The Score*, um dos discos mais legais do ano passado, o trio de rappers Fugees ataca em dose dupla. O pacotão *Bootleg Versions* inclui uma fita de vídeo e um CD com momentos ao vivo, entrevistas e versões alternativas da música de Lauryn Hill, Pras e Wyclef.

O disco tem bons momentos, como "Killing Me Softly" – o single que trouxe Roberta Flack, a autora da música, de volta para o *showbiz* – e os remixes de "Ready Or Not" e "Fu-Ge-Laa". O destaque fica por conta da reunião do trio com a família Marley (leia-se Ziggy, o mano Stephen e pimpolhos) numa grande cover de "No Woman No Cry".

Mas é no vídeo que os Fugees tem sua melhor atuação. Ele capta a intimidade do trio, esmerilhando em apresentações ao vivo em que a banda toca de verdade – sem enganar com bases pré-gravadas e *pick ups*. O clima é tão despojado que Lauryn, Pras e Wyclef chegam a dar entrevistas durante um piquenique. Eles confraternizam ao lado dos Marley, no legendário estúdio Tuff Gong – que pertenceu ao papai Bob. E Pras da declarações no mínimo interessantes, fala de seu passado musical, quando tocava guitarra na igreja de seu bairro, e revela a faceta mística dos Fugees. Pras jura ter visto uma sereia! *Sergio Martins*

The B-52's
1979-1989
Warner Video
A nata da new wave

Cultuado durante os anos 80 e renegado pela geração seguinte –, o B-52's reaparece com *The B-52's 1979-1989*. Trata-se da prova definitiva que eles foram o *creme de la creme* da geração new wave.

A fita começa com "Rock Lobster", de 1979, totalmente performática e atual até hoje. O B-52's é capturado tocando ao vivo num clubeco. O *capo* Fred Schneider, ainda garotão, da pinta com um tremendo bigodão. Depois o vídeo passa por dois marcos do clip, "Legal Tender" e o *ultrakitsch* "Song For A Future Generation". Ambos datam de 1983 e fazem parte de *Whammy!*, álbum que inaugurou a new wave no Brasil.

A festa continua com "Girl From Ipanema Goes To Greenland", de 1986, para depois descambar na trinca "Channel Z", "Love Shack" e o lindo "Roam" (1989). Fecha com "Deadbeat Club", de 1990. O clip é belíssimo, tem participação de Michael Stipe – amigo de longa data do grupo –, mas é melancólico e chique demais pelo menos para o B-52's de diversão. É o maior símbolo do esgotamento da banda nos anos 90.

The B-52's 1979-1990 é dedicado ao guitarrista Rick Wilson, morto em decorrência da Aids em 1985. Até na desgraça, eles foram precursores... Para os fãs da banda, resta um consolo. Fred Schneider, em carreira solo, lançou um dos melhores álbuns do ano passado.

Claudia Grechi

NEIL YOUNG & CRAZY HORSE
Weld
Warner Video
Velhos, sujos e malvados

Frank Sampedro na guitarra, Billy Talbot no baixo e Ralph Molina na bateria. Este trio de quarentões, que atende pelo nome de Crazy Horse, relincha mais alto, mais distorcido e mais bonito do que dez entre dez bandas que hoje se aplicam na arte do noise. A prova cabal disso, implícita na obra-prima *Rogged Glory*, que Neil Young lançou em 1990, destralha-se no vídeo *Weld*, gravado na turnê de 1991.

Ao vivo, Young e seus asseclas cumpriram a opressão sonora prometida pelos amplificadores gigantes que compõem o cenário do show. O repertório não é o ideal (Neil tem coisas infinitamente melhores do que "Fuckin' Up", por exemplo) e a ferrugem do tempo comeu o sentido político da versão de "Blowin' In The Wind" (incluída por conta da Guerra do Golfo), mas a direção de Bernard Shakey é primorosa. Os numerosos takes de plateia são tão interessantes quanto as imagens do palco.

Jeans esfarrapado, gordinho, camisa de flanela sobre T-shirt preta com estampa de Elvis, Neil Young desfia clássicos antigos ("Cinnamon Girl", "Powderfinger") e recentes ("Mansion On The Hill"). Na primeira fila, vão à loucura motoristas de caminhão com Lynyrd Skynyrd tatuado no braço, pregos com bigode à Burt Reynolds bêbados de Coca-Cola, moleques fãs de Nirvana e uma crioula solterona. Neil e o Crazy Horse tocam com tanta paixão que dá vontade de estar lá, no gargarejo, junto dessa gente esquisita, com o coração batendo feito woofer estourado. *Pedro So*

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

- Entretenimento

SET: Cinema e Vídeo
SHOWBIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇAO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU: Idolos da Juventude
CARICIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saude
HOROSCOPO: Horoscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAUDE É VITAL: Prevenção e Saude
VIAGEM E TURISMO

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Decoração

Guias e Anuários

HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VIDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 Tel.: (011) 867-3000 Fax: (011) 867-3300 São Paulo - SP

Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503 - Castelo - Rio de Janeiro - CEP 20030-021 - Caixa Posta: 4816 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486/532-1583

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Comunicação e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 321-0305 - Fax: (061) 226-3644

Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-1975

Fortaleza: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - sala 103 - CEP 60050-000 - Fortaleza/CE - Tel.: (085) 254-1656 Fax: (085) 231-4761

Minas Gerais: M A M Publicidade e Repres. Ltda. - Av. Contorno, 8000 - sala 1101 - Ed. Wall Street - CEP 30110-907 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 335-8789

Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - c. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844

Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - CEP 20020-080 - Telefax: (021) 220-3752

Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - c. 208 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel.: (051) 223-9528 - Fax: (051) 217-1005

Santa Catarina: By Sperança - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel./Fax: [illegible]

Vitória: Duarte Propaganda e Marketing Ltda. - Rua Fabio Rusch, 42 A - Bento Ferreira - Espírito Santo - Telefax: (027) 324-1174

Letras traduzidas

Rolling Stones

Pinçada do badalado especial *Rock'N'Roll Circus*, a música que esc ancara o lado demoniaco dos Rolling Stones virou até clip da MTV

ROCK E CIRCO

Gravado para a TV inglesa em dezembro de 1968, o especial Rolling Stones Rock N'Roll Circus trazia vários convidados que dividiam o picadeiro com o grupo. Entre eles havia The Who, John Lennon e o grupo Jethro Tull.

O ANTICRISTO

As blitzkrieg – ou guerras relâmpagos – eram uma tática nazista, com o objetivo de não deixar prisioneiros. O demônio da letra pode ser também Adolf Hitler, citado pelo profeta Nostradamus como o segundo AntiCristo.

DOSE DUPLA

Na letra original, Mick Jagger se referia apenas ao presidente John Kennedy (acima). Enquanto os Stones finalizavam a música, o senador Bobby Kennedy (irmão de John) foi baleado por um fanático. A letra então foi atualizada para: "Quem matou os Kennedys?"

Em 1969, durante um show dos Stones, os Hell's Angels mataram um jovem a facadas e golpes de porrete. A música que detonou a confusão foi "Sympathy For The Devil"

O INFERNO É AQUI

Sympathy For The Devil

Mick Jagger/Keith Richards

Please allow me introduce myself
I'm a man of wealth and taste
I've been around for long long years
Stolen many man's soul and faith

I was around when Jesus Christ
had his moment of doubt and pain
Make damn sure that Pilatus washed
his hand and sealed His fate
Please to meet you I hope you guess my name
But what's puzzling you is the nature of my game

Stuck around Saint Petersburg when
I saw it was a time for a change
Killed the Tzar and his ministers
Anastacia screamed in vain
I rode a tank
Held a general's rank
When the blitzkrieg rage
And the bodies stank
Please to meet you...

I watched with glee while you kings
and queens fought for ten decades
For the gods they made
I shouted out who killed the Kennedy's
when after all it was you and me
Let me please introduce myself I'm a man of wealth and taste
And I lay traps for troubadours who get killed
before they reach Bombay
Pleased to meet you hope you guess my name, oh yeah
But what's puzzling you it's the nature of my game
Pleased to meet you hope you guess my name
But what's confusing you is just the nature of my game

Just as every cop is a criminal and all the sinners, Saints
As heads is tails, just call me Lucifer
Cause I'm need no some restraint
So if you meet me, have some courtesy,
have some symphaty and some taste
Use all your well learned politesse or I'll lay your soul to waste

Pacto Com o Demônio

Por favor deixe-me apresentar
Eu sou um homem de posses e bom gosto
Eu estou por aí há muito, muito tempo
Roubei a fé e a alma de muitos homens

Eu estava por perto quando Jesus Cristo
teve Seu momento de duvida e dor
Me certifiquei que Pilatos lavasse suas mãos
e selasse Seu destino
É um prazer encontrá-lo, espero que você adivinhe meu nome
Mas o que esta intrigando você é a natureza do meu jogo

Eu fiz o cerco a São Petesburgo
Quando vi que era hora de uma mudança
Matei o Czar e seus ministros
Anastacia gritou em vão
Eu dirigi um tanque
Assumi o posto de general
Quando a blitzkrieg enfureceu e os corpos fediam
Prazer em conhecê-lo...

Eu observei com jubilo enquanto vocês,
reis e rainhas, lutaram por dez decadas
Pelos deuses que Eles criaram
Eu gritei: "Quem matou os Kennedys?"
quando na verdade fui eu e você
Deixe-me por favor me apresentar,
sou um homem de posses e bom gosto
E eu monto armadilhas para trovadores que
foram mortos antes de chegar em Bombain
Prazer em conhecê-lo,
espero que você adivinhe meu nome, oh Yeah
Mas o que está surpreendendo você é a natureza do meu jogo
Prazer em conhecê-lo, espero que você adivinhe o meu nome
Mas o que esta confundindo você é a natureza do meu jogo

Assim como cada tira é um criminoso
e todos os pecadores são santos
Assim como cara é coroa, me chame apenas de Lúcifer
Porque eu não preciso que ninguém me controle
Então, se você me encontrar, seja cortês,
mostre simpatia e bom gosto
Use toda sua bem-aprendida educação ou eu arrasarei sua alma

Mick Jagger veste trajes de padre em nova versão de Sympathy For The Devil

O DIABO É O PAI DO ROCK

"Sympathy For The Devil" foi inspirada num livro russo chamado The Master And The Margarita. A obra, que contava a participação do demônio em momentos decisivos da humanidade, foi banida desde o seu lançamento nos anos 30 na atual Rússia.

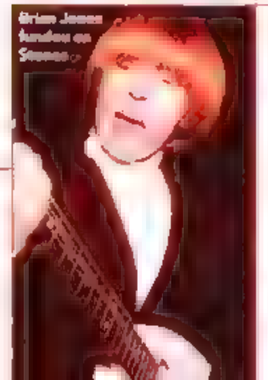
SONORA BATUCADA

Quem não gosta de samba, bom sujeito não é. Mick Jagger e Keith Richards aprenderam a lição e caíram de boca no batucum. "Sympathy For The Devil" foi uma tentativa da dupla de fazer samba. O ritmo deu tanto a cabeça de Jagger e Richards que eles voltaram ao Brasil no final de 1968.

Keith Richards chegando ao Rio de Janeiro para estudar o samba

DEMO SESSIONS

Enquanto eles gravavam a música, incluída originalmente no maravilhoso álbum Beggar's Banquet, o cineasta francês Jean Luc Godard registrava tudo para o filme One Plus One – mais tarde rebatizado de Sympathy For The Devil. Jean Luc Godard, que filmou a criação de "Sympathy For The Devil"

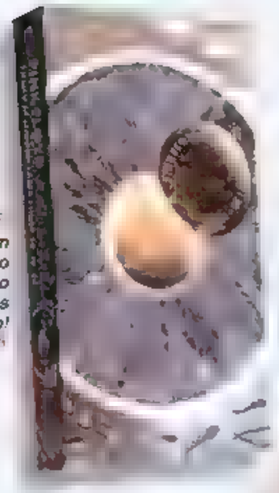


Brian Jones fundou os Rolling Stones e foi o primeiro da banda a explorar a imagem de símbolo sexual. Mick Jagger e Keith Richards tomaram o poder e Jones mergulhou cada vez mais nas drogas. O guitarrista seria expulso do grupo em junho de 1969 – Mick Taylor entrou em seu lugar – para morrer no mês seguinte, afogado na piscina de sua casa.

ANJO CAÍDO

Arquivo R

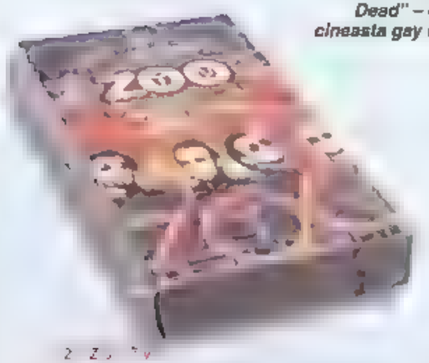
Clássicos do rock para o seu videocassete



PINK FLOYD - PULSE
Filmado em Londres em 1994, traz o show completo da turnê que virou o disco homônimo. Tem quase três horas de duração!
R$ 35

QUEEN - CLASSIC
São 16 clips do Queen, entre eles "Stone Cold Crazy", "Under Pressure" e "Bohemian Rhapsody", na versão do filme Wayne's World
R$ 27

THE SMITHS - THE COMPLETE PICTURE
Cinqüenta minutos de clips. Tres deles – "Panic", "Ask" e "The Queen is Dead" – dirigidos pelo cineasta gay Derek Jarman
R$

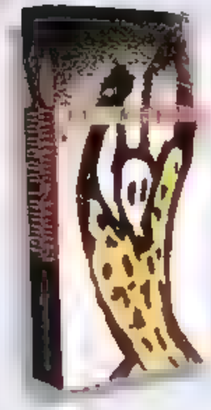


U2 - ZOO TV
Duas horas de U2 no show da Zoo TV, a turnê do álbum Zooropa. Gravado em Sidney, em 1994
R$ 33

MARVIN GAYE - GREATEST HITS LIVE
Um dos últimos shows de Gaye. Foi rodado na Holanda, em 1978. São mais de vinte canções, entre elas hits como "Let's Get It On" e "Sexual Healing"
R$ 33

ONDE ACHAR:

PLANET MUSIC:
Av. Rebouças, 2315, São Paulo - SP
Fone: (011) 282-7599
Via Parque Shopping, Rio de Janeiro - RJ. Fone: (021) 385-0384
Shopping Curitiba, Curitiba - PR. Fone: (041) 326-1111
Shopping Diamond Mall, Belo Horizonte - MG. Fone: (031) 291-5862
SUCK MY DISCS:
Rua 24 de Maio, 116, Galeria Presidente, 1º andar, loja 38, São Paulo - SP. Fone: (011) 223-4660

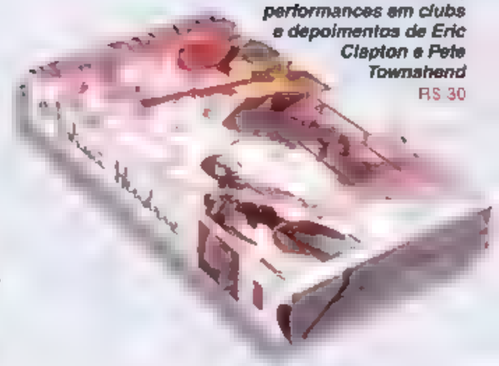


ROLLING STONES - VOODOO LOUNGE
Imagens alucinantes dos velhinhos na inesquecível turnê Voodoo Lounge. *A apresentação é de Whoopi Goldberg e conta com os convidados Bo Diddley e Robert Cray*
R$ 30

THE WHO - THE KIDS ARE ALRIGHT
Retrospectiva impecável da carreira do The Who, este video, produzido em 1979, tem até o raro clip de "The Kids Are Alright"
R$ 33

THE BLACK SABBATH - THE STORY VOL. 1
Tudo sobre o grupo entre 1970 e 1978. Performances ao vivo, clips raros e até apresentações em programas de TV
R$ 27

JIMI HENDRIX
Rockumentário: a história do guitarrista é contada através de trechos de shows, performances em clubs e depoimentos de Eric Clapton e Pete Townshend
R$ 30



NIRVANA - LIVE TONIGHT SOLD OUT
Nirvana ao vivo é animal! Aqui você vê shows em pequenos clubes, Kurt levando porrada em Amsterdã e até a secanagem que o ídolo grunge aprontou com a Rede Globo, quando esteve no Brasil
R$ 27

14 PÁGINAS DE DICAS PARA ULTIMATE MK3, MK TRILOGY E STREET FIGHTER ALPHA E ZERO 2.

GRÁTIS

DETONANDO NAS BANCAS!

REVISTA AÇÃO GAMES

AZUL

Beat acelerado

O tecno virou moda e até o U2 aderiu ao estilo no novo disco *Pop*. E você, já entrou nessa viagem?

1 O tecno, gênero da dance music underground, vem sendo considerado a revolução da musica pop. Esta começando a estourar no Brasil, mas já é famosissimo e popular na Europa, Japão e Australia. O genero nasceu em:
a) Londres (Inglaterra), há cinco anos
b) Amsterdã (Holanda), ha sete anos
c) Nova York (Estados Unidos), ha treze anos
d) Detroit (Estados Unidos), há dez anos
e) Catole do Rocha (Brasil), ha vinte anos

2 Um dos maiores acontecimentos do mundo tecno é um carnaval eletronico muito doido que leva jovens à loucura na Europa. Nome do evento e cidade onde ele rola
a) Love Parade, em Berlim
b) Love and Peace, em Sao Francisco
c) Woodstock, em Nova York
d) Lolapallooza, em Los Angeles
e) Monsters of Rock, em Donnington

3 Supostamente movidas a ecstasy e ácido, as festas tecno geralmente rolam em:
a) clubes gays
b) puteiros
c) casas de shows
d) clubes e raves (festas ao ar livre
e) em garagens

4 Nascido nos suburbios londrinos em festas freqüentadas principalmente por negros da classe operaria e imigrantes caribenhos, o género do tecno que faz mais sucesso e o drum'n bass (superando o trance, o ambient, o acid e o trip hop). No Brasil, ele é principalmente conhecido como
a) thrash
b) house
c) hip hop
d) jungle
e) dança da garrafa

5 Um dos grandes expoentes do tecno nova-iorquino, Richard Hall, é descendente do escritor Herman Melville. Richard e mais conhecido como
a) Moby, em homenagem ao livro Moby Dick, escrito por Melville
b) Tricky, em homenagem às festas de Halloween
c) Prince, uma alusão a sua linhagem nobre
d) The Orb, em homenagem aos livros de ficção cientifica
e) Goldie, em referência ao ouro africano que o avo levou para a America

6 Massive Attack, Tricky e Portishead, os três grandes expoentes do trip hop sairam da mesma cidade inglesa.
a) Manchester
b) Liverpool
c) Bristol
d) Londres
e) Cambridge

7 Aphex Twin lançou no finalzinho de 1996 o aclamado album Richard D. James, que esta sendo considerado um marco no tecno devido à:
a) mistura de musica eletrônica com samba
b) mistura de musica eletrônica com musica etnica
c) mistura de musica eletronica com classica
d) mistura de musica eletronica com heavy metal
e) mistura de musica eletronica com grunge

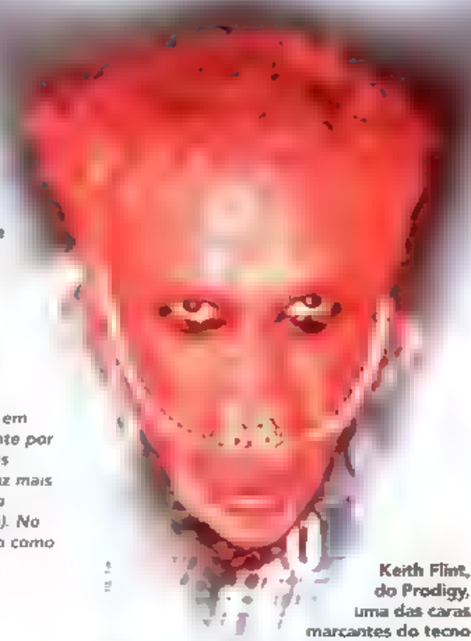
8 No ano passado, uma famosa banda de heavy metal industrial aderiu ao tecno e lançou um disco so de remixes feito pelos grandes nomes da cena. O nome da banda é:
a) Nine Inch Nails
b) White Zombie
c) Brohazard
d) Sepultura
e) Metallica

9 Os DJs e produtores Mike Simpson e John King, sob a alcunha de The Dust Brothers, foram os responsaveis pela produção de dois dos mais importantes discos dos anos 80 e 90:
a) Paul's Boutique, dos Beastie Boys e Odelay, do Beck
b) Post, de Björk e The Melon Collie And the Smashing Pumpkins
c) In Utero, do Nirvana e No Code, do Pearl Jam
d) Temple Of The Boom, do Cypress Hill e Evita, de Madonna
e) The Whisky A Go-Go, do Kula Shaker, e Jagged Little Pill, de Alanis Morissette

10 Um dos singles mais vendidos na Inglaterra, "Setting Sun", da dupla The Chemical Brothers, conta com os vocais de um dos mais famosos astros pop do momento. Seu nome é
a) Jarvis Cocker
b) Marilyn Manson
c) Shirley Manson
d) Beck Hansen
e) Noel Gallagher

11 Tendo o single "Firestarter" sido eleito como o melhor de 96 por diversas publicações gringas, o grupo mais hypado do momento, que começou a carreira abrindo shows do Oasis, é:
a) The Chemical Brothers
b) Underworld
c) Meat Beat Manifesto
d) The Prodigy
e) Orbital

12 Em 96, o Underworld permaneceu meses nos primeiros lugares das paradas de singles na Inglaterra com a musica "Born Slippy", da trilha do filme Trainspotting. O grupo pertence:
a) ao selo TVT, de Trent Reznor
b) ao selo Sub Pop
c) ao selo Maverick, de Madonna
d) ao selo Scratch Records, de James Iha
e) ao selo La Face, de Babyface



Keith Flint, do Prodigy, uma das caras marcantes do tecno

MODERNINHO E BAGUNCEIRO

Jon Bon Jovi está todo inspirado para lançar novo disco

Bom Jon: melhor e mais moderno

O Bon Jovi só volta a gravar mesmo em 1999 e o bom Jon aproveita o tempo parado para lançar, segundo ele, o disco mais importante da sua carreira. *Destination Anywhere*, título provisório, sai em agosto, no verão do Hemisfério Norte. "Será o álbum mais moderno que já fiz. Vai soar muito diferente." Tanta novidade é fruto da inspiração fresquinha que surgiu ao trabalhar com Dave Stewart (ex-Eurythmics), Steve Lirone, o responsável pelos grooves do Black Grape, e Eric Bazilian, autor de "One Of Us", de Joan Osborne). "É uma delícia poder fazer a maior bagunça com elementos inusitados. Este disco está soando bem europeu", diz Bon. Enquanto trabalha no álbum, Jon estuda propostas para seguir sua carreira cinematográfica. Ele chega a ler mais de três roteiros por semana. "Não precisa ser um grande filme. Não me importo em fazer cinema independente, é só eu gostar do personagem e dos diálogos. Mas tem muita merda por aí", reclama.

OLIGOGÊNIOS

The Queers no CD *Canções De amor Para Retardados*

O fenômeno do quanto-pior-melhor não é nada perto das complexas contradições do quanto-mais-burro-mais-inteligente. "Não Consigo Parar De Peidar", "Ursula Finalmente Tem Peitinhos", "Gastei O Aluguel", "Eu Não Quero Trabalhar", "Este Lugar É Uma Merda" e "Eu Quero Boceta" são títulos de canções do grupo americano The Queers que ajudam a provar que, sendo burro e seguindo os mais primais instintos, chega-se perto da genialidade. Se você gosta de Ramones, adote esta banda já. Com oito álbuns lançados, os Queers, ao contrário do que o nome sugere, não são gays. Foi só para incomodar chatos que escolheram a alcunha. Eles inclusive insultam os sexualmente corretos num rock chamado "Cidade Das Bichas", sobre São Francisco. A impagável letra de "Gay Boy" resume a brincadeira: "Eu conheci um cara, seu nome era Jim/ Ele gostava de mim, mas eu não gostava dele/ Ele disse que queria muito ir pra cama/ Ele me disse que iria me pagar um boquete animal/ A mãe e o pai dele estão orgulhosos de seu filho / É perfeitamente aceitável ser um garoto gay".

MIX

FALA, SANTA!

No Code está vendendo pouco e Eddie Vedder e cia. resolveram tirar a mordaça. A primeira entrevista do Pearl Jam falando sobre a nova fase da carreira foi dada com exclusividade à revista americana *Spin*. A conversa aconteceu durante a turnê que o grupo fez pela Polônia. Nela, Eddie fala sobre o pouco sucesso de *No Code*. "Agora podemos ser normais novamente." Em relação a ganhar menos dinheiro... "Não vamos basear nossas novas decisões nisso." Enquanto isso, Michael Stipe e Courtney Love tomaram as dores de Vedder, que teve sua vida pregressa de adolescente feliz e bem-ajustado investigada por detetives na revista *Rolling Stone*, e arrotaram na TV americana. "Ninguém tem o direito de xeretar a vida dos artistas. Mesmo que eie não queira falar com a imprensa."

Eu quero!!!

Gil, Pelé e Caetano mandam "Aquele Abraço" para a Olimpíada no Rio; Arnaldo Antunes também

Arnaldo Antunes, Baba Cósmica, Baby do Brasil, Caetano Veloso, Chico Cesar, Daúde, Djavan, Elba Ramalho, Erasmo Carlos, Evandro Mesquita, Fernanda Abreu, Gabriel o Pensador, Gilberto Gil, Funk'n Lata, Sunda (este não, foi só para testar se você teve saco de ler esta lista), Leo Jaime, Moreira da Silva, Nando Reis, Paulo Ricardo, Roberto Frejat, Toni Garrido e mais uma pá de gente regravaram "Aquele Abraço", de Gilberto Gil, para dar aquela força na candidatura da Cidade Maravilhosa para a Olimpíada de 2004. Sua Majestade Pelé resolveu participar em cima da hora e acabou fazendo um rap com O Rappa. Por aqui, ninguém foi lá cantar, mas também damos o maior apoio.

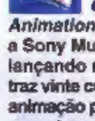
Alien

notícias de outros mundos

Metamorfose ambulante

Bizarrice nunca faltou nos filmes de David Lynch. Vide os clássicos *Veludo Azul* (em que o ponto de partida do enredo é uma orelha decepada), *O Homem Elefante* e *Twin Peaks*. Agora o ex-marido da Isabella Rossellini ataca com *Lost Highway*, segundo ele, "uma viagem mental dentro de uma noite sem fim." A bela Patricia Arquette (*fotos acima*) é a protagonista da história vivendo Renée, morena glacial que sofre uma metamorfose e se transforma em Alice, loura explosiva.

Loucura!!!



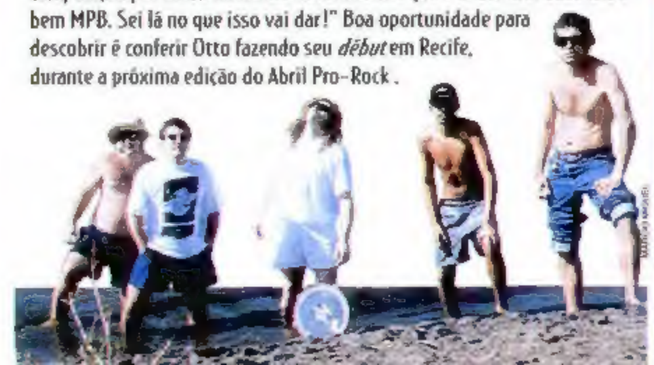
Computação gráfica, humor louco e radicalismo exótico. É o *home* vídeo *Computer Animation Festival*, que a Sony Music está lançando no Brasil. A fita traz vinte curtas de animação por computador e mostra cada cena por inteiro, exatamente como foi criada pelo animador. O vídeo muito louco de música "Let There Be Light", de Mike Oldfield, também está na coletânea. Muito moderno...

Pelada lá embaixo

Você já viu o umbiguinho da deliciosa Cameron Diaz, de *O Máskara*? Daniel Johns, do Silverchair, já. Fácil de explicar: a louraça que encarou a coisa verde é a capa da versão australiana da *Playboy* de fevereiro de 1996. Só lançada na terra dos cangurus, a revista é item de colecionador no mundo todo.

tecno pira caranguejo

Otto, percussionista do mundo livre, andou por São Paulo, baixou no Hell's Club e pirou. Resultado: deixou o manguebit e o mundo livre s.a. para cair nas graças da tecno. O chefe da empresa, Fred 04 – sem ressentimento –, explica melhor: "Ele tem um espírito frenético e faz uma composição por dia!!! Ainda não ouvi mas sei que é tecno com uma coisa bem MPB. Sei lá no que isso vai dar!" Boa oportunidade para descobrir é conferir Otto fazendo seu *début* em Recife, durante a próxima edição do Abril Pro-Rock.



"Quero experimentar essa tal de catuaba. Vamos ver se o bráulio dá uns pulinhos"
Moreira da Silva, aos 94 anos, cheio de amor pra dar, na *Ele & Ela*

Sepultura dá um tempo, sem previsão para voltar à ativa

Sepultura horroriza

O bicho está pegando para o lado do Sepultura e a banda anda em ritmo de ponto morto. "Parou total. Cancelamos tudo e não há previsão de volta", aterroriza Igor, que está no Brasil cuidando da filha que nasceu prematuramente. Mais detalhes da parada? "Não, não... As coisas não vão bem e prefiro não falar no assunto", encerra. Igor está no estúdio Be Bop, em São Paulo, fazendo uma participação especial em *Cadeia Nacional*, próximo disco do Pavilhão 9. Ele e Max participam da faixa "Mandando Bronca". "Somos fãs do Pavilhão. Faz tempo que o Max queria gravar uma música deles. As letras são foda." Recuperando-se de uma nova cirurgia no joelho, Max grava seus vocais nos EUA e espera o maninho para finalizarem a produção da faixa. Igor ressalva: "Não sou produtor, só gosto de ajudar bandas novas que sejam legais", diz. (Rodrigo Durão Coelho)

Beat acelerado

Descubra sua freqüência

12 acertos – Mega Mocotó – Sintonizado e absoluto, você liqüidifica e bochecha como ninguém as novas tendências. Tóim!
8 a 11 acertos – Cybermanga – Híbrido, hipnotizado e em êxtase eletrônico. Você é quase um vegetal...
4 a 7 acertos – Milho Hertz – A noite ilustrada é uma criança imberbe. Mas você ainda não é tarado o bastante. Peninha!
0 a 3 acertos – Almôndega – Brian Eno já foi pára, mas não tem nada a ver com sal de fruta! Você confunde costas com cacunda no som da night e ficou para trás. Gostoso assim, né?

Respostas: 1-d • 2-a • 3-d • 4-d • 5-a • 6-c • 7-c • 8-b • 9-a • 10-c 11-b • 12-a

FOFO MERCURY

Exposição fotográfica mostra todas as fases da vida de Freddie

O inesquecível Freddie Mercury, falecido cantor do Queen, acabou na parede. Para celebrar o que seria seu aniversário de 50 anos foi organizada no Royal Albert Hall, em Londres, uma exposição de fotos mostrando um Freddie que poucos conheciam. São mais de cem imagens que ilustram todas as fases da vida do ídolo. Sua família abriu o baú e os fãs puderam conferir a infância dele na Índia, além de momentos impagáveis em várias turnês do Queen. A exposição agora corre o mundo e pode chegar ao Brasil.

Gracinha: de cima para baixo, Freddie bebê, moleque, adolescente e diva

demo cracia

Mande demos para: Democracia - Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP

Flávio Murrah (de camisa escura) & Cia.

A VOLTA DO QUE NÃO FOI

Música e letras fortes, uma tremenda guitarra, nervosa e melódica, e rumores de estar tamb?22 legal. Por onde andava Flávio Murrah? O líder e compositor principal do Hojerizah, banda carioca dos anos 80 (meio amada/meio odiada) volta acompanhado de Herdilha, formado no fim de 1995 com Ronaldo Farpa (voz), Claudio Bem (baixo) e Denis Meldo (bateria). O grupo faz um híbrido personalíssimo de pós-punk e hard-rock. "É o estilo que eu sei fazer. Quero continuar o trabalho do Hojerizah", conta Flávio. Confira no bom demo com quatro músicas. Contatos: (021) 280-6791. (Wagner Filho)

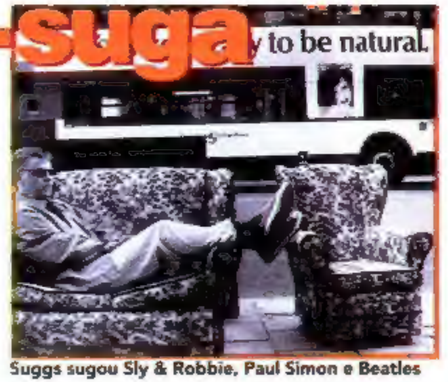
o inglês não compensa

Um congresso de tatuados que rolou em janeiro no Rio, na Fundição Progresso, foi a última onda do Beach Lizards, uma das principais bandas de rock alternativo do Rio. O vocalista Demetrius parou de remar contra a maré e voou com a namorada para os EUA. "Cansei de correr atrás. Foram oito anos de muitas roubadas e poucos dividendos." A história do grupo começou em 1988, com o nome DOI-Codi. Desde o fim de 1991 como BL, eles tiveram a honra de inaugurar o templo underground Garage, onde chegaram a abrir show dos Buzzcocks. Lançaram dois CDs: *Brand New Dialog* e *Spinal Chords*, ambos em inglês. "Quem americanizar como nós vai acabar ao descobrir que o futuro é ralar até encher o saco", profetiza Demetrius. (Pedro Falcão)

Demétrius, *lizard* no último show

suga-suga

Um dos mais injustiçados CDs de 1996 foi lançado por um inglês beberrão e apaixonado por ska chamado Graham McPherson. Mais conhecido como Suggs, ele não se deixa abater pela vendagem modesta de *The Lone Ranger*. "Já estou compondo para o próximo disco", avisa o ex-vocalista do Madness, ligando de Londres. A produção dos artesãos do reggae Sly & Robbie em quatro faixas de seu disco ficou uma beleza, mas Suggs teve momentos estressantes. "Dizem que eu não queria regravar 'Cecília', de Simon & Garfunkel, mas era 'I'm Only Sleeping', dos Beatles, que eu não queria tanto fazer." Bobos pudores. Suggs acha graça do estouro do ska nos EUA. "Eu ouvi pouco, mas desconfio que o ska de lá é punk rock. É mais cru. Esquisito, as modas da Inglaterra chegam nos EUA dez anos depois..." Como quase todo mundo no Hemisfério Norte, ele está curtindo jungle e drum'n'bass. "Já gravei uma faixa com Tricky, mas não sei se vão lançar. É tãooo louca!" O repertório ao vivo do cantor não dá mole: inclui reggaes veneno como "Money In My Pocket", de Dennis Brown.



Suggs sugou Sly & Robbie, Paul Simon e Beatles

vai rolar...

Brown faz festa em Salvador

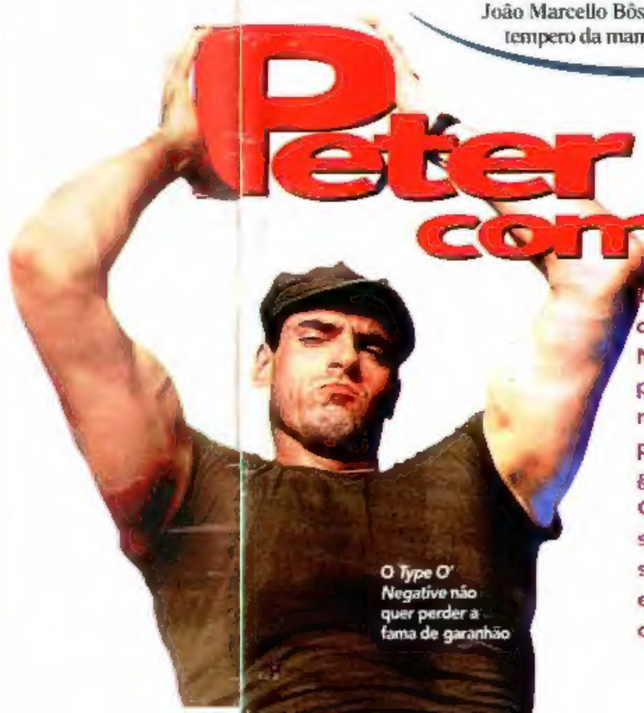
Em março, Salvador ganha a quarta edição do festival de percussão PercPan (Panorama Percussivo Mundial). Sob a direção de Gilberto Gil e Naná Vasconcellos, a edição deste ano do festival traz o tema "Modernas Tradições" e conta com as participações de Carlinhos Brown, Caetano Veloso, Tambores do Burundi, da África e Bharata Muni, da Indonésia, entre outras feras do batuque.
De 20 a 22/03 – Salvador (Teatro Castro Alves)

"Você acha que Elis cantava bem? Precisava ver ela cozinhando..."
João Marcello Bôscoli, com saudade do tempero da mamãe, na *Folha de SP*

banana split

Depois que deixou o Sr. Banana, Sérgio Sofiatti, ex-vocalista do grupo, passou a trabalhar com a banda de ska Skuba, de Curitiba. Sérgio também pensa em sair em carreira solo e mandou seu material para a gravadora Virgin. Quanto ao Sr. Banana, o guitarrista Eduardo Pizzato assumiu os vocais e o grupo já está até com uma nova demo que inclui uma versão de "Vida De Nego", de Dorival Caymmi.

Sérgio (à frente) deixou o Banana



O *Type O' Negative* não quer perder a fama de garanhão

Peter com P grande

Darth Vader está ao telefone: "Obrigado pela pontualidade." É o voz grossa Peter Steele, vocalista do Type O' Negative, que fez fama de hard rock depois que saiu pelado na revista gay *Playgirl*. "Nada demais, ganhei dois mil dólares e fiz para promover a banda." Peter não quer perder a fama de garanhão. Dá um amasso em duas garotas ao mesmo tempo, no clip da música "My Girlfriend's Girlfriend". "É, mas não sou sempre tão bom assim..." Ao saber que Carlinhos Brown tem uma música de temática semelhante – "A Namorada" –, ele tira onda: "Quando eu for ao Brasil, vou ensinar a esse tal de Brown como é que se faz." (André Gordirro)

Alien

notícias de outros mundos

Brasile!

O molejo nacional sacode Milão. A carioca Miriam Lake (acima) comanda por lá, na FM Populare, o programa Avenida Brasil e, além de agitar bailecos com nossos sons, produz o documentário *Citta Musicali*, sobre a música no Rio e na Bahia.

Pelados revistados

Nada será como antes depois que você conhecer *Naturally – Nude Recreation For All Age*, revista sobre nudistas, peladões, peladinhas, peladuchos, pelaids, peludas... Para quem faz turismo sem levar roupas na bagagem. Assine pela Internet: http://www.tiac.net/users/nat.

Carne de vaca

OK, você é absolutamente tarado pela Pamela Anderson. Então abre a mão (uma só) e pague para entrar na home page em que ela aparece nua como sempre, e fazendo coisas... http://www.connect.ab.ca/~bigmamm/pamela/anderson.htm

Arrout!!!

A revista americana *Esquire* mandou um repórter ao front das churrascarias cariocas. O sujeito enlouqueceu de prazer e definiu o regabofe assim: "É a máxima do tudo-que-você-pode comer levada a extremos inacreditáveis." Burp!

Discoteca

"Este disco é bem legal por várias razões. Primeiro, porque consolidou muitas coisas que o reggae queria dizer como cultura de rua; depois, é um disco com várias influências de soul music. E ainda tem o filme, que exportou para o mundo a imagem do rude boy jamaicano."
(Marcelo Yuka, O Rappa)

THE HARDER THEY COME

Vários

A Jamaica dos anos 40 é a Jamaica da favelização: meninos e meninas deixando o campo, despejando-se numa capital sem infra-estrutura para coisa nenhuma, onde apenas aparentemente gravitavam todas as esperanças do mundo. Eles ajudaram a ampliar os domínios de Trenchtown, Shantytown e outros colossos de madeira e zinco. Sem emprego, pisando nos fios de esgoto, dividindo corredores estreitos com porcos e ratos, muitos desses jovens caíam rápido na malandragem.

Foi nesse cenário trash que a vida real inventou Rhygin', o mais temido e famoso bandoleiro da Jamaica. Vincent Martin nasceu no distrito de St. Catherine, em 1924. Escondia-se como um bicho, manejava armas e – claro – safava-se sempre das emboscadas da polícia e dos inimigos do gueto. A saga de Vincent terminou em Lime Cay, uma ilhota desabitada distante 12 quilômetros da costa. A força policial chegou de repente e destroçou o corpo dele à bala.

Jimmy Cliff encabeça o filme e a trilha, que ilustram o jeito jamaicano de se ganhar a vida

Foi em cima dessa história que o diretor Perry Henzel fez o épico *The Harder They Come*, uma das vitrines do jeito jamaicano de levar a vida. Jimmy Cliff encarnou o *rude boy*, cooperando para que o filme se tornasse um *cult*. No disco, Cliff aparece com quatro músicas ("You Can Get It If You Really Want", a balada "Many Rivers To Cross" – gravada por Eric Burdon e também por Joe Cocker –, "Sitting In Limbo" e a faixa-título – devidamente versada para o português *by* Titãs em "Querem Meu Sangue"). Scotty aparece em "Draw Your Brakes", cuja abertura em legítimo *patois* jamaicano virou vinheta de nove entre dez programas de reggae no rádio. A folclórica "Rivers Of Babylon", hino *nyahbinghi* adaptado do Salmo 137, tocado nos tambores desde os primórdios da cultura rasta, surge em sua versão definitiva nesse álbum com os Melodians. É a "Melô Do Banzo" por excelência: "Pelos rios da Babilônia, para onde fomos trazidos/E onde choramos muito, quando lembrávamos do Sião/ Porque os vilões nos trouxeram aprisionados/ Pedindo de nós uma canção/ Mas como podemos cantar uma canção nossa numa terra estranha?"

Toots & The Maytals, caras pesados na era do ska, do rock steady e do reggae (atribuem a eles o uso pioneiro do termo "reggay", em 1968) contribuem com "Sweet And Dandy" e "Pressure Drop", elos perdidos da transição rock steady/reggae, entre 1969 e 70. "Johnny Too Bad", com os Slickers, canta as desventuras dos rudeboys, que tiveram exemplo máximo e violento em Rhygin', Outra digna de festa é "Shanty Town", com Desmond Dekker. Rolam apelos à coragem do detetive 007 e à camaradagem cantada por Sinatra, Sammy Davis Jr. e Dean Martin em "Rat Pack" (Ocean 11).

Para quem se iniciou no reggae ouvindo Pato Banton, Shabba Ranks, Maxi Priest e Big Mountain, este disco pode parecer estranho. Mas ninguém que queira de fato entender qual é a do reggae pode se dar ao luxo de evitá-lo. Básico é pouco.
Otávio Rodrigues

Performance

Ano de lançamento: 1972

Produção: Jimmy Cliff, Derrick Harriot ("Drawn Your Brakes"), Byron Lee ("Johnny Too Bad"), Leslie Kong ("Rivers Of Babylon", "Sweet And Dandy", "Shanty Town", "Pressure Drop")

Faixas: "You Can Get It If You Really Want" • "Drawn Your Brakes" • "Rivers Of Babylon" • "Many Rivers To Cross" • "Sweet And Dandy" • "The Harder They Come" • "Johnny Too Bad" • "Shanty Town" • "Pressure Drop" • "Sitting In Limbo" •

The Harder They Come foi lançado no Brasil só em 1980. As músicas não foram feitas especialmente para o filme, e sim compiladas a partir de seu sucesso e significado. Não é um disco de hit parade, mas ainda assim soma algumas glórias. "Shanty Town", por exemplo, foi o primeiro sucesso de Desmond Dekker nas paradas britânicas, no verão europeu de 1967. Um remake do filme está a caminho, com trilha sonora assinada pelos Fugees.

Play it again

PARA APRENDER A TOCAR COM AS AULAS MPO, BASTA TOCAR O ▶ DO SEU *Vídeo*. E PARA MELHORAR AINDA + SUA PERFORMANCE, Play it again!

Agora, para sair tocando, você não precisa mais sair de casa!

Produzimos vídeo aulas para todos os tipos de músicos: corda, sopro, teclado, percussão e voz.

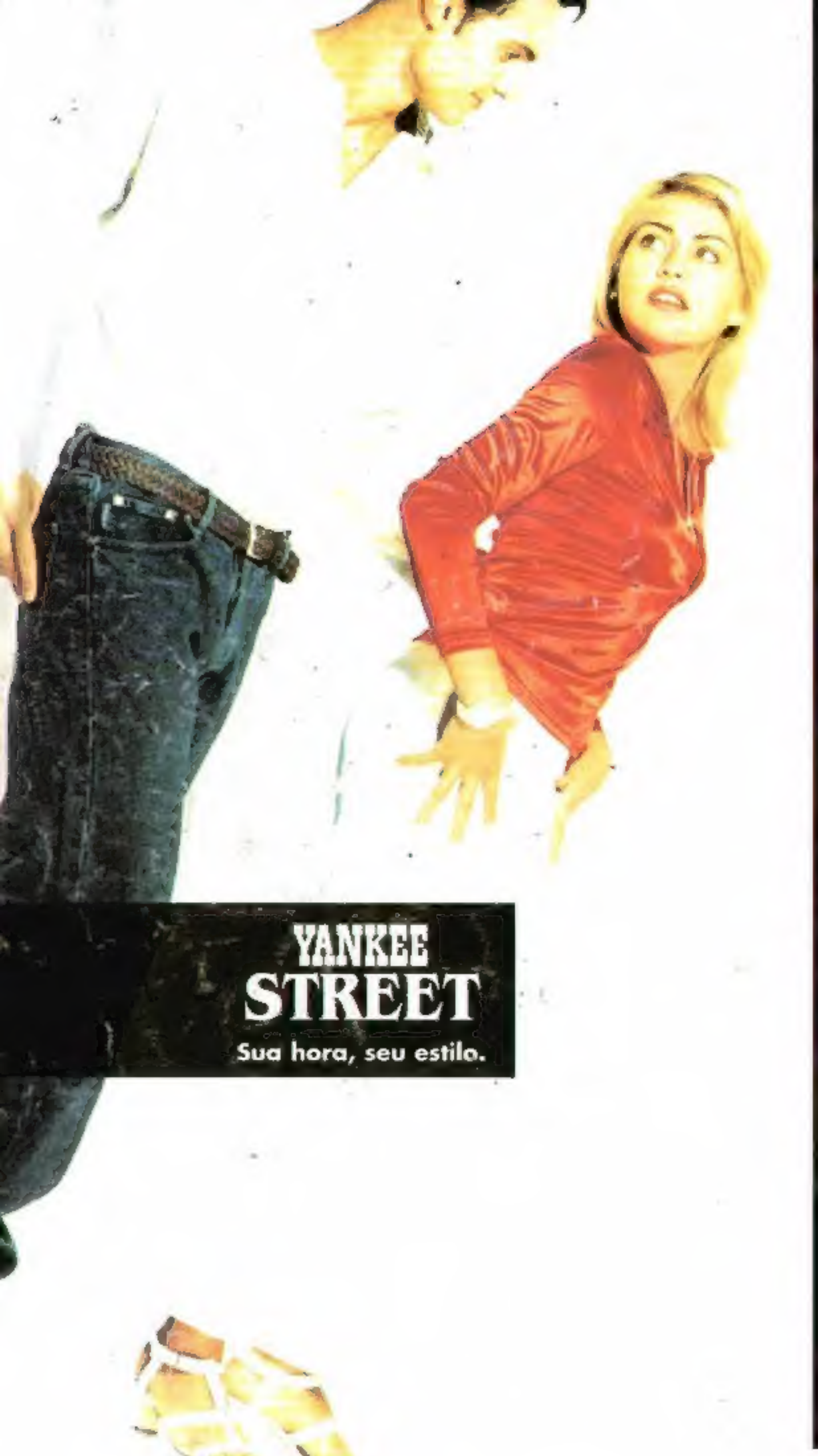
Com as aulas MPO, você terá um Work-Shop particular! Os músicos mais feras ensinarão tudo para você começar ou aprimorar a técnica com seu instrumento favorito.

Não perca tempo, ligue agora mesmo e peça a sua!!!

Ligue PARA A MPO E PEÇA JÁ A SUA FITA.
VOCÊ VAI DELIRAR!!!
APENAS R$ 39,00 CADA FITA
LIGUE JÁ
011 263 1522
MPO VÍDEO
UMA DIVISÃO DA MPO MULTIMÍDIA

http://www.mpo.com.br

MPO. A MELHOR PROGRAMAÇÃO
Conheça os produtos das divisões Vídeo e Software da MPO Multimídia. Ligue para nós e peça um catálogo de produtos. Você verá porque a MPO Multimídia oferece a melhor programação!



Agora com pulseira de metal.

Ātis